

CARTA DE TIAGO

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Fritz Grünzweig

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2008, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL

Título do original em alemão

Der Brief des Jakobus

Copyright © 1983 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grünzweig, Fritz

Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas / Fritz Grünzweig, Uwe Holmer, Werner de Boor / tradução Werner Fuchs. -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2008.

Título original: Der Briefe des Jakobus, Die Briefe des Petrus und der Brief des Judas, die Briefe des Johannes.

ISBN 978-85-7839-004-4 (brochura)

ISBN 978-85-7839-005-1 (capa dura)

1. Bíblia. N.T. João - Comentários 2. Bíblia. N.T. Judas - Comentários 3. Bíblia. N.T. Pedro - Comentários 4. Bíblia. N.T. Tiago - Comentários I. Holmer, Uwe. II. Boor, Werner de.

III. Título.

08-05057 CDD-225.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Comentários 225.7

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Prefácio

Introdução

I – O autor

II – Os destinatários da carta

III – Estrutura e objeto da carta

O Intróito da Carta – Tg 1.1

Primeira série de ditos: **SOBRE A TRIBULAÇÃO** – Tg 1.2-18

I – O cristão nas oscilações da vida – Tg 1.2-4

1 – Provações significam alegria (v. 2).

2 – Por que provações são alegria.

3 – O que as provações produzem (v. 3s).

II – A oração por sabedoria – Tg 1.5-8

1 – O que significa aqui a palavra “sabedoria”, em grego sophia?

2 – A verdade de podermos pedir.

3 – Como pedir corretamente?

III – A tribulação a partir das diferenças sociais na igreja – Tg 1.9-12

1 – A provação da humildade (v. 9).

2 – A provação da condição elevada (v. 10s).

3 – O prêmio dos aprovados (v. 12).

IV – Deus e as tentações – Tg 1.13-18

1 – O que Deus faz e deixa de fazer nesse caso (v. 14).

2. Como o mal de fato surge em nossa vida (v. 14-16).

3 – A pergunta a respeito da atuação exclusiva de Deus (v. 17).

4 – A mais preciosa das dádivas de Deus (v. 18).

Segunda série de ditos: **SOBRE O OUVIR CORRETO** – Tg 1.19-27

I – O ouvir e falar do cristão – Tg 1.19-21

II – O ouvir e o agir do cristão – Tg 1.22-27

Terceira série de ditos: **SOBRE COMO LIDAR COM POBRES E RICOS** – Tg 2.1-13

I – Como o crente deve lidar com pobres e ricos – Tg 2.1-7

1 – Nenhuma acepção de pessoas (v. 1).

2 – Um exemplo da reunião da congregação (v. 2-4).

3 – O contraste entre o agir de Deus e o nosso (v. 5).

II – Todas as esferas da vida sob o senhorio de Jesus Cristo – Tg 2.8-13

1 – A grande regra de uma vida correta (v. 8).

2 – Uma violação dessa regra (v. 9).

3 – O efeito da violação de um único mandamento (v. 10s).

4 – Estar cômico da responsabilidade final (v. 12).

5 – A importância da misericórdia no juízo (v. 13).

Quarta série de ditos: **SOBRE FÉ E OBRAS** (Quando fé e obras se contradizem) – Tg 2.14-26

I – Fé sem obras é morta, logo não é fé – Tg 2.14-17

1 – Que significa “crer”, em grego pisteúein?

2 – Que significam aqui as “obras”, em grego: érga?

II – Fé e obras não podem ser dissociadas – Tg 2.18-26

- 1 – Uma tentativa de mediação (v. 18).
- 2 – Fé não significa apenas ter por verdadeiro (v. 19).
- 3 – Não querer compreender (v. 20).
- 4 – Dois exemplos do AT (v. 21-25).
- 5 – Síntese

Quinta série de ditos: SOBRE O USO CORRETO DO DOM DA PALAVRA – Tg 3.1-12

- I – Não considerar superficialmente a tarefa de ser mestre na igreja – Tg 3.1
- II – Nossa língua (nosso falar) tem o papel decisivo em toda a nossa vida – Tg 3.2-8
- III – A língua dobre – Tg 3.9-12

Sexta série de ditos: ACERCA DA VERDADEIRA SABEDORIA – Tg 3.13-18

- I – Como encontrar o caminho? – Tg 3.13
- II – Características da sabedoria falsa e do espírito falso, a cuja condução não nos devemos confiar – Tg 3.14-16
 - 1 – Em que se denota o falso espírito (v.14).
 - 2 – Nenhuma ilusão própria e nenhuma ilusão do próximo! (v.14)
 - 3 – A origem da falsa sabedoria e do falso espírito (v. 15).
 - 4 – As conseqüências (v.16).
- III – Características do Espírito verdadeiro e da verdadeira sabedoria – Tg 3.17
- IV – Como alcançamos esse Espírito, essa sabedoria e essa fertilidade? – Tg 3.18

Sétima série de ditos: SOBRE O RISCO QUE REPRESENTA PARA NÓS O ESPÍRITO ANTIGO – Tg 4.1-12

- I – A raiz má – nosso egoísmo – Tg 4.1-3
 - 1 – A realidade da falta de paz (v. 1).
 - 2 – A causa da discórdia – de onde ela vem (v. 1).
 - 3 – Para onde leva a falta de paz (v. 2).
 - 4 – Até mesmo a oração é deturpada (v. 3).
 - 5 – O que ajuda.
- II – As alianças perigosas – Tg 4.4-10
 - 1 – Ganhar o mundo significa perder a Deus (v. 4-6).
 - 2 – Converter-se a Deus significa rechaçar o inimigo (v. 7b-10).
- III – Contra o espírito de julgamento na igreja – Tg 4.11s
 - 1 – As más línguas (v. 11)
 - 2 – A profissão usurpada.
 - 3 – Quem julga critica a Deus e seu mandamento.
 - 4 – Somos colocados no lugar que nos cabe (v. 12).

Oitava série de ditos: FAZER PLANOS COM AUTO-CONFIANÇA – Tg 4.13-17

- 1 – Planejar é necessário (v. 13).
- 2 – Como nosso planejar se torna errado?
- 3 – O ser humano não tem motivo para estar seguro de si (v. 13s).
- 4 – A atitude correta (v. 15).
- 5 – Na realidade ainda persiste o velho costume! (v. 16s).

Nona série de ditos: SOBRE O IMINENTE DIA DO SENHOR – Tg 5.1-12

- I – Palavra de juízo em vista do dia de Jesus Cristo – Tg 5.1-6
 - 1 – “Vós ricos”, em grego plousios (v. 1).
 - 2 – Muda a situação (v. 1-3).
 - 3 – Os diversos pontos de acusação (v. 3-6).
- II – Palavra de consolo em vista do dia de Jesus Cristo – Tg 5.7-12
 - 1 – O grande futuro ajuda a viver corretamente no presente (v. 7s).
 - 2 – Como o grande dia da salvação ainda poderia se tornar uma desgraça para nós (v. 9).
 - 3 – Outros foram exemplos para nós na perseverança (v. 10s).
 - 4 – Nenhum desvio da atitude de humildade e paciência (v. 12).

Décima série de ditos: JUNTOS NA CAMINHADA ATÉ O ALVO – Tg 5.13-20

I – “De tudo faça uma oração!” – Tg 5.13

II – A tarefa junto a companheiros cristãos enfermos – Tg 5.14-18

1 – O cristão e a enfermidade (v. 14).

2 – O enfermo e a igreja (v. 14)

3 – A igreja e seus enfermos (v. 14).

4 – A tríplice promessa dada a essa oração (v. 15).

5 – A premissa de perdão e cura (v. 16).

6 – Uma frase genérica sobre a oração no presente contexto (v. 16).

7 – Um exemplo de oração atendida da história do povo de Deus (v. 17s).

III – A tarefa junto a irmãos cristãos desviados – Tg 5.19s

1 – A situação (v. 19).

2 – O serviço (v. 19).

3 – O efeito (v. 20).

COMENTÁRIOS SOBRE A CARTA DE TIAGO

ORIENTAÇÕES

PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de Tiago está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

Qumran Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do AT. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

Sam O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

- Targum** A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.
- LXX** A tradução mais antiga do AT para o grego é chamada de “Septuaginta” (LXX = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A LXX é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do AT.
- Outras** Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do AT. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da LXX), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):
- Latina antiga por volta do ano 150
 - Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
 - Copta séculos III-IV
 - Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher
St-B	<i>Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> , vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B	<i>Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur</i> , Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

BLH	Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ	Bíblia de Jerusalém (1987)
BV	Bíblia Viva (1981)

- NVI Nova Versão Internacional (1994)
RC Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL Versão Fácil de Ler (1999)

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

- Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio
Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque
Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

- Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios

2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Te	1Tessalonicenses
2Te	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

OUTRAS ABREVIATURAS

O final do livro contém indicações de literatura.

(A 25) Apêndice (sempre com número)

Traduções da Bíblia (sempre entre parênteses, quando não especificada, tradução própria ou Revista de Almeida)

(A) L. Albrecht

(E) Elberfeld

(J) Bíblia de Jerusalém

(NVI) Nova Versão Internacional

(TEB) Tradução Ecumênica Brasileira (Loyola)

(W) U. Wilckens

(QI 31) Questões introdutórias (sempre com número, referente ao respectivo item)

Past cartas pastorais

ZTK *Zeitschrift für Theologie und Kirche*

ZNW *Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche*

[ver: Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT (ed. Gordon Chown), Vida Nova.]

PREFÁCIO

Ao longo de sua história, antiga e recente, a igreja de Jesus repetidamente teve de lutar contra a tentação de dois descaminhos opostos: por um lado, a opinião de que o “cristianismo” é uma “moral”, pela qual o ser humano poderia bastar a Deus, ao mundo e a si mesmo. Assim a grande mensagem dos feitos de Deus é colocada em segundo plano, modificada ou completamente descartada. Por outro a idéia de que, na existência cristã, importam o pensar e o falar corretos. De qualquer modo Deus perdoaria tudo. O comportamento do ser humano poderia permanecer fora do foco de atenção. Enquanto o apóstolo Paulo combate principalmente o primeiro descaminho e fala, **p. ex.** em **Rm 1-8**, em primeiro lugar do agir de Deus para a redenção e renovação do ser humano, Tiago está interessado singularmente no combate ao segundo erro: mostra como deve e pode ser a resposta do ser humano aos grandiosos feitos salvíficos de Deus. Afinal, a obra salvadora de Deus não visa ganhar para si uma pessoa desobediente, mas alguém obediente. Por assim dizer, Tiago começa a partir de **Rm 12**. Não fala diretamente a respeito de nossa conversão a Jesus Cristo, do perdão de nossa culpa e do nosso renascimento por meio do Espírito Santo. Ele pressupõe tudo isso. Importa-lhe que, como indivíduos e como igreja, também no cotidiano vivamos nossa existência cristã de acordo com o querer revelado de Deus que nos compromete.

Isso é relevante não apenas para nós mesmos, mas também por causa de nosso serviço missionário. Hoje o livro Bíblia é lido por poucos, mas muitos lêem “a Bíblia” representada pelos cristãos em sua vida cotidiana. Na realidade

estão em jogo ambas as coisas: o que as pessoas vêem e o que somente Deus vê. Devido à nossa desobediência perante Deus podemos perder a autoridade interior para o testemunho.

Não por último, a santificação de nosso ser e viver, objeto das considerações de Tiago na presente carta, visa preparar-nos também para o retorno de nosso Senhor. Sob esse aspecto temos, em virtude das referências bíblicas em que Jesus nos indica os presságios de sua volta, a impressão de que hoje o anúncio de Tiago alcançou uma atualidade peculiar: “A vinda do Senhor está próxima” (Tg 5.8).

Portanto, é salutar que hoje dediquemos especial cuidado à reflexão a respeito da mensagem da carta de Tiago em nossas igrejas, congregações e grupos.

Fritz Grünzweig, 1973

INTRODUÇÃO

I – O autor

A – A situação inicial

- 1 – A carta de Tiago em si não traz nenhuma referência direta sobre quem é o autor.
- 2 – A tradição da igreja antiga nomeia como autor o irmão mais velho do Senhor, Tiago. No entanto, chama atenção que por um período relativamente longo a carta de Tiago não tenha sido reconhecida como escrito canônico, i. é, como pertencente ao conjunto dos livros do NT. É a posição de Orígenes (falecido por volta de 254 d.C.) e Eusébio (séc. IV). Este, porém, declara que a carta era lida em público na maioria das igrejas. Foi somente durante o séc. IV que ela se impôs definitivamente na igreja oriental e ocidental (Cirilo, Atanásio, Jerônimo, Agostinho). Contudo não se tem notícia de que na igreja antiga também tenha sido citada outra pessoa além de Tiago, irmão do Senhor.
- 3 – Dentre os portadores do nome Tiago no NT dificilmente outra pessoa além do irmão do Senhor poderia ser cogitada como autor da carta. No grupo dos discípulos de Jesus dois homens têm o nome Tiago: Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, e Tiago, filho de Alfeu (cf. Mt. 4.21 e as duas listas de apóstolos em Mt 10.2ss e Lc 6.14ss). No NT há ainda outros homens chamados Tiago: a fim de ser diferenciado de Judas Iscariotes, um segundo Judas entre os discípulos é chamado de filho de Tiago (Lc 6.16). E, entre as mulheres que observavam à distância os acontecimentos no Calvário, Maria é chamada de mãe de “Tiago, o menor” (Mc 15.40). De todos eles, é somente a respeito de Tiago, filho de Zebedeu, que o NT menciona mais do que meramente o nome. Ele fazia parte dos três discípulos que Jesus levou consigo para a casa de Jairo, para o monte da transfiguração e para a agonia no Getsêmani. Já no ano de 44, Tiago foi decapitado por Herodes, enquanto Pedro experimentou uma milagrosa salvação pela intervenção de um anjo (At 12.2ss). Por isso, dificilmente podemos cogitar Tiago, filho de Zebedeu, como autor da carta de Tiago. Afinal, essa carta registra uma experiência longa e rica com a igreja cristã. Os demais permaneceram desconhecidos demais para que um deles pudesse se apresentar em uma carta eclesial simplesmente como “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. Por isso, de fato somente o irmão do Senhor pode ser considerado como possível autor dentre todos os portadores do nome Tiago citados no NT.

B – Argumentos contra a autoria do irmão do Senhor

A pesquisa crítica arrola várias razões pelas quais Tiago, o irmão de Jesus, não escreveu a carta. Alegou-se em especial que:

- 1 – O grego usado na redação da carta é o de uma pessoa erudita, versada, com artifícios lingüísticos como trocadilhos etc. É o grego de um homem que provavelmente tinha este idioma como língua materna. Em contraposição, Tiago, irmão do Senhor, era palestino e uma pessoa simples. Sua língua materna era o aramaico, e ele dificilmente esteve alguma vez no exterior.
- 2 – Tg 2.14ss, dizia-se, debatia um equívoco evidentemente bastante disseminado acerca da teologia de Paulo. Por isso a carta de Tiago provavelmente teria sido redigida posteriormente ao período de vida de Tiago, irmão do Senhor.
- 3 – O problema dos mandamentos rituais e culturais, algo particularmente importante para a primeira igreja, não é mencionado em lugar algum. Tiago, irmão do Senhor, dificilmente teria escrito dessa forma. Também foi afirmado que no tempo da redação da carta a controvérsia entre os cristãos gentílicos e cristãos judeus acerca do mandamento cultural e ritual já teria sido superada há muito e pouco conhecida. Isso deporia em favor da escrita da carta em torno de cem anos depois da morte de Tiago, irmão do Senhor.

4 – O fato de que a carta de Tiago foi reconhecida apenas tardiamente como escrito do NT demonstraria que a igreja antiga não era unânime acerca da autoria da carta pelo irmão do Senhor (de acordo com Orígenes, a carta de Tiago não fazia parte dos escritos de reconhecimento geral, e também Eusébio a relaciona entre os antilegomena, i. é, os escritos “contestados”).

C – Posicionamento diante desses argumentos contrários

1 – Pedro escreveu sua primeira carta “por meio de Silvano, o fiel irmão” (1Pe 5.12). Portanto é possível que também Tiago, líder da primeira igreja em Jerusalém (veja abaixo, item D), tenha mandado escrever sua carta dirigindo-se a igrejas de outros países, que devem ter sido constituídas principalmente por cristãos judeus estrangeiros de fala grega, valendo-se dos préstimos de um cristão judeu de fala grega em Jerusalém (posição de Wilhelm Michaelis: *Einleitung in das NT*, 1946, BEG-Verlag, Berna), o qual conhecia com exatidão a forma de pensar dos destinatários. Não era pequeno o grupo desses cristãos judeus em Jerusalém (At 6.1). A maioria dos chamados “diáconos”, liderados por Estêvão, podem ter sido escolhidos do seio desse grupo. Todos os diáconos tinham nomes gregos. Na verdade a carta de Tiago foi escrita em grego fluente no tocante ao idioma, mas traz um modo de pensar hebraico em seu conteúdo e se compara com coletâneas de sabedoria do AT e do judaísmo. – A carta, que comunica às igrejas a decisão do “concílio dos apóstolos” (At 15.23ss), contém a mesma saudação helenista que não ocorre em mais nenhum lugar do NT e que no grego também consta em Tg 1.1. Essa carta possivelmente foi concebida por Tiago, que conforme At 15, apresentou a correspondente sugestão de acordo. Talvez nesse caso também tenha trabalhado o mesmo intérprete e escrevente que colaborou com a redação da carta de Tiago. Alguns pesquisadores também opinam que seus primeiros destinatários (cf. também a comunicação em At 15.23) tenham sido igrejas na Síria e Cilícia.

2 – No tocante ao conteúdo e à forma, a carta de Tiago possui fortes semelhanças com o Sermão do Monte e outras pregações de Jesus (cf., p. ex., Tg 1.22 com Mt 7.21,26; Tg 2.10 com Mt 5.19; Tg 2.13 com Mt 5.7; Tg 3.18 com Mt 5.9; Tg 4.5 com Mt 6.24; Tg 4.12 com Mt 7.1; Tg 5.2 com Mt 6.19; Tg 5.12 com Mt 5.34,37. – Cf. também a posição semelhante de Jesus e Tiago em relação a pobres e ricos, Lc 6.24s; 16.19-25; Tg 5.1-6). Como aquelas, a carta se assemelha à forma de exposição da sabedoria proverbial do AT. Isso permite supor que a carta também surgiu em um momento cronologicamente próximo à proclamação de Jesus. Vários exegetas, como Adolf Schlatter, Gerhard Kittel e Wilhelm Michaelis, suspeitam que a carta de Tiago seja um dos escritos mais antigos do NT.

Como será demonstrado no comentário sobre Tg 2.14ss, esse trecho da carta contém uma controvérsia apenas aparente com a teologia do apóstolo Paulo. O conceito decisivo “obras” possui significados diferentes em Tiago e em Paulo. As palavras da carta de Tiago também podem estar discutindo com um orgulho generalizado pela posse da verdade, um orgulho não disposto a obedecer a essa verdade. E podem combater o equívoco de transformar a graça que nos foi propiciada e anunciada por Jesus, como também é expressa nos evangelhos (Lc 15.22-24; 18.14; 23.43; Jo 8.11), em motivo de acomodação. A graça e o Espírito de Deus, bem como a obra redentora de Jesus Cristo, não visam gerar filhos desobedientes, mas obedientes a Deus.

3 – Possivelmente Tiago, o irmão de Jesus, já tenha escrito a carta antes que a controvérsia em torno da lei cultural e ritual tenha ficado bem evidente. Conseqüentemente, Tiago poderia ter anunciado, como seu Senhor e Mestre Jesus Cristo, sobretudo a vontade de Deus que nos compromete eticamente, assim como também já fizeram os profetas do AT. Também Jesus só falou detalhadamente a respeito das leis culturais e rituais depois que isso se tornou imperioso devido ao conflito com os fariseus e escribas. Se Tiago era “servo de Jesus Cristo” (Tg 1.1), deve-se supor que também para Tiago, assim como para seu Senhor, importava acima de tudo a vontade de Deus que compromete eticamente toda a nossa vida.

Até mesmo se Tiago tivesse escrito somente depois da reunião dos apóstolos relatada em At 15, em que ele mesmo sugeriu o acordo, a questão deve ter ficado clara tanto para ele como para as igrejas às quais a decisão foi comunicada, e que possivelmente também foram as primeiras destinatárias desta carta. Logo, não havia mais necessidade de abordar a questão.

4 – Podem ter havido duas razões para que a carta de Tiago não fosse aceita no acervo dos escritos do NT por um tempo relativamente longo:

a) É possível que a carta de Tiago tivesse um grupo de leitores relativamente pequeno, primordialmente judeus cristãos. Somente mais tarde é que ela se tornou mais amplamente conhecida.

b) Talvez várias pessoas considerassem a carta de Tiago como sendo um escrito das igrejas cristãs judaicas que se isolaram fortemente em relação às demais, sobretudo da igreja cristã gentílica, e cujos escritos não constavam

da tradição geral do primeiro cristianismo. De qualquer modo vemos a atuação do Espírito de Deus no fato de que a igreja antiga finalmente acabou acolhendo no cânon do NT a tão importante carta, que em diversos aspectos complementa o testemunho restante do NT, e que é prática e inquietante.

Consideramos muito provável que a presente carta seja de autoria do Tiago irmão do Senhor (posições de Adolf Schlatter, Gerhard Kittel, Wilhelm Michaelis, Kurt Hennig, Walter Warth). O único líder cristão conhecido no primeiro cristianismo que se chamava Tiago era Tiago, o irmão do Senhor. O autor da carta cita somente seu nome. Ele sabe que é conhecido. Com singeleza e naturalidade a carta advoga para si a necessária autoridade. Se, p.ex., outra pessoa, de época posterior, tivesse pretendido escrever sob o nome do irmão do Senhor – como supõem vários – ele com certeza teria se intitulado expressamente de “irmão do Senhor”. Precisamente essa singela indicação de autoria depõe de forma decisiva em favor do conceito de que de fato não se trata de outra pessoa que não Tiago, o irmão do Senhor.

Contudo, a questão da autoria por parte do irmão do Senhor com certeza não é determinante, ainda mais porque nem a própria carta levanta tal reivindicação. Afinal, cremos no Senhor testemunhado e em sua palavra, não nas testemunhas.

D – A vida de Tiago, irmão do Senhor

Uma vez que consideramos plausível a autoria de Tiago, o irmão do Senhor, apresentemos aqui algumas coisas sobre sua vida:

1 – Além do irmão mais velho, por assim dizer um meio-irmão, Jesus, Tiago tinha mais três irmãos mais novos: José, Simão e Judas (Mt 13.55) e no mínimo mais duas irmãs (em Mt 13.56 a palavra ocorre no plural).

No início Tiago não creu em Jesus. Depois que eclodiu o conflito entre Jesus e o poderoso partido dos fariseus, bem como com os influentes escribas, sua família quis trazê-lo para casa: “Saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si!” (Mc 3.21). Parecia-lhes como um ato de loucura arriscar esse confronto (a razão mais profunda para esta tentativa de levá-lo para casa deve ter sido justamente esse conflito, cf. Mc 2.18-3.6.) Os irmãos tentavam proteger Jesus e toda a família da vergonha do apedrejamento ou da cruz. Também tinham convencido Maria, a mãe, a ir com eles (Mc 3.31ss). – Contudo, os irmãos certamente também tinham esperança de que junto de seu irmão mais velho, que flagrantemente era uma pessoa especial, também poderiam ser pessoalmente engrandecidos. Por isso o desafiaram a não apenas mostrar seu poder milagreiro no recôndito da Galiléia, mas no grande “palco” de Jerusalém e da festa dos tabernáculos. Talvez tivessem esperança de que agora ele finalmente se manifestasse como o Messias (Jo 7.3s). Nessas duas iniciativas, que Tiago, o mais velho depois de Jesus, deve ter liderado, percebe-se que os irmãos de Jesus pensavam de forma tipicamente humana, “porque também seus irmãos não criam nele” (Jo 7.5).

2 – Após a Páscoa, porém, aconteceu a grande mudança na vida de Tiago. O Senhor ressuscitado lhe aparecera (1Co 15.7). Não existe nenhum relato detalhado acerca deste encontro no NT, assim como tampouco sobre o primeiro encontro de Pedro com o Senhor ressuscitado (1Co 15.5; Lc 24.34).

Agora Tiago, sua mãe e os irmãos se associam ao grupo dos apóstolos (At 1.14). Em breve ele teria uma posição de liderança na primeira igreja, a congregação cristã judaica de Jerusalém. Isso se nota pela menção expressa de Tiago em At 12.17, onde Pedro se despede da igreja de Jerusalém. Também Gl 1.19 cita Tiago como um dos homens decisivos em Jerusalém.

A importância de Tiago evidenciou-se especialmente pela forma como cooperou no “concílio dos apóstolos” (At 15). Propôs o acordo decisivo a ser celebrado entre os cristãos judeus e gentílicos (At 15.13-21). Esse acordo não excluía tensões ocasionais. Elas não se manifestaram entre Paulo e Tiago, mas entre Paulo e os adeptos de Tiago (Gl 2.9,12). No relevante esforço de encontrar o caminho certo para o novel cristianismo, que se desenvolvera a partir de um grupo no seio do judaísmo até tornar-se uma entidade independente, Tiago defendia, no convívio entre cristãos judeus e gentílicos, particularmente os interesses dos grupos judaicos. Seu coração batia intensamente em favor da obediência séria à santa e salutar vontade de Deus já revelada no AT. Isso se torna visível também na presente carta, o que depõe em favor da autoria do irmão do Senhor.

3 – No contexto externo à Bíblia há informações de que Tiago viveu ainda até a década de sessenta do primeiro século em Jerusalém, sendo chamado pelos judeus de “justo”: também como cristão ele teria cumprido com grande fidelidade a lei do AT, orando e jejuando intensamente. Isso lhe teria rendido entre o povo um respeito tão grande que, ao contrário de outros líderes cristãos, conseguiu se manter em Jerusalém durante toda uma geração.

A respeito da morte de Tiago, irmão do Senhor, há dois relatos extrabíblicos que concordam no fato de que ele sofreu o martírio: o historiador judaico Josefo informa que Tiago teria sido entregue ao apedrejamento pelo sumo sacerdote Anás II depois do falecimento do governador Festo e antes da chegada de um novo governador romano (ou seja, durante um interregno, que lhe propiciou certa liberdade de manobra) no ano de 62 (Josefo descreveu a guerra judaico-romana – 66-70 d.C. – e faleceu por volta de 100 d.C.). O escritor cristão Eusébio (séc. IV), porém, reproduz um informe de Hegésipo, do séc. II, segundo o qual Tiago, pouco antes de eclodir a guerra judaico-romana no ano de 66, foi lançado do pináculo do templo por uma multidão furiosa, instigada pelos fariseus e escribas, e trucidado com uma clava. Estava eliminado o homem cujo serviço sacerdotal de intercessão por Israel havia detido a desgraça. Esta seguiu seu curso.

II – Os destinatários da carta

Tg 1.1 diz que “as doze tribos na dispersão” (em grego diaspora) são os destinatários (cf. 1Pe 1.1).

1 – A quem isso se refere? Porventura os judeus daquele tempo que viviam no estrangeiro, que desde o cativo babilônico haviam se estabelecido inicialmente nos países orientais e depois, como vemos particularmente em At, também no Ocidente, em muitas localidades maiores? Contudo, naquela época as “doze tribos” há tempo já não existiam. Desde o cativo assírio (722 a.C.) as dez tribos do reino do Norte não existiam mais.

A carta de Tiago é uma carta cristã, ainda que o nome de Jesus seja mencionado expressamente apenas em duas ocasiões (Tg 1.1 e 2.1). Toda a carta está nitidamente impregnada do espírito e da terminologia do Sermão do Monte (cf., p. ex., Tg 1.22 com Mt 7.21,26; Tg 2.10 com Mt 5.19; Tg 2.13 com Mt 5.7; Tg 3.18 com Mt 5.9; Tg 4.5 com Mt 6.24; Tg 4.12 com Mt 7.1; Tg 5.2 com Mt 6.19; Tg 5.12 com Mt 5.34,37). Igualmente se fala da vinda do Senhor (Tg 5.8), sendo que Tg 2.1 diz quem é o Senhor aguardado. Em Tg 5.14 a comunidade em questão é necessariamente cristã. No grego consta ekklesia. Era assim que se chamavam as igrejas cristãs, mas não as sinagogas judaicas. Logo, não pode tratar-se de um escrito judaico. Mostra-se aqui a vida do grupo trazido ao lar divino por Jesus, seu relacionamento entre si e perante o contexto em que vivia.

2 – Além disso, é levantada a pergunta: seriam apenas grupos cristãos judeus os destinatários da carta de Tiago e, conseqüentemente, não teria ela nada a ver diretamente conosco, que viemos de povos gentílicos? Em diversas passagens da Escritura nota-se como as pessoas que conforme At 15 se reuniram para um “concílio de apóstolos” (e, em decorrência, o primeiro cristianismo propriamente dito) entendiam a igreja de Jesus Cristo.

- a) Pedro escreve a igrejas cristãs, das quais evidentemente também participavam cristãos gentílicos que “outrora viviam na ignorância segundo os desejos” (uma fórmula fixa de condenação dos judeus sobre os gentios da época): “Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, o povo santo, o povo da propriedade” (1Pe 1.14; 2.9). Portanto a escolha, dádiva e incumbência do povo de Deus do AT (Êx 19.6) valiam agora também para o povo de Deus do NT, a igreja de Jesus formada de Israel e dos povos dentre as nações.
- b) Paulo escreve: “Ele de ambos fez um só” (a igreja de Israel e das nações) “e derrubou o muro que separava” (Ef 2.14). Na carta aos Romanos ele declara que os cristãos vindos dos gentios foram enxertados de forma não-natural como ramos silvestres na oliveira de Israel (Rm 11.17). O povo de Deus do NT, a igreja de Jesus formada de Israel e das nações, é o povo gerado pelo Espírito de Deus e que serve a Deus (Jo 1.13; 3.3-6; Fp 3.3), formando agora por assim dizer as “doze tribos na dispersão”. Estão no mundo, na diáspora (o mesmo termo grego, tanto em Tg 1.1 como também em 1Pe 1.1), inclusive entre nós, no “Ocidente cristão”.

A multidão assim reunida constitui, já durante a irrupção da era presente (“primícias”, Rm 11.16), a vanguarda da grande e boa soberania de Deus em Jesus Cristo. A ordem das doze tribos de Israel é, até mesmo depois de exteriormente as doze tribos já não existirem, o “quadro”, a moldura para a grande multidão dos que foram trazidos ao lar. Também os cristãos dentre os gentios agora são por assim dizer enxertados nas doze “coroas de ramos” da grande oliveira Israel, e no dia de Jesus Cristo já não faltará nela nenhuma folha sequer. Terá entrado no lar o número pleno previsto por Deus dentre as nações (Lc 21.24; Rm 11.25). No limiar do reino milenar de paz de Jesus Cristo, o próximo grande passo de Deus depois de nosso éon atual rumo à consumação será a salvação, então, de “todo o Israel”, ou seja, Israel como povo (Rm 11.26). Na seqüência todos os demais povos também darão honras a Deus (Ap 15.4; cf. 21.3). Veja também abaixo o comentário sobre Tg 4.4s.

- c) À semelhança de Pedro e Paulo, também Tiago deve ter considerado a igreja de Jesus reunida dentre Israel e as nações como o Israel da nova aliança, agora transposto para a diáspora. Em decorrência, também nós cristãos dentre os gentios somos, ao lado dos cristãos de Israel, os destinatários diretos da carta de Tiago.

III – Estrutura e objeto da carta

Ao contrário da carta aos Romanos, não descobrimos na carta de Tiago nenhum pensamento grande que a perpassasse. Violentamos a carta quando tentamos sistematizá-la. Ao contrário, em breves e marcantes palavras ela nos diz coisas decisivas para a vida do cristão entre co-cristãos e em meio a um contexto tão diferente. Tiago fala a igrejas cujo culto ameaça tornar-se forma e cujo discurso de fé ameaça tornar-se uma fórmula. Aponta para mazelas concretas no culto e na vida cristã e eclesial propriamente ditos (Tg 2.2-9; cf. Tg 1.27) e destaca que uma fé viva traz frutos (Tg 1.22-25; 2.15-26; cf. também o Prefácio).

À semelhança do livro de Provérbios no AT, a carta de Tiago é um belo buquê de boas e úteis palavras, mas elas não foram simplesmente justapostas de forma desconexa. Pelo contrário, o bloco anterior em geral já indica o tema que será retomado e desenvolvido na seqüência. Tiago tem no ouvido as perguntas e objeções de seus leitores e trata delas. Assim a carta se torna um diálogo vivo. Por exemplo, o intróito da carta encerra com o incentivo à alegria. Tiago conhece, porém, a amarga objeção de vários leitores: “Na minha vida, no entanto, falta justamente a alegria!” Por isso passa de imediato, no primeiro bloco temático, a tratar da questão da relação entre alegria e tribulação. – Quando à estrutura da carta, cf. o Sumário.

COMENTÁRIO

O INTRÓITO DA CARTA – Tg 1.1

1 – Tiago, servo (escravo) de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que se encontram na dispersão, saudações (para alegria).

Temos diante de nós o costumeiro proêmio das cartas helenistas: remetente, destinatário, saudação.

Remetente: “**Tiago**”. Quanto à autoria, cf. a Introdução I.

Ao nome se acrescentam profissão e posição do escritor da carta: “**servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo.**” Ele é “escravo”, “servo da gleba”, como pode ser traduzido o termo grego *doulos*. Não tem nada que ainda lhe pertença pessoalmente: tempo, forças, dons, serviço pertencem a seu Senhor. Somente a vontade dele é determinante na vida de Tiago. Pessoalmente não tem nenhum plano próprio. Não é “empreendedor” autônomo. Tampouco trabalha por conta própria. Ao mesmo tempo sua posição de “servo” de Jesus Cristo significa que, onde ele estiver, ali também estará seu Senhor: Tiago tem autoridade. Também Paulo designa a si mesmo de “servo de Jesus Cristo” (Rm 1.1), e Maria se descreve como “serva do Senhor” (Lc 1.38). Essa posição não é apenas a de cristãos com grandes incumbências especiais, mas é essencialmente inerente à existência cristã.

Tiago é “servo do Senhor Jesus Cristo”. Não afirma que, como nós imagináramos, é o irmão do Senhor. Viu-o como Ressuscitado. Conhece-o como aquele que agora foi glorificado. Portanto já não tem a mesma posição diante dele como no passado, quando os dois cresceram juntos em Nazaré.

Vemos aqui o que significa: “Não conhecemos mais a Cristo segundo a carne” (2Co 5.16). Impede-se a falsa familiaridade. Não devemos esquecer a magnitude e santidade de nosso Senhor em vista da sua proximidade e amor.

Os destinatários: “**Às doze tribos na dispersão.**” Quanto aos destinatários da carta, cf. Introdução II.

A saudação: é uma convocação para alegrar-se. Naquele tempo era essa a forma usual de saudação. Também o comandante do destacamento de Jerusalém saúda dessa maneira seu superior, o governador romano em Cesaréia na costa do Mediterrâneo (At 23.26). No mundo, palavras de saudação com freqüência são fórmulas vazias (inclusive hoje), “palavras sem cobertura”. Porém nos lábios da pessoa crente e intercessora as mesmas palavras recebem conteúdo a partir de Deus. Também a saudação cotidiana torna-se, entre cristãos, palavra de bênção, proposta de paz (Mt 10.12s). O mensageiro de Jesus conhece e traz a razão da alegria, a grande oferta: o ser humano é aceito por Deus. Recebe a paz dele. Torna-se filho dele. Deus é bom para ele. Servindo a ele, a vida humana se reveste de sentido. Ele confere participação na grande e convicta esperança. O crente pode participar eternamente daquilo que Deus é, tem e faz. Isso é evangelho, boa notícia, motivo de alegria.

PRIMEIRA SÉRIE DE DITOS: SOBRE A TRIBULAÇÃO – Tg 1.2-18

I – O CRISTÃO NAS OSCILAÇÕES DA VIDA – Tg 1.2-4

- 2 – Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações,**
3 – sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança.
4 – Ora, a perseverança deve ter ação completa (condizente com o alvo), para que sejais (pessoalmente) perfeitos (condizentes com o alvo) e íntegros, em nada deficientes.

1 – Provações significam alegria (v. 2).

Na saudação Tiago falou da alegria (sua palavra de saudação não é apenas a forma usual daquele tempo): “como cristãos, deveis e podeis vos alegrar” (v. 1). Contudo é capaz de colocar-se na realidade dos destinatários da carta e sabe que em vista de sua sina dificilmente conseguem se abrir para essa idéia. Por isso declara expressamente que as vicissitudes são motivo de alegria, e também justifica este ponto de vista.

- 2 “Por várias provações”:** constam aí os momentos altos e baixos, a aflição na vida pessoal e na vida dos semelhantes, as dificuldades econômicas e profissionais (os cristãos daquele tempo eram em grande medida pessoas simples, em parte escravos), as pessoas com as quais lidamos diariamente e que nos dificultam as coisas. – Agregam-se a essas as aflições específicas que atingem os cristãos: as pessoas em torno deles os ridicularizam, deixam de lado, observam com a finalidade de poder criticar. Naquele tempo os judeus, com os quais, afinal, tinham tanto em comum, hostilizavam os cristãos. Cada vez mais também os representantes do poder estatal romano, de altos e baixos escalões, os viam com suspeita. Essas tribulações são “várias”, “multiformes”. Vêm de todos os lados. São “coloridas”, como também se pode traduzir. Às vezes a situação se torna “variada” demais para nós.

“**Entrardes**”: entra-se em tais provações como em uma tempestade repentina. Há pouco o sol ainda brilhava amistosamente. Despreocupados seguíamos a jornada. Mas de repente precipita-se sobre nós a aflição, vinda de um lado inesperado. Ficamos deprimidos e arrasados. Também os cristãos daquele tempo podem ter pensado: como seria bela a vida, se não existisse isso!

É verdade que a Bíblia nos diz que não precisamos ocultar quando também estamos tristes em diversos tormentos (1Pe 1.6). Sim, ela nos diz que o próprio Jesus esteve triste quando atribulado (Mt 26.38; Hb 5.7). Mas Tiago escreve: a rigor, deveis e podeis vos alegrar com vossas tribulações.

2 – Por que provações são alegria.

O temo grego para “prova”, peirasmós, significa de um lado “tentação”, “sedução”, de outro, “teste”, “provação”. Trata-se aqui de situações em que não é fácil permanecer mantendo nossa vontade submissa à vontade de Deus. a) O inimigo detecta aqui uma chance para si: visa levar-nos ao ponto de nos separarmos da boa vontade de Deus. Sob esse aspecto a situação constitui para nós tentação, sedução. b) Deus, porém, deseja que também nessa situação preservemos para com ele a confiança e obediência. Sob esse aspecto a situação torna-se para nós uma prova e um teste de aprovação. Não é por acaso que a língua original do NT usa a mesma expressão para “tentação” e “provação”. Com frequência trata-se de uma mesma conjuntura: o inimigo tenta transformar em tentação, para que caiamos, e Deus visa transformar em teste, para sermos aprovados.

Testes são necessários. Pessoas jovens, p. ex., somente progridem e chegam a posições de responsabilidade quando não temem os trabalhos e exames escolares. Por isso também Deus nos conduz a provas para nos favorecer e levar ao alvo. Em vista de muitas provas é preciso solicitar admissão, e os candidatos se alegram quando a obtém, não porque os exames fossem tempos aprazíveis, mas porque constituem a premissa para que os jovens avancem na vida. Por analogia, também nós podemos nos alegrar quando Deus “permite” que sejamos provados. Em contrapartida devemos ficar inquietos quando ele não nos conduz a testes de aprovação ou quando eles são tão fáceis que nos levem a pensar que ainda somos “recrutados novos” na fé. Os cristãos favorecidos não são aqueles para os quais tudo corre às mil maravilhas, mas aqueles nos quais os testes se tornam cada vez mais difíceis. Também para Abraão as provas se tornaram cada vez mais difíceis até Gn 22.

Nossas tribulações e tentações são apenas lutas de retaguarda. A batalha decisiva foi travada pessoalmente por nosso Senhor. Quando testadas, as primeiras pessoas não foram aprovadas (Gn 3). Surgindo mais tarde Jesus, o “novo Adão” (Rm 5.15ss), ele começou a trilhar o caminho certo no exato lugar em que o primeiro Adão parou. Logo o “novo Adão” repetiu a prova do primeiro. Foi a primeira tarefa de Jesus, ainda antes da primeira convocação de discípulos (Mt 4.1-11). Isso acontece segundo a vontade do Pai por instrução do Espírito (Mt 4.1; cf. 1Co 2.10b). Contudo, ainda que nosso Senhor já tenha realizado a parte decisiva e nós consigamos passar pelas provações na “trilha” de sua vitória, não deixaria de ser petulância nossa adentrar as lutas restantes com auto-segurança humana. Paulo adverte: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12). Sim, o próprio Jesus nos ensina aorar: “Não nos deixes cair em tentação”.

No entanto, tampouco temos motivos para o medo. Deus não nos sobrecarrega. Enquanto nos testes humanos faz parte da justiça que cada pessoa receba a mesma tarefa, constitui aqui sinal da misericórdia de Deus que cada um receba na provação uma tarefa que lhe seja apropriada. Deus não quer que sejamos reprovados, mas que passemos pelo teste. “Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10.13).

3 – O que as provações produzem (v. 3s).

- 3 a) Aprendemos a paciência. **“Pois tendes o conhecimento de que o teste de autenticidade de vossa fé produz paciência.”** O termo grego para “paciência”, hypomoné, significa também “perseverança”, “constância”, literalmente “permanecer por baixo”, debaixo das condições difíceis, das tarefas onerosas, dos sofrimentos físicos e psíquicos etc., permanecer debaixo de Deus e de sua vontade, no lugar em que ele nos colocou. Nossa natureza humana perde a paciência diante das adversidades. Mas em que sentido, afinal, as tribulações produzirão paciência nos cristãos?

Paulo escreve: “Estais radicados nele”, em Cristo (Cl 2.7). As tribulações são capazes de nos prestar o serviço de nos ensinar a enraizar-nos cada vez mais profundamente em Deus, a agarrar-nos cada vez mais firmemente a ele. É como as árvores fazem na natureza: as de raízes rasas são derrubadas, uma depois da outra, pela tempestade. As faias solitárias sobre os montes agarram-se cada vez mais firmemente às rochas nas ventanias. Conseqüentemente, nossa constância se fortalece cada vez mais nos testes de autenticidade. – Igualmente colhemos experiências com nosso Senhor, como p. ex.: “Ele tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir, ele empobrece e enriquece; abaixa e também exalta” (1Sm 2.6s). Em novas provações saberemos por experiência própria: não há motivos para resignar. Sabemos o que podemos esperar de Deus nas provações, qual é o método de nosso Deus: ele socorre na aflição e, na hora certa, também ajuda a sair dela. Em certas circunstâncias, outros, ainda iniciantes na fé, poderão aprender algo com a tranquilidade, serenidade e certeza daqueles que há muito vivem com seu Senhor e em muitas provações já colheram numerosas experiências com ele. “... que têm sido exercitados” (Hb 12.11). Ademais é importante que preservemos as experiências de tribulações anteriores para a atualidade e o futuro, para nós e outros (Sl 77.12) e as façamos frutificar em determinadas ocasiões.

- 4 b) Chegamos a uma obra completa e redonda. **“Mas a paciência deve conduzir a uma obra perfeita”**: muitas vezes pensamos que se formos protegidos contra as adversidades diárias obteremos uma vida que é uma obra não-turbada, perfeita. Aqui ouvimos o contrário: é justamente sob as muitas dificuldades que deve e pode acontecer (as instruções de Deus são ao mesmo tempo promessas) que cheguemos ao alvo de uma obra vital redonda, completa, agradável a Deus. Os que “com lágrimas semeiam hão de colher com alegria” e trazer seus feixes (Sl 126.5s). Quando estamos alicerçados na comunhão com nosso Senhor e colhemos forças de seus mananciais, somos capazes de perseverar e permanecer suportando o fardo até chegarmos ao alvo. O fato de aqui se falar da “obra” significa que paciência não é apenas passividade. No caso de nosso Senhor a paixão foi máxima ação. – No grego, o termo “perfeito” está relacionado ao termo télos, “alvo”. A obra, portanto, é ao mesmo tempo “condizente com o alvo”. Isso significa que o trabalho de nossa vida não será simplesmente algo para ser exibido perante pessoas ou para uma “biografia cristã”, mas que nosso Senhor, cujo veredicto será o único em vigor, um dia nos dirá em sua graça: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor!” (Mt 25.21).

c) E nós mesmos, no devido prazo, nos tornamos pessoas completas para o alvo. **“Para que vós (pessoalmente) sejais perfeitos (condizentes com o alvo) e irrepreensíveis e não apresents**

deficiência em nada”: o que está em jogo perante Deus não é apenas o que realizamos, mas também o que somos. Em seu dia nosso Senhor deseja apresentar irrepreensíveis as pessoas que lhe foram confiadas pelo Pai, a si mesmo e depois ao Pai (assim como por fim também a toda a criação), como pessoas inteiras. Até então é preciso que tenhamos chegado a esse ponto (Ef 5.27; 1Co 15.23-28). No devido prazo ele deseja consumir sua obra. Não deverá persistir deficiência em nenhum aspecto, em nenhum quesito da prova deve aparecer um “insuficiente”. Nosso Senhor assumiu pessoalmente a garantia de que estaremos prontos no prazo da grande festa (Ap 19.7; Mt 22.2-14; Lc 14.16-24), no dia de Jesus Cristo. “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6). “O Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis no futuro de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama; o qual também o fará” (1Ts 5.23s).

No grego, “**irrepreensível**” significa literalmente “como porção inteira”. Na antiga aliança Israel era a “porção” ou “herança” do Senhor, pertencia a Deus de maneira peculiar (Êx 19.1-9). Essa é agora a destinação da igreja de Jesus, o povo de Deus do NT formado dentre Israel e as nações (cf. o exposto na Introdução acerca da questão a respeito dos destinatários da carta). Em decorrência da obra que o Pai realiza por meio do Filho e do Espírito, a igreja de Deus pode e deve ser uma porção e herança agradável a ele (assim como a porção e herança dela é o Senhor – Sl 16.5s; cf. Dt 18.2). Justamente nos períodos de provação está em jogo um grande alvo: “Os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18; cf. 2Co 4.17s). Por isso: “Considerai motivo de toda a alegria, meus irmãos, quando entraís em provações diversas”.

II – A ORAÇÃO POR SABEDORIA – TG 1.5-8

5 – Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida.

6 – Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento.

7 – Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa;

8 – homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos.

Falou-se das provações e de nossas possíveis deficiências. Se quisermos ser bem aprovados no teste que envolve toda a nossa vida cristã, não devemos sobretudo ter deficiências de sabedoria, de clareza sobre o que nos cabe fazer aqui e agora, de acordo com a vontade de Deus.

Foi assim com os cristãos nos dias de Tiago em meio a seu contexto gentílico. Eram hostilizados pelos grupos influentes e poderosos de Israel e observados com desconfiança pelas instâncias estatais. Também hoje há necessidade de muita sabedoria em vista das grandes questões da igreja de Jesus no mundo atual e de nosso cotidiano, no qual temos de ser aprovados como cristãos: como devo proceder na vida profissional, na educação dos filhos, diante da vizinhança não-cristã?

5 É nesse ponto que Tiago começa com a próxima frase: “**Se, porém, alguém de vós carece de sabedoria**”: de forma alguma se trata apenas dos menos capazes, literalmente dos “que ficaram para trás” de maneira geral. Nessa questão cada um de nós é carente. Esse “alguém” refere-se a “cada qual”. Seria um perigoso equívoco pensar que nessa questão “saberemos nos virar sozinhos”.

1 – O que significa aqui a palavra “sabedoria”, em grego *sophia*?

Não devemos imaginar nela a sabedoria humana, a filosofia, principalmente se relacionada às questões últimas: “quem está acima do curso do universo?” e “qual é a origem e o sentido da vida humana e de toda a história dos povos?”. Aqui a Escritura sentencia que, em decorrência da rebelião do ser humano contra Deus, o pensamento humano está “obscurecido” (Rm 1.21; Ef 4.18), porque o pecado se coloca como uma parede de nuvens entre nós e Deus. De qualquer modo, nesse aspecto o pensamento desvinculado de Deus, autocrático e arbitrário do ser humano encontra-se no caminho falso (Rm 1.22; 1Co 1.19,27; 1Co 2.14). Não somente o querer da pessoa natural, mas igualmente seu pensar foi condenado e “cruzado” pela cruz de Jesus, que na realidade representa o juízo de Deus sobre nós.

Por nova sabedoria “espiritual”, no entanto, a Bíblia compreende o reconhecimento concedido e produzido por meio do Espírito de Deus: o reconhecimento daquilo que Deus faz e do que ele espera que o ser humano faça (1Co 1.24; 2.6s; 12.8; Ef 1.17; Cl 1.9; Tg 3.13,17).

a) A percepção, a compreensão para aquilo que Deus faz. Por meio de Jesus Cristo, seu Filho, Deus nos confidenciou informações acerca de seu plano, seus caminhos e seus alvos (Jo 15.15). Especialmente 1Co 2 mostra o sublime alvo da sabedoria divina, a nossa glória (1Co 2.7).

“Glória é divindade revelada” (F. Oetinger). A Escritura não apenas afirma que um dia estaremos na glória, mas que nós mesmos seremos glória (como também consta textualmente em Cl 3.4). É para nós uma “sabedoria na poeira”, como disseram os pais do Pietismo suábico, pela qual o ser humano se torna pequeno e Deus, grande. Isso é teologia em sentido genuíno, à qual todo cristão pensante é convocado: acompanhar pela reflexão, em admiração e gratidão, os grandes pensamentos que nos foram revelados por Deus em Jesus Cristo, e deixar que nos levem aos alvos de Deus. Conversão a Jesus Cristo não exige renúncia à razão. Pelo contrário, agora o ser humano foi liberto e iluminado para um novo pensar. Nosso pensar foi “batizado” na morte de Cristo e vivificado com ele, situando-se na obediência a ele (2Co 10.5). Nosso Senhor Jesus Cristo nos foi dado precisamente para que sejamos libertos de nosso pensar (e logo também do viver) errado para o pensar (e viver) correto. “Jesus Cristo foi feito por Deus para nós sabedoria” (1Co 1.30). Sim, em nosso Senhor Jesus Cristo, no evangelho a seu respeito, foram-nos franqueados a inesgotável fonte da sabedoria de Deus, o caminho e o alvo: o reconhecimento daquilo que Deus faz e fará com cada ser humano, com sua igreja e com todo o seu mundo. Da mesma forma o reconhecimento do que ele espera de nós em uma vida condizente com Jesus – de nós como pessoas que por meio do seu Espírito são igualadas com a figura do Primogênito. “Em Cristo estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2.3).

b) Em segundo lugar, na acepção da Escritura sabedoria significa – algo já assinalado acima – a compreensão daquilo que Deus deseja que seja feito por nós, os seus. Por isso, para Tiago importa principalmente a pergunta: como nós nos comportamos em nosso dia-a-dia, na colorida mudança da realidade, particularmente nas adversidades, nos contratempos, nas provas – será de forma agradável a Deus e de modo a representar um testemunho de Cristo também perante nosso entorno, com palavra, ação e ser?

2 – A verdade de podermos pedir.

“**Peça a Deus**”: Tiago estava aprendendo com seu Senhor e Mestre. Ele mostrou-nos a grande e maravilhosa possibilidade, a saída para toda a perplexidade: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Mt 7.7). A prece pela sabedoria divina é a prece pelo Espírito de Deus, porque a sabedoria é um dos efeitos do Espírito (Ef 1.17). Nosso Senhor reservou uma promessa especial à prece pelo Espírito (Lc 11.13). Os dons exteriores também são concedidos por Deus a quem não os pede a ele (Mt 5.45). Contudo, ele não despeja simplesmente seu Espírito, a si mesmo, sua salvação sobre as cabeças das pessoas. Não impõe a ninguém os dons interiores. Nesse aspecto ele requer ser rogado. “Quer que estendamos as mãos em direção de seu agir misericordioso” (J. C. Blumhardt). – Como devemos imaginar o atendimento da prece por sabedoria? O Espírito de Deus vincula-se à palavra de Deus. Jesus declara acerca do Espírito: “Há de receber do que é meu” (da palavra dada de uma vez por todas) “e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26; 16.14). Por isso, ao darmos ouvidos à palavra de Deus e lidarmos com ela em oração, o Espírito de Deus fará incidir luz sobre nossa situação e questionamento. Propicia-se a noção do que é imperioso no momento, bem como a dádiva de dizer aos outros uma palavra de esclarecimento, orientação e auxílio (cf. 1Co 12.8).

“**Deus concede a cada um**”, traduz Lutero conforme o sentido geral: a sabedoria divina de forma alguma é propriedade particular de alguns teólogos, “homens de Deus”, encarregados de tempo integral, dirigentes na igreja, especialmente dotados. Cada um tem a promessa.

“**Deus dá de bom grado.**” A palavra grega para o modo como Deus dá significa “simplesmente”, “despretensiosamente”, “sem segundas intenções”. Lutero traduz “singelamente”. Ao dar, Deus não faz ressalvas e é cheio de bondade. Não se comporta como as pessoas, nem como os gentios pensavam a respeito de seus deuses. –“**Ele dá sem repreender**”: estamos acostumados à versão alemã de Lutero - “Ele não pressiona ninguém.” Não priva ninguém. Não coloca a cesta do pão fora de alcance (p. ex., para mostrar quem é chefe na casa). Literalmente o sentido é: “Ele não critica.”

Nós também damos, mas não raro criticamos ao mesmo tempo, a começar por nossos próprios filhos. Por exemplo: “Você vem pedir ajuda depois que arrumou encrenca. Deveria ter pensado melhor antes.” Ou: “Depois de todas as suas atitudes para comigo, eu não deveria lhe dar mais nada!” Deus não faz sermões nem críticas. Não nos prende ao que passou. “Sua misericórdia é nova a cada manhã” sobre nós “e sua fidelidade é grande” (Lm 3.22s).

3 – Como pedir corretamente?

- 6 **“Mas peça em fé”**: Deus pode e Deus deseja dar. Presenteia com pura bondade, sem permitir que nossa atitude passada comprometa sua disposição para dar. A isso corresponde, pois, de nossa parte, a confiança pura e irrestrita. Podemos ir ao encontro da ilimitada bondade de Deus – se não a quisermos contestar, magoar ou ferir – unicamente com confiança irrestrita. – **“E sem a menor dúvida”**: a dúvida contesta Deus e sua bondade. Destrói nossa comunhão com Deus e constitui o pecado original (Gn 3.4s: Deus não tenciona o bem de vocês; quer tão-somente mantê-los “por baixo”). – **“Porque quem duvida é igual à onda do mar, impelida e agitada pelo vento.”** É arrastado para lá e para cá: confia em Deus por um instante e depois está novamente cheio de desconfiança: “Afinal, não estou ganhando nada.” Lutero afirmou que quem duvida se assemelha a um mendigo que por um momento estende sua vasilha e de imediato torna a recolhê-la por medo de, afinal, nada receber. Afinal, não se recebe nada de alguém assim.
- 7 **“Não suponha uma pessoa dessas que obterá algo do Senhor”**: já entre humanos é ultrajante quando não acreditamos que a pessoa a quem pedimos auxílio seja capaz de alguma coisa. Quanto mais isso vale perante o Deus todo-poderoso e todo-misericordioso! Entre pessoas, a insuficiência de confiança diminui a disposição de atender a um pedido. Tiago diz que a mesma coisa acontece com Deus. Dúvida, desconfiança e descrença fecham seu próprio caminho para Deus e suas dádivas (cf. Mt 13.58; 16.4). Façamos de toda a nossa vida uma “vasilha”, que estendemos humilde, paciente e confiantemente a Deus em oração!
- 8 Quem duvida **“é de ânimo dobre”**, uma pessoa com “duas almas”, como seria a tradução literal de *dipsychos*. Quem duvida está por um lado voltado confiante a Deus, com toda a naturalidade, e em outro momento, com desconfiança, distanciado de Deus; uma vez aberto para o Espírito do alto e outra vez aberto para o espírito de baixo. Na confiança em Deus o ser humano é restaurado, na desconfiança ele é incurável (Gn 3). **“É inconstante em todos os seus caminhos”**: Não apenas em relação à oração, mas em vista de todos os âmbitos da vida aquele que duvida é arrastado para lá e para cá, inclusive na pergunta se a palavra de Deus é confiável, se ele pode ter certeza de sua salvação, se seu trabalho não será vão, etc. Em contraposição, quem confia em Deus segue uma trajetória clara e segura, não baseado na autoconfiança, porém na alegre e resoluta fé em Deus e suas promessas.

III – A TRIBULAÇÃO A PARTIR DAS DIFERENÇAS SOCIAIS NA IGREJA – Tg 1.9-12

- 9 – O irmão, porém, de condição humilde glorie-se na sua dignidade, e o rico, na sua insignificância,
- 10 – porque ele passará como a flor da erva.
- 11 – Porque o sol se levanta com seu ardente calor, e a erva seca, e a sua flor cai, e desaparece a formosura do seu aspecto; assim também se murchará o rico em seus caminhos.
- 12 – Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor prometeu aos que o amam.

A partir do v. 2 as palavras de Tiago giram em torno das tribulações em que nos encontramos como cristãos. Agora ele passa a tratar da provação que representa o fato de alguém parecer insignificante, provação tanto no sentido do teste por parte de Deus como também no sentido da tentação pelo inimigo e pela natureza humana. Da mesma forma Tiago passa a falar da prova de autenticidade da existência cristã e da tentação em que uma pessoa cai quando é rica.

1 – A provação da humildade (v. 9).

9 **“O irmão”**: em questão está, portanto, o relacionamento no seio da igreja cristã. Na realidade conjuntural daquela época o contraste entre ricos e pobres era grande e, para muitos, algo natural. Como, porém, a igreja de Jesus Cristo lidava com este contraste no grupo reunido por meio de proclamação, fé e batismo, na família dos filhos de Deus, nos irmãos, posteriormente nascidos, do grande irmão Jesus Cristo, na “geração vindoura”, na vanguarda do esperado reino de paz de Jesus Cristo? Como se supera a realidade de que no seio da igreja há pessoas de diversas categorias sociais? Será que os humildes se enchem de sentimentos de inferioridade ou de rancor e amargura? Preparam uma revolução social? E os ricos? Será que sua vantagem burguesa também serve de base para sua autoconfiança e sentimento de valor e para sua posição no interior da igreja? Porventura aquilo que a riqueza propicia valeria mais do que aquilo que o Senhor concede no evangelho?

Será que a propriedade privada é anulada por princípio? Não se fala disso aqui, e evidentemente não há nada no evangelho que obrigue a isso (nem mesmo At 4.32 deve ser entendido assim). Tiago mostra muito simplesmente a nova valoração do ser humano em decorrência do evangelho.

“O irmão de condição humilde”: a humildade não é simplesmente negada. Por enquanto ela continua existindo. A realidade não é mudada pela via revolucionária. A “condição humilde” podia e pode incluir muitos aspectos: fazer parte da categoria dos escravos, não ter estudo (p.ex. analfabetos), ter poucos dons, renda baixa, poucas posses, profissão simples, falta de influência. – **“Glorie-se na sua dignidade”**: é justamente dele que se aproxima de modo especial nosso Senhor Jesus Cristo, que “se tornou pobre por amor a nós” (2Co 8.9), que “não tinha onde repousar a cabeça” (Mt 8.20). Por meio da pobreza de Jesus o humilde se torna rico (2Co 8.9). Por meio dele passa a ser filho de Deus, “co-herdeiro”, participe de tudo o que Jesus é e possui, e conseqüentemente também daquilo que Deus é e possui (Rm 8.17). Passa a ter alta nobreza. Pode entrar e sair diariamente do lar do Rei de todos os reis. Seu Senhor lhe confere participação em sua glória para sempre (1Co 2.7; Rm 8.18; Cl 3.4) e também em sua obra e seu domínio (Mt 25.21; Ap 3.21). – **“Glorie-se”**: lembre-se disso com louvor e ação de graças, encha-se com esses pensamentos, fale muito disso, para honra de seu Senhor. É assim que um cristão dá conta de sua própria condição humilde, seja por destino, seja ao sofrer por amor a Jesus. Não precisa se engalfinhar nem se “encrespar” em prol de sua honra e afirmação. Já possui uma honra incomparável. Por isso o sentimento de humildade não o esmaga e tampouco o deixa amargurado. Não o envenena nem destrói. O cristão pode encarar pessoas e situações com liberdade. Dessa maneira, a rigor já não é “humilde”.

2 – A provação da condição elevada (v. 10s).

10 **“O rico, porém, glorie-se em sua insignificância”**: provavelmente rico é usado como adjetivo, não como substantivo. Refere-se à palavra “irmão”. Deve-se ter em mente os ricos na igreja (a respeito dos ricos no entorno da igreja Tiago fala em Tg 2.6s).

Os “ricos” na igreja eram pessoas abastadas e de posição social destacada, membros de famílias influentes, avantajadas em dons e estudo. Agora Tiago fala da **“insignificância”** dos ricos, justificando-a com a transitoriedade da riqueza e, por conseqüência, também dessa base de seu sentimento de valor e autoconfiança: **“porque passará como a flor do capim”**. Já Is 40.6s falava do poder e da grandeza humanos usando a metáfora do capim, que no Oriente murcha de um dia para outro sob o vento ardente vindo do deserto.

11 Essa metáfora é acolhida por Tiago para explicitar a transitoriedade daquilo que torna alguém rico: **“O sol se levanta com seu ardente calor, e faz secar o capim, sua flor cai, e desaparece a formosura do seu aspecto. Assim também definhará o rico em seus caminhos”**: na hora da morte os bens ficam para trás (Lc 12.20s). Com frequência eles já se desfazem antes em crises econômicas, especulações equivocadas, guerras com suas conseqüências, ou por causa da desonestidade de pessoas. A pessoa rica não se livra das preocupações. Boas posições podem-nos ser tiradas rapidamente pela idade, enfermidade, mudança da conjuntura, golpes políticos. A beleza pode murchar depressa, acuidade intelectual pode se perder em acidentes ou doenças. Nada é mais seguro para nós do que isto: **“Assim também definhará o rico em seus caminhos.”**

Isso, pois, é visto por Tiago como motivo para alegrar-se. O rico deve **“gloriar-se”** de sua insignificância (v. 10), ou seja, deve gostar de lembrar e falar disso. Como isso deve ser entendido e realizado na prática? **“Têm como se não tivessem”** (1Co 7.29-31). Não prendem a tudo isso o coração (Mt 6.19-24). Com o que possuem são administradores de Deus. São bens que lhes foram confiados (cf. Mt 25.14ss). Levam a sério sua administração e têm o propósito de ser fiéis. Alegram-

se quando os recebem, e estão dispostos a devolvê-los novamente (Jó 1.21b). Por isso estão isentos das inquietas e medrosas preocupações que com frequência atormentam tanto os ricos neste mundo. Não estão agarrados à propriedade. Algo diferente deixa-os alegres e confiantes na vida e na morte, no tempo e na eternidade: “Em mim e minha vida não há nenhum valor; por Cristo é concedida a luz ao pecador” (Paul Gerhardt [1607-1676 – HPD 160,3]). Isso coloca no mesmo nível os membros da igreja socialmente diferentes e os posiciona muito perto uns dos outros. A pobreza não humilha, a riqueza não exalta. – Quando a questão da riqueza não parece mais tão terrivelmente importante, estão asseguradas também as premissas para a harmonização social. Ela acontece sem que se faça grande alarde disso. Pessoas renovadas geram uma realidade nova. Dessa maneira a riqueza também passa a não ser mais tentação e perigo. Sabe-se que ela não é nada em comparação com a graça de Deus, concedida igualmente a todos. Perante Deus somos todos mendigos e todos regamente presenteados.

Nesse contexto igualmente será bom lembrar que também os dons (em grego charismata) e serviços (cargos) específicos na igreja não exaltam uma pessoa sobre a outra. Aliás, isso contrariaria a maneira de Jesus (Mt 18.1-4; 20.25-28). Os dons espirituais não são pedestal para alçar os detentores nem condecorações por uma conduta especial, mas meros equipamentos para determinados serviços (1Co 12.7). Não devemos nos deixar fascinar pelo que conseguimos realizar por meio do dom de Deus, mas nos alegrar com o presente imerecido que nos foi dado pela filiação divina (Lc 10.20). Também nesse caso vale de forma especial: “Em mim e minha vida não há nenhum valor; por Cristo é concedida a luz ao pecador” [Paul Gerhard, HPD 160,3] “Pela graça de Deus sou o que sou” (1Co 15.10). Por fim, o dom (1Co 13.8) e a incumbência somente nos foram atribuídos provisoriamente. No grande dia de nosso Senhor precisamos contar com uma redistribuição (Lc 19.17).

3 – O prêmio dos aprovados (v. 12).

É nesse contexto que aparece a conhecida palavra de Tg 1.12, e é nesse contexto que cumpre também compreendê-la.

12 “Bem-aventurado”: a palavra constitui praticamente uma continuação das bem-aventuranças de Jesus (Mt 5.3-11). Não se trata de verdades gerais. Não são verdadeiras “em si”, mas apenas verdadeiras em e por meio de Jesus Cristo, por meio do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Em sua graça Deus concede o maravilhoso prêmio à nossa porçãozinha de aprovação, que na verdade vive a cada instante da fidelidade dele.

a) Quem é “ditoso”? **“A pessoa que carrega (ou “suporta”) com perseverança a provação”.** Trata-se de um verbo derivado do grego “paciência”, “permanecer por baixo”, hypomoné (cf. o comentário a Tg 1.3). Portanto, é importante não tentar escapar das múltiplas provas de Deus, mas perseverar nelas por amor e para louvor dele: seja sob o peso que significa sermos atribulados por causa da obediência de fé – condições precárias, tarefas difíceis, pessoas que nos causam problemas, preces aparentemente não atendidas – seja (conforme a composição da palavra) debaixo da tribulação de nos encontrarmos, em um aspecto qualquer, ou até mesmo em vários aspectos, humanamente no lado obscuro da vida.

b) “Bem-aventurado” em que sentido? Desde já, porque o beneplácito de Deus repousa sobre nós quando, pelo amor de nosso Pai, suportamos aquilo que nos foi ordenado como filhos de Deus. Mas Deus por sua graça nos presenteará principalmente no alvo com o grande prêmio de vitória: **“Porque, depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida.”** O termo grego stéphanos significa os louros da vitória na competição esportiva. Como ficaremos pasmos quando Deus responder de forma tão maravilhosa à nossa corrida cristã, na qual de fato nos guiamos pela palavra: “Deste-me trabalho com os teus pecados e me cansaste com as tuas iniquidades” (Is 43.24). “Lá soará, Deus coroará: só ele salvação trará” (Philipp Friedrich Hiller [1699-1769]). – **“A vida”** é a definição de conteúdo daquilo que a coroa representa. Por isso pode ser traduzida: “Receberá a coroa, a saber, a vida.” Ou seja, a única coisa chamada vida, nosso Senhor Jesus Cristo, o grande Deus, sua comunhão eterna. “Estaremos com o Senhor eternamente” (1Ts 4.17). Quem tem Jesus tem tudo. “Contigo está a fonte da vida, e em tua luz vemos a luz” (Sl 36.9). “O Senhor é meu bem e minha porção” (Sl 16.5; cf. também 1Jo 1.2).

“Que Deus prometeu”: cf. Jo 3.16,36; 10.28; Rm 6.23; Cl 3.4; 1Ts 4.17b. Deus fez promessas. Penhorou sua palavra. Ele há de resgatá-la, inclusive quando parece estar atrasado (Hc 2.3; 2Pe 3.9). “A palavra do Senhor é verdadeira; e o que ele promete ele certamente cumprirá” (Sl 33.4).

“Aos que o amam”: em Jesus vemos o que significa amar a Deus. Por amor ao Pai ele trilhou qualquer caminho, também o mais enigmático: ao sinal dele tornou-se ser humano, “a fim de procurar e salvar o que está perdido” (cf. Fp 2.6ss; Lc 19.10). Segundo o desígnio do Pai, concordou com que os famosos se afastassem dele e somente os sem-nome o seguissem. “Eu te louvo, ó Pai... sim, Pai; porque assim foi agradável perante ti” (Mt 11.25s). Ele também ofertou dor e lágrimas do caminho indizivelmente difícil e enigmático até a cruz como sacrifício ao Pai (Hb 5.7). Amar a Deus: entre nós isso também inclui precisamente que por meio do Espírito de Jesus suportemos, segundo sua orientação e por amor ao Pai, caminhos incompreensíveis e sinas aparentemente absurdas: “Sim, Pai, de todo coração, o fardo teu carregarei” (Paul Gerhardt).

IV – DEUS E AS TENTAÇÕES – Tg 1.13-18

13 – Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta.

14 – Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz.

15 – Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.

16 – Não vos enganeis, meus amados irmãos!

17 – Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.

18 – Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que (oferta de) primícias das suas criaturas.

13 “O poder das circunstâncias era forte demais.” “Minha personalidade é forte, não consegui me controlar.” “Outras pessoas são culpadas.” “A rigor, Deus mesmo é culpado. Por que ele me deixou cair nessa situação tentadora? Por que me criou assim?” É assim que o ser humano tenta se livrar da culpa – e em última análise empurrá-la para Deus, para assim se autojustificar. A isso Tiago responde: **“Ninguém que é tentado diga: Sou tentado por Deus.”**

No bloco final da primeira série de provérbios da carta de Tiago, Tg 1.2-18, os versículos 13ss nos colocam novamente diante da palavra *peirasmós*, aqui predominante, e que no grego significa tanto os termos “prova”, “teste de aprovação” como também “tentação” (cf. Tg 2.12). Refere-se aos momentos perigosos e decisivos, nos quais um caminho errado se abre diante de nós e se torna viável e sedutor. Na Bíblia repetidamente vemos pessoas nessa situação: Eva perto da árvore proibida e com os desejos despertados e fortalecidos pelo tentador, querendo servir-se dos frutos (Gn 3.1-6). Caim, aparentemente preterido e cheio de rancor (Gn 4.3-8). José no Egito, com a possibilidade de, não obstante a situação criada pela vileza dos irmãos, tornar as coisas bem agradáveis para si (Gn 39.7-10). Absalão, com a chance de agora se tornar rei (2Sm 15.1-12).

1 – O que Deus faz e deixa de fazer nesse caso (v. 14).

a) Nos testes de aprovação é Deus mesmo quem nos conduz – esse é o inequívoco testemunho da Bíblia. José sofreu provação pela mão humana, mas sabia que Deus estava agindo nela. Era com ele que estava lidando. E Deus ajudou para que essa prova chegasse a um final feliz (Gn 50.20). Ao povo de Israel Deus declarou no fim de sua peregrinação pelo deserto: “Eu te humilhei e te provei, para saber o que estava no teu coração” (Dt 8.2). Ao velho Tobias é dito nos livros deuterocanônicos, (sem dúvida no mesmo sentido dos escritos canônicos), ao final de um longo e enigmático caminho, porém com desfecho positivo: “Fui enviado a ti para pôr-te à prova” (Tb 12.13b). Acima de tudo o próprio Jesus, como novo “Adão”, a fim de realizar mais uma vez o mesmo exame em que no passado o primeiro Adão fora reprovado, “foi conduzido ao deserto pelo Espírito, para ser tentado pelo diabo” (Mt 4.1).

b) O que Deus, porém, não faz: ele não **“tenta”**. Não deseja que sejamos reprovados nas provações. Não nos tenta para o mal. Procura não nos arrastar para a maldade. Do contrário, ele próprio ficaria do lado do mal.

Contudo Deus é “não-tentável”, inviolável pelo mal. Ele é a mais pura luz. Conseqüentemente Deus, por natureza, tampouco é capaz de “ludibriar” alguém ou arrastá-lo para as trevas.

2. Como o mal de fato surge em nossa vida (v. 14-16).

- 14** Não por culpa ou determinação de Deus, mas “cada um é tentado por sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz”.
- a) O primeiro estágio do caminho para o mal é “a própria cobiça”. Chama atenção que Tiago não cita o diabo. Não que o desconhecesse (cf. Tg 4.7s), mas ele nos diz: “Não se apresse em empurrar a culpa para o diabo; não o use para se livrar.” – “A própria cobiça” representa o objeto ou situação específicos que, dependendo da constituição e situação da pessoa, lhe são sedutores aqui e agora: no caso de Caim, foi a possibilidade dar uma boa lição ao privilegiado Abel. No caso de Acã foram ricos despojos. Para Sansão, uma mulher dentre os filisteus. Para Absalão, a coroa real. Isso “atrai” e “fisga”. Ou seja: primeiramente chegamos perto e rodeamos, ao menos em pensamento, aquilo que nos tenta, como o peixe rodeia a isca. Enquanto o peixe apenas é atraído pela isca e nada em seu redor, ele ainda não foi fisgado. Também nós ainda podemos ser preservados, ainda podemos fugir do pecado (Sir 21.2; Tg 4.7s), refugiar-nos junto de nosso Senhor, o vitorioso do Calvário e da Páscoa, junto daquele que é capaz de tornar “verdadeiramente livre” (Jo 8.36). “O nome do Senhor é um castelo firme (uma fortaleza). O justo corre até lá e é abrigado” (Pv 18.10; “Castelo forte é nosso Deus” [Martim Lutero]).
- 15** b) “Em seguida, depois de haver começado a cobiça”: aqui é descrito o segundo estágio. À semelhança de um bacilo que traz enfermidade, damos espaço ao desejo em nós, quando não buscamos ajuda junto do Senhor em oração. Acontece a “incubação”, ainda não manifesta exteriormente, e então a irrupção visível da “doença”: “Dá à luz o pecado.”
- Cobiça e pensamento geram, pois, ação. O peixe abocanha (a metáfora da isca – e do peixe – é a segunda utilizada por Tiago). Engoliu o anzol e passa a nadar com ele no corpo. Ainda está na água, mas fisgado pelo anzol. Quando toleramos uma idéia ou desejo por tempo suficiente em nós, ela (ou ele) finalmente se torna, com certa obrigatoriedade, uma ação.
- c) “O pecado, porém, uma vez consumado, dá à luz a morte.” O bacilo de enfermidade, multiplicado infinitamente, é capaz de finalmente sufocar a vida de um ser humano. Ou, ilustrando com a outra metáfora aqui utilizada, a da “isca”: na seqüência acontece um puxão com a vara de pesca, e o peixe sai voando do ambiente de vida para o ambiente de morte. Isso não acontece apenas quando alguém passou da morte para a “segunda morte”, a morte após a morte, para a eterna consciente condição de ter morrido para Deus (Mc 9.44; Ap 20.14). Vale igualmente agora, quando alguém “está morto em pecados” (Ef 2.5). É bem possível que os outros ainda nos considerem cristãos: “Tens o nome de que vives, e estás morto” (Ap 3.1).
- O mais perigoso na realidade não seria o “abocanhar do peixe”, o ato maligno individual, mas o fato de que por meio dele o inimigo amarra o ser humano a si, afastando-o assim da comunhão de vida com Deus, com Jesus Cristo, seu ambiente de vida. Na desobediência concreta começamos a apostatar de Jesus.
- A ajuda ainda continua aberta. “Onde o pecado se tornou poderoso, a graça é ainda mais poderosa” (Rm 5.20). Podemos correr até Jesus Cristo, o médico que permanece com o consultório aberto, bem como levar outros até ele. Ele é capaz de retirar novamente a “isca” e o “anzol” que já foi engolido, i.é, tirar o pecado e libertar das amarras (1Jo 1.7; Jo 8.34,36). Sim: Jesus pode não somente curar a enfermidade, mas também acordar da morte ao conceder (novamente) sua comunhão (Ap 3.1-4; Ef 2.1-6; Cl 2.13-15). Nosso Senhor diz: “Quem vem a mim, certamente não o lançarei fora” (Jo 6.37).
- 16** Em síntese cumpre dizer: não podemos empurrar a culpa para Deus e, dessa forma, justificar a nós mesmos: “Não vos enganeis, meus amados irmãos”, declara Tiago. Isso quer dizer: não tirem conclusões falsas por meio de uma lógica aparente (consciente ou inconsciente). O ser humano que tenta se afirmar contra Deus empenha de múltiplas maneiras sua capacidade mental para justificar essa atitude errada. Ver a situação corretamente constitui o primeiro passo para que possamos obter auxílio.

3 – A pergunta a respeito da atuação exclusiva de Deus (v. 17).

17 Tiago afirmou: “Ninguém que é tentado diga: Sou tentado por Deus”. Contudo, será que Deus não está agindo em tudo, até mesmo no mal, razão pela qual nossa decisão entre bem e mal possui apenas importância relativa? Diante disso a carta de Tiago (e toda a Bíblia) pronuncia um categórico não: **“Somente a boa dádiva e o dom perfeito são lá do alto, do Pai das luzes.”** A palavra de Deus nos diz claramente o que vem de Deus e o que não vem dele.

a) O que vem de Deus. Ele afirma: “Eu sou o Senhor, e não há outro; Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas essas coisas” (Is 45.6s). “Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?” (Am 3.6). A essas palavras de profetas corresponde a palavra em Sir 11.14: “Os bens e os males, a vida e a morte, a pobreza e a riqueza vêm do Senhor” [TEB]. Tudo isso é “boa dádiva e presente perfeito”, enviado pela sabedoria, amor e santidade de Deus. Por um lado não podemos perscrutar o agir Deus (Rm 11. 33), por outro certamente vemos: em Jó desgraça e enfermidade foram provas (Jó 1s). Israel foi duramente disciplinado por Deus por meio de Nabucodonosor na época da destruição de Jerusalém e do cativeiro babilônico. Do contrário provavelmente teria sido assimilado e submerso pelos povos que o cercavam. Acontece, porém, que Deus incluiu Israel de tal forma em sua educação que foi capaz de dar continuidade à sua história de salvação com ele (cf. Is 40ss; Dn 9). Deus também pode ordenar experiências difíceis e aflitivas para nós, com a finalidade de nos separar do mal, proteger contra a maldade e consolidar o bem. Suas dádivas não são sempre encantadoras e aprazíveis, mas são sempre **“boa dádiva e presente perfeito”**. Paulo diz: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28). Para que encontremos o caminho certo e permaneçamos nele, Deus nos envia felicidade e bem-estar, mas para a nossa educação e aprovação, também sofrimento e pesar.

b) Tudo vem de Deus, exceto o pecado, o mal, a natureza impura e oposta a Deus.

“Do alto” vêm apenas coisas boas e todo o bem. A isso se costuma dizer: Novamente se trata da visão de mundo antiga com sua concepção de “três andares”. Mas Deus não está “no alto” no sentido do lugar mais elevado. Está “no alto” e “em baixo”: “Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito” (Is 57.15). “Nele vivemos, nos movemos, e existimos” (At 17.28). Deus está “no alto” no sentido da elevada importância, da posição decisiva.

c) Deus é a mais pura e imutável luz. Ele é o **“Pai das luzes”**.

c.1 - Lutero traduz: “Pai da luz.” Deus é luz. Ele é “a fonte da vida, e em sua luz vemos a luz” (Sl 36.9). Deus é a fonte de todas as luzes, a “não-esgotada luz”. Assim como a natureza e tudo o que é vivo depende do sol, assim nós, como humanos, dependemos do sol de todos os sóis. Essa é nossa dignidade especial como pessoas. Mas fazíamos sombra a nós mesmos: “Teu pecado faz separação entre ti e teu Deus” (Is 59.2). Aconteceu o “eclipse de Deus” (Martim Buber). Contudo, em sua misericórdia Deus enviou a nós aquele que trouxe e traz sua luz ao mundo. “A luz brilha nas trevas” (Jo 1.5). Jesus é “a luz do mundo” (Jo 8.12). Seguindo-o encontramos o caminho por esse mundo. “Quem me segue não andarás nas trevas.” Esse é o conteúdo do evangelho: “A verdadeira luz resplandece agora” (1Jo 2.8). Nossa condição cristã é termos sido “chamados das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). O alvo dos caminhos de Deus é que, depois que a escuridão cobriu o orbe terrestre e trevas, os povos (Is 60.2), “as nações se encaminham para a tua luz” (Is 60.3; Ap 21.24). Então já não dependeremos da luz criada, porque temos a ele próprio de forma revelada (Ap 21.23). – Mas se Deus for a fonte da mais pura luz, da mais límpida santidade, então o pecado, o mal, não podem vir dele. A fonte não consegue dar o que não se encontra nela.

c.2 - **“O Pai das luzes.”** Muitos entendem a passagem imaginando Deus como Pai dos astros personificados. Mas a Bíblia constantemente fala de poderes angelicais usando a imagem das estrelas, como provavelmente Jz 5.20; Sl 148.3; Is 14.12s; Dn 12.3; Ap 8.10; 9.1; 12.4. E também os poderes angelicais excepcionalmente são chamados “filhos de Deus” (Jó 1.6; 2.1).

Deus é somente luz, somente pureza, somente santidade. Não é comparável à terra com sua alternância entre dia e noite, quando a claridade é seguida pela escuridão. Em Deus não existem as duas coisas: “Nele não existe mudança nem escurecimento em decorrência da guinada” (os antigos pensavam que na alternância entre dia e noite se tratava de uma guinada na trajetória do sol. Hoje, porém, sabemos que a terra se “vira”, i. é, que sua rotação constante produz esta alternância).

4 – A mais preciosa das dádivas de Deus (v. 18).

Somos “irmãos amados” (v. 16), porque somos filhos amados de Deus, “filhos da luz” (Ef 5.8).

a) Como nos tornamos isso? Certamente não através de nossa louvável decisão.

18 Tiago diz: **“Ele nos gerou segundo seu querer.”** Sem dúvida, nosso Senhor nos chama e em seguida espera de nós a decisão de segui-lo. Contudo quando prestarmos contas a nós mesmos em retrospectiva, não restará nenhuma honra para nós: tudo foi feito por ele segundo sua vontade de tornar nova nossa vida (cf. Jo 15.16; Rm 8.28-30).

b) Através de que isso aconteceu? Qual é seu instrumento? **“Pela palavra da verdade.”** Essa é a dádiva de todas as dádivas. É a palavra que ilumina nossa situação, que constitui a verdade sobre nós. É a palavra que “lavra algo novo”, que representa a semente para os sulcos e que orvalha, nutre e limpa a plantação. Ela traz a vida verdadeira, a vida a partir de Deus. Leva-nos à verdadeira existência humana, assim como Deus nos concebeu (Mt 13.3ss; Lc 8.11). É a palavra que está sendo proclamada aqui, a palavra que em última análise se chama Jesus Cristo (Jo 1.1ss; Ap 19.13). Sua palavra é Espírito e vida (Jo 6.63). Traz não somente conhecimento, mas possui força e é ação. Assim como a palavra criadora de Deus foi ação, assim também é ação a palavra de nossa nova criação, a palavra do evangelho. Neste caso também vale: “Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33.9). Em tudo isso Deus se mostra como o único fiel na grande apostasia da humanidade, como o único verdadeiro, também no cumprimento de sua promessa, quando todo o resto tiver se tornado refém da mentira (cf. Ap 19.11).

c) Que efeito e finalidade tem essa palavra? **“Para que fôssemos como que oferta de primícias das suas criaturas.”** Vimos acima que o objetivo de Deus é voltar a clarear o mundo obscurecido pela grande rebelião. “As nações hão de andar na luz dele e os reis no fulgor de Deus” (Is 60.3), “até que Deus seja tudo em todos” (1Co 15.28). Jesus é o resplendor da glória de Deus (Hb 1.3), é “luz, que veio ao mundo”. Nele a luz vinda de Deus novamente nos alcançou. Ele é a luz do mundo (Jo 8.12). Sob seu reflexo também nós somos “luz do mundo” (Mt 5.14). Mais do que isso: a luz está em nós por meio do Espírito dele, tornando-se transparente em nós. “Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6). O mundo zomba, dizendo que nós cristãos seríamos no máximo a “luz traseira” do mundo. Mas quando permanecemos singelamente voltados para nosso Senhor e abertos à influência de sua palavra e seu Espírito, ele cuida para que apesar disso sejamos e continuemos sendo “luz do mundo”.

Na metáfora da “oferta de primícias” cumpre lembrar os primeiros frutos da colheita ofertados a Deus. A humanidade, lavoura de Deus (Mt 13.38), produziu cardos e abrolhos. Por isso Deus permite que também a lavoura do ser humano produza cardos e abrolhos (Gn 3.17-19). Contudo agora caiu no solo o único grão de trigo bom, “importado” por Deus para dentro desse mundo, o eterno Filho de Deus (Jo 12.24). Conseqüentemente, a igreja de Jesus agora pode ser começo da maravilhosa colheita de Deus (Mt 13.30,37-43; Ap 14.15). A safra aponta para além dela mesma. Ela é apenas começo, “fruto de primícias”. A igreja de Jesus constitui um sinal de esperança para toda a criação (Rm 8.19ss).

Por realizar tudo isso, a palavra de Deus é a dádiva de todas as boas dádivas de Deus.

SEGUNDA SÉRIE DE DITOS: SOBRE O OUVIR CORRETO – Tg 1.19-27

- 19 – Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar.**
- 20 – Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus.**
- 21 – Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma.**
- 22 – Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.**
- 23 – Porque, se alguém é (apenas) ouvinte da palavra e não (também) praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural.**
- 24 – Pois a si mesmo se contempla, e se retira, e para logo se esquece de como era a sua aparência.**

- 25 – Mas aquele que considera, atentamente, na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, esse será bem-aventurado no que realizar.**
- 26 – Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã.**
- 27 – A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo.**

A primeira série de ditos culmina no v. 18, onde se fala da “palavra da verdade”. A essa palavra corresponde, por parte do ser humano, o ouvir. Abre-se, assim, o acesso à nova série de ditos, na qual está em pauta o ouvir correto.

- 19 “Sabei, meus amados irmãos”:** no início da nova seqüência de ditos Tiago torna a explicitar que ele não apresenta sentenças morais para a sociedade em geral, mas que fala com cristãos acerca da nova vida possibilitada por Jesus Cristo, acerca da vida daqueles que por meio dele se tornaram filhos de Deus (Jo 1.12; Rm 8.14s).

Tiago enuncia primeiramente o ouvir e falar dos cristãos (v. 19-21), depois o ouvir e o fazer (v. 22-27).

I – O OUVIR E FALAR DO CRISTÃO – TG 1.19-21

- 19 1 – “Toda pessoa seja rápida para ouvir”:** um dom inconcebivelmente grande, ter a capacidade de ouvir! Sem esse dom seríamos solitários e somente teríamos uma comunhão precária com nosso semelhante. Como realmente sofrem os deficientes auditivos, e que pesado fardo carregam pessoas que nasceram surdas ou então perderam a audição mais tarde! Contudo toda dádiva traz consigo a tarefa de usá-la corretamente. Já no contexto humano geral é importante aprender a ouvir corretamente. Pessoas em posições de liderança têm necessidade disso para que avaliem bem os que cooperam com eles, situando-os no lugar apropriado. É necessário para aqueles que são apenas uma “engrenagemzinha” em um grande empreendimento (e quem não é isso hoje?): se quiserem captar com clareza sua incumbência e preencher adequadamente seu espaço, precisam ter aprendido a ouvir. E se alguém quiser ser uma verdadeira ajuda para outras pessoas na aflição, precisa saber ouvir, atentar para o que é dito ou não. Importante é ser “**rápido**” no ouvir, ser “**todo ouvidos**”, sintonizar-se com o outro rápida e integralmente mediante postergação de outras coisas que monopolizam a atenção. No entanto, muitas vezes vale para nós humanos: “Cada um de nós seguia o seu caminho” (Is 53.6). De forma análoga: cada um estava ocupado integralmente consigo mesmo e nem sequer prestava atenção quando outro perguntava, pedia e se lamentava. Jesus, porém, vivenciou a essência e o modo de ser de Deus: “Antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei” (Is 65.24; cf. Jo 5.6; Lc 19.5).

Se já entre humanos é importante ouvir corretamente, é duplamente necessário ser “**rápido no ouvir**” onde e quando acontece a palavra de Deus, “a palavra da verdade” (v. 18). Ao ouvirmos sua palavra, Deus semeia a nova vida em nós. É assim que ele a nutre, cria espaço para ela e afasta o “**inço**” que tenta impedir e sufocar essa “**plantação**” de Deus em nós (Lc 8.11; Mt 13.7,22; 1Co 3.9). Desse modo ele fomenta a nova vida em nós e faz com que amadureça. Cumpre aqui ser sobretudo “**rápido para ouvir**” (com que nos ocupamos primeiro pela manhã, a Bíblia ou o jornal?) Para filhos de Deus a palavra dele constitui o elemento vital (Lc 2.49).

Contudo, “**rápido para ouvir**” significa para cristãos também que dêem ouvidos a seres humanos: independentemente de se tratar do serviço de amar ou de testemunhar. Temos de saber o que falta ao outro e quais são suas indagações, pelo que devemos ouvi-lo atentamente. Pedro afirma: “**Estai sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós**” (1Pe 3.15). E Paulo escreve: “**Sabei como deveis responder a cada um**” (Cl 4.6). Ou seja, pergunta-se e são dadas respostas. Não um “**disco**” que simplesmente é posto para tocar. Cada cristão vivo é convocado a ser conselheiro espiritual em seu entorno. A premissa básica de todo serviço de aconselhamento é primeiro prestar atenção ao outro.

2 – Ao “**rápido para ouvir**” Tiago contrapõe: cada um seja “**vagaroso para falar**”. Afinal, também é necessário que, enquanto prestamos atenção no outro, já reflitamos sobre uma resposta que o ajude e o leve adiante. Mas seria errado tentar dar o recado ao outro precipitadamente e às pressas. O outro não se sentiria levado a sério: “**Ora, ele nem sequer se envolve com minha causa.**” Um

cristão torna-se mais “vagaroso para falar” pelo fato de ao mesmo tempo conversar simultaneamente com seu Senhor: “Ó Senhor, o que devo dizer agora? Será correto o que penso? Por favor, concedeme agora a palavra certa. Autoriza-me. Usa a minha palavra, e até mesmo fala pessoalmente com essa pessoa.” Em Jesus presenciamos como, durante o diálogo com seus semelhantes, ele estava ao mesmo tempo conversando com seu Pai, atento para a vontade e o direcionamento dele (Jo 2.4; 11.6,41s). Ser “vagaroso para falar” importa principalmente também quando estamos “sob a palavra”. Sem dúvida existe igualmente o diálogo em torno da palavra: “Antes, direis, cada um ao seu companheiro e cada um ao seu irmão: Que respondeu o Senhor? Que falou o Senhor?” (Jr 23.35). Não obstante, as muitas discussões constituem hoje um perigo. Com frequência não conseguimos ouvir ao mesmo tempo em que somos capazes de olhar por cima e para além do mensageiro, perguntando-nos: “Senhor, que pretendes me dizer agora?” – Importa “falar vagarosamente”, sob certas circunstâncias e em determinado sentido, até mesmo perante Deus. Também para orar precisamos de silêncio se quisermos rogar no sentido da vontade e dos alvos de Deus e, conseqüentemente, sob a promessa plena (1Jo 5.14).

Porém, ser “vagaroso para falar” de forma alguma significa que não devamos nunca falar, principalmente quando se trata de testemunhar em favor de nosso Senhor. Na Bíblia não consta o ditado “Falar é prata, e silenciar é ouro”.

3 – **“Vagaroso para a ira”**: a palavra deve ter em vista uma situação específica. Em Israel, a “palavra da verdade” era comunicada p.ex. nas sinagogas. Nelas qualquer israelita adulto podia fazer uso da palavra. Mensageiros de Jesus diziam, agora, que as promessas de Deus já estariam cumpridas em grande medida, pelo fato de Deus ter enviado o Messias, Jesus de Nazaré, para dentro da condição humana. Isso era boa notícia, evangelho. Acontece que isso inflamava os ânimos (At 13.45ss; 18.6). As testemunhas eram interrompidas. Cortava-se a palavra delas. Os ouvintes indignavam-se. A exortação de Tiago de não se irar rapidamente, refere-se antes de tudo à advertência de não cortar a palavra de Deus, contradizendo-a, revoltando e opondo-nos a ela.

20 Nesse contexto Tiago profere a frase geral e abrangente: **“A ira de um homem não produz a justiça perante Deus.”** A ira masculina muitas vezes é considerada algo positivo. Uma ira “sincera” e “justa” é recebida com reconhecimento. Por que, afinal, não seria correta perante Deus? Antes Tiago afirmou: como cristãos, devemos ser “vagarosos para a ira”. Por que, afinal, é tão questionável dar vazão à ira? Como filhos de Deus, seguidores do Senhor Jesus, vivemos e falamos com responsabilidade diante de Deus, dialogando com ele, aguardando pelo sinal e pela instrução dele. O ser humano alterado, porém, deixa tudo isso de lado ou nem mesmo se lembra disso. Tiago afirma que devemos ser “vagarosos para a ira”, ou seja, falar de forma bem refletida a partir da interlocução com Deus. Uma “ira vagarosa”, no entanto, certamente já deixou de ser o que comumente chamamos ira. Com certeza Tiago sabe por experiência: não realizamos nada que Deus possa contemplar com beneplácito quando estamos alterados, e igualmente nada que favoreça outras pessoas, muito menos no trabalho educativo. Com cabeça quente é difícil educar.

4 – Em contraposição, Tiago exorta: **“Acolhei a palavra”**, aceitai-a sempre. Isso é obrigatório e necessário, mesmo depois que a nova vida já foi implantada em vós; apenas assim acontecerão crescimento saudável e produção de frutos.

“Com mansidão”: isso significa no presente contexto renunciar a qualquer auto-afirmação perante Deus, a qualquer tentativa de saber melhor e resistir, a qualquer ira autojustificadora. “Mansidão” significa aqui a humilde disponibilidade para a palavra de Deus, a disposição de permitir que algo seja dito (At 17.11; 1Sm 3.10).

“A palavra plantada em vós”: com a palavra vem o Espírito (Jo 6.63; At 10.44). O Espírito representa a nova vida a partir de Deus (Ez 37.14) que é implantada em nós como os ramos nobres no tronco de uma árvore. Do contrário, em nossa velha maneira natural, em nosso “ser carnal” (cf. Rm 7.14; 8.7; Gl 5.19s), somos iguais às árvores “bravias”, “embrutecidas”. Se na seqüência acolhermos a palavra com “mansidão”, os “ramos enobrecidos” também chegarão ao crescimento sadio. Os brotos selvagens, porém, serão descartados (cf. Gl 5.24). Por fim acontecerá a produção saudável de frutos. Toda a árvore é determinada pelo enxerto nobre, e “uma boa árvore produz bons frutos” (Mt 7,17; Gl 5.22).

“... que tem o poder de salvar vossa alma”: árvores ruins, que não trazem frutos, são cortadas (Mt 3.10; 7.19; Lc 13.6-9). Quem não trouxer em si a nova vida, um dia não será aceito (Jo 3.3).

Somente “árvores boas” são conservadas e “trasladadas” (definitivamente) à natureza celestial (cf. Ef 2.6), ao “reino de seu amado Filho” (cf. Cl 1.13).

- 21 5 – **“Por isso, despojai-vos de toda impureza e acúmulo de maldade”**: precisamos permitir que “passo a passo” nos seja tirada publicamente a velha natureza e dada a nova. Unicamente na proporção em que estivermos dispostos a abrir mão do antigo, o novo terá espaço. Somente na medida em que os “brotos selvagens” são tirados, terão espaço os “ramos nobres”. Também o acúmulo de conhecimento por meio da palavra de Deus está relacionado à disposição de obedecer, assim como inversamente a falta de capacidade de entendimento está ligada à falta de obediência (Jo 7.17; Ef 4.18). Hoje (como em certa medida também já em épocas passadas) várias coisas podem se opor à palavra de Deus nas pessoas, como “tampões de ouvidos”: vínculos com o ocultismo, indisciplina sexual, endeusamento das riquezas. Tudo o que podemos fazer é rogar que também hoje sejam abertos os ouvidos e o coração de muitos (At 16.14). – Os citados empecilhos também podem reaparecer ou surgir pela primeira vez em pessoas há muito chamadas por Deus, impedindo que a nova vida chegue ao devido avanço, fortalecimento e amadurecimento. Por isso também há espaço no seio da igreja, como outrora nos dias de Tiago, para a exortação: “Despi-vos de toda sujeira, e do mal de todo tipo.” “Desmascara tudo e consome o que não for puro em tua luz” (G. Tersteegen).

II – O OUVIR E O AGIR DO CRISTÃO – TG 1.22-27

- 22 1 – **“Sede, porém, praticantes da palavra”**: o ouvir não pode ser apenas questão dos ouvidos, de nosso pensar e de nosso sentir. A palavra, pela qual é depositada em nós a nova vida, visa tomar forma em nossa vida toda. A palavra propicia ambas as coisas: promessa e orientação, asserção e demanda. Ela proclama e traz o agir misericordioso de Deus em nosso favor, e visa impelir-nos ao agir. Nosso agir é resposta ao agir de Deus. Deus não quer atuar apenas em nós, mas também através de nós. Jesus nos descreveu Deus como aquele que age (Jo 5.17), como o Deus que faz história para a salvação, nossa e de todos os seres humanos. Dessa maneira o Deus vivo se diferencia p.ex. dos deuses gregos, bem como das idéias dos filósofos (e igualmente do Deus de uma teologia que se deixa condicionar pela respectiva filosofia contemporânea). A história que Deus faz viabiliza, de fato, verdadeira história humana. O ser humano que deseja acolher a palavra de Deus somente em seu pensamento ou sentimento não a compreendeu corretamente, tornando-se retardatário desobediente quando o Deus que age deseja envolver também a ele. A palavra de Deus é palavra do Senhor, a qual nos compromete. Com sua afirmação Tiago está junto de seu Senhor na doutrina (Mt 7.21,24-27) e se move nas mesmas balizas do apóstolo Paulo (Rm 6.1,15).

“Não apenas ouvinte”: não basta o constante “colocar-se sob a palavra”. É necessário obedecer à palavra. Em contraposição, há hoje motivos para enfatizar que não existe prática correta da vontade de Deus sem o devido ouvir prévio. Aqui nos são dadas orientação e força para esse agir.

“Do contrário enganais a vós mesmos”: a) Aquele que apenas ouve visa enganar a Deus: aparenta interessar-se pela vontade de Deus, mas não se deixa mover para a obediência (também entre pessoas constitui ofensa quando alguém aparentemente se interessa por nossa questão, solicitando que lhe seja exposta largamente, mas depois se afasta sem mexer um dedo sequer). b) Assim uma pessoa também engana seus semelhantes: “correndo” aos cultos, estudos bíblicos, horas de comunhão (e também pelo linguajar cristão), causando em seu entorno a expectativa de que aqui alguém agiria como cristão. Depois percebem que foram enganados. A “baixa audiência” de que os crentes tantas vezes desfrutam em seu entorno pode ser derivada dessa desilusão. c) Não por último, porém – é disso que Tiago está falando – desse modo uma pessoa também engana a si mesma: tranquiliza-se e pensa que, desde que seja insaciável em ouvir a palavra e ler intensamente a Bíblia, tudo estaria bem, e também outros o consideram um cristão favorecido (Ap 3.1). Contudo Jesus diz que o ouvir e saber ainda não resolvem nada (Mt 7.26). Tampouco o falar resolve (Mt 7.21). O conhecimento claro até mesmo pode tornar-se uma acusação para quem não vive de acordo (Lc 12.47).

2 – Nesse agir está em jogo não apenas o que fazemos a outros, mas o que fazemos a nós para nossa própria evolução. É o que mostram os v. 23-25.

- 23 **“Se alguém é (apenas) ouvinte da palavra e não (também) praticante, assemelha-se ao homem que contempla, num espelho, o seu rosto natural”**: aquele que ouve a palavra de Deus é como alguém que se observa no espelho. Entre as duas capas de nossa Bíblia nos são mostrados o

“diagnóstico” e a “terapia” de Deus após a catástrofe do pecado em relação a cada indivíduo e à humanidade como um todo.

a) A pessoa, pois, que atenta para a palavra de Deus, ouve primeiramente o diagnóstico divino. Vê a si mesma com toda a clareza e verdade, como em um espelho, por assim dizer. O espelho não lisonjeia. Vemos o quanto nos sujamos por meio do pecado. O ser humano natural prefere nem sequer observar-se nesse espelho. Esse é um motivo central para o fato de que se “interessa” por tudo o mais, mas de forma alguma pela palavra de Deus. No entanto, já que não consegue nem quer submeter-se integralmente à palavra, tenta distanciar-se dela e “esquecê-la” o quanto antes, para poder continuar como era (o ser humano esquece o que deseja esquecer).

24 “**Pois, após contemplar-se e se retirar, logo se esquece de como era a sua aparência.**” É como quando uma dona de casa percebe no espelho que, ao acender o fogão a lenha, sujou o rosto com a mão fuliginosa, mas não limpa de imediato a sujeira porque não tira o devido tempo para isso. Mais tarde se esquece do que não está em ordem com ela. Quando sai para fazer comprar, admira-se de que as pessoas riem ao vê-la. O mesmo ocorre quando o espelho da palavra nos leva a constatar um erro em nós mesmos e não tomamos imediatamente as atitudes cabíveis. Nesse caso o espelho da palavra de Deus não nos prestou o serviço que poderia ter prestado para a hora em que haveremos de comparecer perante Deus. Então, muitas coisas boas que ouvimos, e até mesmo dissemos, hão de transformar-se em acusação contra nós.

25 b) O ser humano, no entanto, não vê apenas a si mesmo quando olha para a palavra de Deus. A palavra de Deus não é apenas espelho. É, por assim dizer, também “janela”: vê-se nela o Senhor. É essa a terapia divina para nós. Assim como na primavera o sol transforma maravilhosamente a terra, também o sol, que é nosso próprio Senhor (Sl 84.12; Jo 8.12; Ap 21.23), a “luz da inesgotável luz”, transforma a nós humanos. Por isso é necessário que “captemos seus raios e os deixemos agir”.

25 “**Mas aquele que contemplou a lei perfeita da liberdade...**” (também é possível traduzir: “Quem observa com precisão, inclinando-se para frente, a lei da liberdade...” Lutero traduz: “Quem, porém, esquadrinha a lei perfeita da liberdade...”): sob a influência do pecado tornamo-nos pessoas amarradas, e pela ação de nosso Senhor tornamo-nos livres (Jo 8.34,36). Essa é a norma de uma vida com nosso Senhor, a maravilhosa norma da verdadeira liberdade: tornamo-nos livres de pecado, do mundo e do diabo e ficamos amarrados ao Senhor. Estar fixos em Deus e em sua vontade constitui a verdadeira liberdade para nós. Conseqüentemente somos também livres em relação às pessoas e, a partir de nosso Senhor, livres para as pessoas.

“**E nela persevera**”: é preciso viver voltado para o Senhor, também em meio a pessoas com as quais partilhamos orações, e, cômico da presença dele, “direcionado para ele em pureza” (G. Tersteegen), permanecer na obediência, constantemente ligado a ele e, conseqüentemente, em verdadeira liberdade.

“**Esse será bem-aventurado no que realizar**”: será bem-aventurado na eternidade, mas também desde já! Viver, pois, na comunhão com o Senhor, na consciência de que está conosco, voltado para ele e a serviço dele (cf. Cl 3.23), isso constitui uma felicidade indestrutível, uma vida plena de sentido, até mesmo neste mundo, até mesmo em sofrimentos. “Tempo e hora, que me importa: estou na eternidade, vivendo em Jesus” (August Hermann Francke).

3 – Na seqüência é acrescentada uma palavra fundamental sobre o “culto a Deus” que abrange nossa vida (essa palavra define simultaneamente a idéia implícita anteriormente no “agir” dos cristãos), ou – como também se pode traduzir – nossa “veneração a Deus”, i. é, toda a nossa vida como cristãos. O v. 26 mostra o que destrói esse culto a Deus (Rm 12.1; Cl 3.23), o v. 27, o que faz parte dele.

26 a) O que destrói nosso culto a Deus. “**Se alguém pensa que serve a Deus, deixando de refrear a língua, mas pelo contrário enganando seu coração, seu culto a Deus é vão.**” Em última análise não podemos fabricar essa vida por meio do culto. Ela é obra do Espírito Santo, do “Cristo em nós”. Mas podemos perturbá-lo e destruir sua obra. Então esse culto é “vão”, um nada, “vazio”. Por mais que a engrenagem gire em nossa vida, por mais que sejamos pessoas atarefadas no reino de Deus – tudo isso não passa de rodar em ponto morto quando damos vazão à natureza carnal natural, que desagrada a Deus, quando de alguma maneira permitimos que o diabo enfie o pé na fresta da porta. Onde penetra um espírito falso, o Espírito de Deus se retira (“Ele concede o Espírito aos que lhe são obedientes” – At 5.32.) Na seqüência Tiago nos diz que nosso falar é um ponto de entrada para esse

espírito falso muito pouco considerado. Levamos a sério nosso agir, mas bem menos nossas palavras. Quantas coisas são ditas ou (o que não é menos negativo) sugeridas em conversas, mesmo depois daquilo que chamamos de “culto a Deus”, e quanta inveja, ciúme e desprezo estão por trás disso! No cap. 3 Tiago nos trará pormenores acerca dessa questão.

27 b) O que faz parte do culto a Deus. **“Um culto puro e imaculado perante Deus, o Pai, consiste em visitar órfãos e viúvas em sua aflição e manter a si próprio incontaminado do mundo”**: Deus nos presenteou com seu grande amor, dando-nos seu Filho unigênito como irmão e tornando-se assim pessoalmente nosso Pai e a nós, seus filhos (Rm 5.8; 1Jo 3.1). Agora tudo depende de que nós lhe agrademos, como o Filho primogênito de Deus (Mt 3.17). Duas coisas são citadas aqui como partes integrantes do verdadeiro culto a Deus: dirigir-se para dentro do mundo e preservar-se diante do mundo.

b.1 - **“Visitar órfãos e viúvas em sua aflição”**: Tiago cita pessoas que naquele tempo eram especialmente carentes de ajuda, bem como de proteção jurídica. Literalmente consta: “olhar por eles”. Isso inclui o cuidado assistencial. Primeiramente ele tinha em mente os co-cristãos na igreja, mas de forma alguma somente a eles (Gl 6.10). É condizente com a intenção de nosso Senhor e vale como dirigido a ele, quando nos dedicamos com toda energia, amor e fantasia às pessoas em torno de nós, perto e longe, em vista de suas mais diversas carências (Mt 25.45; 18.5).

b.2 - **“E manter a si próprio incontaminado do mundo.”** É correto atuar no mundo, mas não se sujar e infeccionar com ele. O Israel do AT foi encorajado repetidamente a não se contaminar com os ídolos das nações em seu redor, ou seja, a não acolhê-los (Jr 2.7; 7.30s; 32.34; Ez 5.11; 20.7,30; 22.3; 37.23; etc.). Também nós podemos, quando entramos no mundo e nos relacionamos com ele – algo necessário – contaminar-nos com os ídolos que predominam em nosso entorno e adotá-los junto com seus parâmetros e seu espírito. Por exemplo, a mentalidade carreirista, o espírito reivindicatório, a indiferença em relação a Deus e às pessoas, o estresse desnecessário que leva as pessoas a se refugiarem da meditação e no silêncio, a adaptação ao espírito da época no pensar, no trabalho e no lazer, a indisciplina, o espírito de desrespeito e de rebeldia para com pessoas e Deus, a adoção de uma ideologia que reivindica domínio absoluto sobre o ser humano e o domina em todas as esferas da vida. Em nossa época se exige muitas vezes que cristãos não se distingam em nada do mundo, que a igreja de Cristo se dissolva na sociedade com seu serviço e suas tarefas. O espírito do anticristo (2Ts 2.3-12; Ap 13), o espírito da “meretriz” (Ap 17) tentam nos igualar, como cristãos, com todo o mundo. Nesse caso a única solução é que permaneçamos “nele”, i é, em contato com ele, em diálogo com ele, dando-lhe atenção, falando com ele, obedecendo-lhe, seguindo-o. Então ele sempre ficará entre nós e o mundo, cujas forças demoníacas tentam se apoderar de nós. “Cristo, em ti somente, estou seguro em corpo e mente” (cf. Zc 2.9; Pv 18.10).

TERCEIRA SÉRIE DE DITOS: SOBRE COMO LIDAR COM POBRES E RICOS – Tg 2.1-13

I – COMO O CRENTE DEVE LIDAR COM POBRES E RICOS – Tg 2.1-7

- 1 – Meus irmãos, não tenhais a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas!**
- 2 – Se, portanto, entrar na vossa sinagoga algum homem com anéis de ouro nos dedos, em trajos de luxo, e entrar também algum pobre andrajoso,**
- 3 – e tratardes com deferência o que tem os trajos de luxo e lhe disserdes: Tu, assenta-te aqui em lugar de honra; e disserdes (porém) ao pobre: Tu, fica ali em pé ou assenta-te aqui abaixo do estrado dos meus pés,**
- 4 – não fizestes distinção entre vós mesmos e não vos tornastes juízes tomados de perversos pensamentos?**
- 5 – Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?**
- 6 – Entretanto, vós outros menosprezastes o pobre. Não são os ricos que vos oprimem e não são eles que vos arrastam para tribunais?**

7 – Não são eles os que blasfemam o bom (literalmente “belo”) nome que sobre vós foi invocado?

No versículo anterior Tiago falou do culto a Deus. Ouvimos que corremos o risco de destruir novamente o culto. É de um perigo desses que Tiago passa a tratar.

1 – Nenhuma acepção de pessoas (v. 1).

- 1 **“Meus irmãos”**: Tiago fala a crentes. Somente eles de fato são capazes de compreender o que afirmará em seguida. Com o termo “irmãos” são expressas duas coisas. Por um lado nossa posição em relação a Deus: pelo envio do Filho unigênito que se tornou nosso irmão também nós nos tornamos filhos de Deus (Gl 4.4s). Pela eficácia do Espírito Santo somos feitos filhos de Deus não apenas na função, mas também na essência (Rm 8.14s; Gl 4.6). Por outro, o termo declara algo acerca de nossa posição em relação a outros cristãos: apesar de todas as diferenças humanas e da diversidade das tarefas na igreja, estamos todos no mesmo nível: “Um só é vosso Mestre: Cristo, e vós todos sois irmãos” (Mt 23.8).

“O Senhor da glória”: a) Em primeiro lugar isso significa: Jesus Cristo possui glória. No grego está dóxa, o resplendor de luz. “Glória é divindade revelada” (F. Oetinger). Agora o Senhor exaltado, como o próprio Deus, ainda é invisível, encoberto para nós. Depois, porém, nós o veremos em sua divindade revelada (cf. 1Jo 3.2; Ap 1.7; Mt 26.64). Em nossa figura corpórea terrena ainda não conseguimos contemplá-lo. Do contrário morreríamos (cf. Êx 33.20). Antes disso temos de ser transformados em uma nova corporeidade adequada à visão de Deus (1Co 15.51ss; cf. também 1Ts 4.17). O Filho possui a glória com o Pai (Jo 1.14). Já no monte da transfiguração ela resplandeceu perante os olhares dos discípulos (Mt 17.2). Posteriormente, na ilha de Patmos, João contempla o Senhor exaltado muito mais em sua glória (cf. Ap 1.10a,16). O Filho, que se prestou ao sacrifício, rogou ao Pai que aqueles que forem fruto de seu sacrifício também vejam sua glória (Jo 17.24). – b) No entanto, Jesus não somente possui glória, mas também concede glória. Conduz os seus (por sofrimentos) até a glória (cf. At 14.22). Glorioso não é apenas o lugar dos seus, mas também sua essência. “Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele em plena glória” (Cl 3.4 [TEB]). A frase não significa, por exemplo, que os seguidores de Jesus se tornarão pequenos deuses. Porém serão verdadeiramente filhos de Deus, não apenas de nome, mas no sentido pleno em seu ser. No texto em que Paulo expõe com clareza especial o que é sabedoria e quais são os caminhos do agir redentor de Deus com os humanos, ele descreve o grande alvo com esta única palavra: “glória” (1Co 2.7).

“A fé em Jesus Cristo”: a fé (em grego: pístis) é comunhão de vida com o Senhor crucificado, ressuscitado e glorificado, pela qual os crentes se tornam participantes de tudo o que ele é, faz e possui (cf. Mc 9.23; Jo 7.38; 14.12). A situação é semelhante à fusão (unificação) de duas empresas ou à “lei dos vasos comunicantes”. Lutero diz que o crente é “um bolo com Cristo”. Isso inclui a confiança de que Jesus concede glória a nós e outros.

“Acepção de pessoas”: os antigos tinham outro entendimento de “pessoa” que nós. Não se referiam tanto à personalidade individual de cada um, mas antes ao rótulo que alguém tinha. Um era “escravo”, outro “cidadão”, outro “comerciante”, um “general”, outro “príncipe”.

A expressão “acepção da pessoa” = “ser partidário” ocorre particularmente na tradução grega do AT, na Septuaginta [LXX]. Já no AT é rigorosamente proibido que o juiz seja parcial em sua sentença (Lv 19.15; Dt 1.17; Sl 82.2). O juiz não podia pensar: “Essa pessoa é líder de um clã, por isso tenho de fechar um olho.” Ou: “Esse é um escravo estrangeiro; aqui posso estabelecer um exemplo de dureza.” Ser juiz significava encontrar e promulgar o direito por incumbência e em lugar de Deus. E a Bíblia atesta incessantemente que perante Deus não existe acepção da pessoa. Não considera o rótulo nem a categoria humana, mas o próprio ser humano, fazendo justiça a cada um (Dt 10.17; Rm 2.11; Ef 6.9; Cl 3.25).

Nenhuma acepção de pessoas: agora Tiago diz que fé e acepção de pessoas não combinam. Importa que não creiamos em nossos papéis, nos rótulos, mas em Deus. Não são posses, posições ou “vestimenta gloriosa” que conferem glória, mas unicamente o “Senhor da glória”.

2 – Um exemplo da reunião da congregação (v. 2-4).

2s **“Se entrar em vossa reunião um homem”**: Tiago, muito preocupado com a prática, cita, para a máxima clareza acerca do que quer dizer, um exemplo concreto. Não quer dizer que tenha acontecido dessa maneira: “Na hipótese de entrar em vossa reunião um homem...”

“Com anéis de ouro e um traje brilhante (alvo)”: provavelmente devemos imaginar alguém que não pertence à igreja. Em geral os cristãos eram pessoas humildes. O aparecimento de um homem assim representava uma raridade. E quando um homem desses se declarava pertencente à igreja, para ela isto significava uma honra e também ajuda contra as injunções de pessoas ricas e poderosas. O dirigente da reunião e mais alguns irmãos responsáveis o saúdam e acompanham até a primeira fila. Lá conseguem um lugar confortável para ele.

“Mas vem também um pobre em trajes sujos”: provavelmente também ele seja alguém que não faz parte da igreja. Talvez o dirigente fique um pouco irritado porque chegou tão tarde. Usa um traje sujo. Por sua origem e educação talvez nem mesmo esteja acostumado a cuidar muito da aparência. Talvez também seja um escravo que apenas naquele instante teve permissão de sair do trabalho, não tendo mais tempo para se lavar e trocar de roupa. De forma alguma será conduzido para fora. Anunciam-lhe que no canto, ao lado da porta, ainda existe espaço para ficar em pé e, se quiser, também poderá vir à frente e se sentar nos degraus do estrado elevado.

Talvez esses cristãos nem mesmo notassem algo. Tiago não critica a cortesia dos dirigentes da igreja para com o novo participante, nem as possibilidades modestas oferecidas pela sala de reuniões. O foco de sua crítica é a diferença que se faz. É sobejamente sabido que isso acontece no mundo. Afinal, o mundo não conhece outra nobreza do ser humano do que aquela obtida pela posição na sociedade. Isso porém não pode acontecer de jeito nenhum na igreja de Jesus. Na verdade o evangelho não nos concede nem o direito nem o dever de mudar as condições sociais pela revolução. Porém as diferenças sociais se mostram mínimas diante da dádiva preparada por Deus para o ser humano: “glória”. Tiago ensina a arcar com as conseqüências práticas do fato de que a glória concedida pelo “Senhor da glória” pesa infinitamente mais que a “glória” proporcionada por bens, posição, estudo e “vestes esplendorosas”.

Tiago praticamente nos obriga a encarar a pergunta sobre as nossas deficiências atuais nessa questão. É fácil criticar as condições sociais da Antigüidade ou dizer que há cem anos a igreja fracassou na questão social. Facilmente nos tornamos “cegos funcionais” em vista dos erros da nossa geração. Talvez façamos irrefletidamente o que mais tarde seremos forçados a reconhecer como falha grosseira.

a) Não sabemos se a velhinha que se assenta nos fundos sem alarde e ora pelos outros não realiza mais em prol dos frutos da reunião do que o famoso evangelista no púlpito. Por isso também nesse aspecto não devemos fazer acepções! b) Sejamos gratos pelo membro abastado da igreja que com seus auxílios e doações financia boa parte do trabalho. Mas por isso não devemos lhe dar preferência sobre outros (Mc 12.41-44). A alegria pelo renomado cientista que colabora na igreja tem toda a razão de ser, porém não deve levar a idolatrar essa pessoa. Colocaríamos o próprio em risco. c) Nosso objetivo é envolver os jovens nas responsabilidades das igrejas e congregações, onde existem, mas não de forma que os idosos passem a sentir-se desvalorizados. d) Operários estrangeiros e pessoas de cor de forma alguma podem ser tratados como pessoas de segunda categoria entre os cristãos. e) Não queremos tratar com desprezo pessoas moralmente problemáticas, viciadas etc. Se por um lado não podemos aprovar tudo isso, por outro não sabemos que circunstâncias e aflições as levaram a essa dependência e quantas lutas enfrentam. Seja como for: nosso Senhor está pronto para acolhê-las. Logo também nós queremos fazer o mesmo. f) Um ídolo de cunho especial é hoje a realização. Uma pessoa é classificada de acordo com o que é capaz de produzir. Por isso precisa existir um lugar em que essa regra cruel não vigore: a igreja de Jesus. Nela o ser humano, amado por Deus, tem valor em si. g) Observemos a nós mesmos: com que diferenciação na atitude interior eventualmente vamos ao encontro de pessoas, para quem levantamos o olhar, e para quem pensamos poder olhar de cima para baixo (em geral sem fundamento real)?

4 **“Porventura não caístes em contradição convosco mesmos?”**: “Tendes a nobreza divina eterna e usais como parâmetro as pequenas coisas transitórias, aplicando-as uns aos outros! Isso não é inconseqüente? Como nosso comportamento muitas vezes corresponde pouco à nossa percepção cristã correta! Com que facilidade nos metemos nos sulcos costumeiros de nossa atitude anterior e de nosso entorno!

“Vós vos tornastes juízes com (segundo) pensamentos perversos”: O termo grego ponerós = “mau” é usado no NT como substantivo que designa o maligno, o inimigo. Ele visa destruir a obra que Deus realiza em nós e através de nós: a) a “veste gloriosa”, os bens, o nível social se tornam um ídolo. Ele é levado mais a sério do que aquilo que Deus dá e faz, e até mesmo do que o próprio Deus. b) Em razão disso a igreja de Jesus sofre divisão. O amor esfria. Pessoas são magoadas. Eventualmente elas se distanciam da igreja e até mesmo de seu próprio Senhor. c) Debilita-se a eficácia da igreja em termos missionários, naquilo que ela diz, faz e é, tanto através daquilo que o ambiente mostra, como também em vista da autoridade interior perante Deus.

3 – O contraste entre o agir de Deus e o nosso (v. 5).

- 5 **“Ouvi, meus amados irmãos!”:** Tiago sabe que aquilo que passa a dizer contraria a expectativa humana e o preconceito humano. Em geral a pessoa, talvez de forma não muito consciente, simplesmente não capta esse tipo de pensamento. Por isso pede atenção especial.
- a) O que Deus faz: **“Deus escolheu os pobres no mundo”:** nós humanos sempre começamos pelo alto. Tentamos agarrar o melhor. Isso começa com coisas exteriores, p. ex., o jardineiro que transplanta mudas do viveiro escolhe primeiro as mais fortes. Afinal, depende da qualidade das plantas. Do mesmo modo também nós, quando escolhemos pessoas para quaisquer finalidades, sempre selecionamos as melhores, as que se destacam. Também corriqueiramente as pessoas se interessam em especial por aqueles que possuem categoria e renome. Deus, porém, com sua misericórdia e por não depender da qualidade do ser humano, começa em outro lugar, embaixo, junto aos pobres: elegeu um povo de escravos para selar uma aliança. Do seu lugar escondido atrás do rebanho chamou alguém de quem ninguém se lembrava para ser o mais importante rei de seu povo. Uma moça insignificante de Nazaré foi transformada por ele em mãe do Filho unigênito. Ninguém a quem Deus chamou deve pensar que Deus o escolheu em virtude de seus atributos (Dt 7.7-9; 1Co 1.26-29). – Também por essa razão o eterno Filho de Deus se tornou pobre, para que os pobres notem que Deus busca justamente a eles (Mt 8.20; 2Co 8.9). Como Tiago, o próprio Senhor, de forma especial, tomou partido dos que de diversos modos são pobres e carentes de ajuda (Lc 4.18; 6.20s,24s; 14.13,21; 16.19ss).
- “Os pobres no mundo”:** a expressão se refere aos pobres do conjunto da sociedade humana. Havia pobres sobretudo nas igrejas cristãs dos primeiros séculos (cf. 1Co 1.26). Não raro isso acontece também hoje, especialmente quando não é oportuno ser cristão, quando a opinião pública é contrária a isso, quando isso acarreta desvantagens. – No entanto, a definição mais precisa “os pobres no mundo” permite também depreender que essa pobreza é apenas passageira e se refere unicamente à vida atual e ao éon presente.
- “Ricos pela fé”:** ao nos tornarmos crentes, ao crermos no que Deus nos diz, confluem sua imensurável riqueza e nossa penúria de mendigo. Nosso Senhor praticamente afirma: “O que é teu é meu” (foi assim que quitou nossa dívida). E declara: “O que é meu é teu” (dando-nos participação de sua glória divina). Isso vale desde já pela fé e depois manifestamente: “São herdeiros (co-partícipes) do reino”: o “reino”, em grego basileia, não apenas significa uma esfera de senhorio, mas também o ato de governar. Ser “co-partícipes do reino” significa em primeiro lugar que o crente é concidadão da soberania vindoura de Cristo, mas também co-partícipe de seu governo sobre o mundo (Ap 1.6; 20.4; 1Co 6.2). “A intercessão dos filhos de Deus é (desde já) sua participação no governo de Deus sobre o mundo” (F. Oetinger).
- b) Como agem, no entanto, os que fazem tais distinções - **“Vós, porém”:** submeteram-se aos padrões do mundo, assumindo assim uma posição errada diante do pobre e diante do rico.
- 6 b.1) **“Vós desonrastes o pobre”:** ele foi humilhado. Não foi dado crédito à promessa de Deus de que ele recebe honra e glória. Em decorrência dificultou-se ao pobre que conte pessoalmente com a promessa misericordiosa de Deus.
- b.2) Tiago diz que para os cristãos realmente não existe motivo para cortejar os ricos e poderosos dessa maneira. De forma alguma pretende instigar os cristãos contra os ricos, mas devem aprender a enxergar a verdadeira situação: propriedade é poder, e o poder, o lugar no “controle maior”, representa uma grande tentação: **“Não são os ricos que vos tratam com violência?”** Aqueles que nadavam na riqueza, inclusive no judaísmo, não queriam ouvir muito a respeito da esperança messiânica. Estavam bastante satisfeitos com sua vida. As pobres igrejas cristãs com sua esperança pelo dia vindouro (Tg 5.7ss) eram objetos de seu desprezo e representavam para eles uma trave no

olho. – **“Eles vos arrastam a tribunais”**: agiam contra os cristãos por causa de sua convicção de fé, como lemos repetidamente em Atos dos Apóstolos (At 4.1ss; 5.17ss; 6.9ss; 8.1ss; 9.23ss; 12.1ss; 13.50; 14.19; 16.19ss; 17.5ss,13ss; 19.23ss; 21.27ss; 23.12ss). Também era possível que membros pobres da igreja estivessem endividados com eles. O usurário impiedoso rapidamente obtinha um pretexto para lhes tirar absolutamente tudo. Naquele tempo (e não apenas então) era possível conseguir muita coisa mediante subornos (cf. At 24.26). Ademais se davam ouvidos aos abastados e influentes.

- 7 **“Não são eles que blasfemam o bom (belo) nome que foi proferido sobre vós?”**: por ocasião do batismo daqueles cristãos foi proferido o nome de Jesus. Afinal, batizava-se em nome dele (At 2.38; 10.48). Eles foram transportados à comunhão com Jesus e se tornaram propriedade dele.

“O belo nome”: nota-se nessa formulação todo o amor, a gratidão e alegria daqueles primeiros cristãos. Quando eles eram denegridos, em última análise poderiam permanecer indiferentes. Que importa? Mas quando o nome de Deus era desonrado, eles eram atingidos (em nosso caso não acontece muitas vezes o contrário?).

Em suma, cabe dizer: os cristãos devem estar igualmente abertos para pobres e ricos. Não pode haver ódio de classe. Mas quem vê como Deus concede sua nobreza de forma equânime a todos precisa (e pode) excluir este tratamento tão desigual que o mundo pratica quando dá preferência a ricos e poderosos.

II – TODAS AS ESFERAS DA VIDA SOB O SENHORIO DE JESUS CRISTO – TG 2.8-13

- 8 – **Se vós, contudo, observais a lei régia segundo a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem;**
- 9 – **se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo argüidos pela lei como transgressores.**
- 10 – **Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos.**
- 11 – **Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei.**
- 12 – **Falai de tal maneira e de tal maneira procedei como aqueles que hão de ser julgados pela lei da liberdade.**
- 13 – **Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo.**

Depois do que foi dito nos v. 1-7 alguém poderia replicar: “Será que isso é tão importante? O fato de fazer distinções refere-se a um pequeno aspecto parcial de minha vida.” No presente bloco Tiago fornece uma resposta fundamental que ultrapassa a questão individual.

1 – A grande regra de uma vida correta (v. 8).

- 8 **“A lei régia”**: em que medida o mandamento “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” é a “lei régia”?
- a) Foi promulgada pelo Rei, pelo “Rei sobre todos os reis” (Lv 19.1,18). O Filho, ao qual o Pai concedeu todo o poder (Mt 11.27; 28.18; Ap 19.16), equiparou-a ao mandamento de amar a Deus acima de todas as coisas (Mt 22.37ss).
- b) A “lei régia” foi e continua sendo cumprida pessoalmente pelo Rei. Temos um Deus amigo dos humanos (Tt 3.4). Esse amor foi coroado pelo que é dito em Jo 3.16: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito...” (cf. Rm 5.10; 8.32). E o Filho, o amor de Deus manifesto e ativado em favor de nós, cumpriu esse mandamento. Ele nos amou mais do que a si mesmo, entregando a última gota de sangue em favor de nós (Mt 20.28). Já que é preciso punir, ele quis ser punido. Já que é preciso morrer, ele quis morrer.
- c) O mandamento do amor é a “lei régia”, porque abarca todos os demais mandamentos que nos foram dados em vista de Deus e de nosso semelhante. Ela é o ponto principal ao qual convergem todos os raios (Mt 22.34-40; cf. 1Co 13.13).
- d) O amor é também uma “lei régia” pelo fato de presentear com liberdade e liberalidade régias, não pedindo contrapartidas e não estabelecendo nenhuma pré-condição.

“Observada segundo a Escritura”: isso impede que todas as demais coisas sejam chamadas de “amor”. – **“Fazeis bem”**: é assim que agrada a Deus, é assim que se fará bem às pessoas, e é assim que estaremos bem orientados pessoalmente. Nossa vida se torna íntegra, rica e livre.

2 – Uma violação dessa regra (v. 9).

9 “Se, porém, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado”: em que sentido essa distinção de pessoas viola o amor (e conseqüentemente descumpre o mandamento de Deus, tornando-se pecado)?

a) No que se refere ao pobre, humilde e insignificante: esta atitude o rebaixa e desonra. Impede-o de crer que Deus tem projetos grandiosos e abençoados para ele, e reforça nele a tendência para a incredulidade e o desânimo.

b) No que diz respeito ao rico e distinto: por um lado ele é seduzido e encorajado a transformar seu dinheiro e sua importância em deus. Por outro, as pessoas se curvam apenas diante das suas posses, de sua influência e dos bons “contatos” que a amizade com ele representam. Pode imaginar: “Todos me cortejam, mas na realidade não se interessam por mim, mas pela vantagem que lhes devo proporcionar.” Jesus não fazia diferenças. Tinha tempo igual para o influente Nicodemos (Jo 3) e para uma mulher mal-afamada, para uma pessoa parálitica há décadas e para um mendigo cego (Jo 4; 5; 9).

“Cometeis pecado e sois argüidos pela lei como transgressores”: aqui se explicita uma importante faceta daquilo que a Bíblia chama de “pecado”, em grego *harmartia* (“passo em falso”): em sua santidade e bondade Deus nos mostrou, mediante seus mandamentos, o único caminho salutar por essa vida. Jesus andou o caminho à nossa frente. “Ele nos deixou um exemplo, para que o sigamos em suas pegadas” (1Pe 2.21). O alpinista que se nega a andar nas pegadas de seu guia pode cair no precipício. Do mesmo modo cairá quem se nega a seguir nosso Senhor, a também não fazer acepção de pessoas.

3 – O efeito da violação de um único mandamento (v. 10s).

10 “Porque quem cumpre toda a lei, mas tropeça em um único ponto, torna-se culpado em tudo”:

a) Também na realidade humana do dia-a-dia este pode ser o caso. Se alguém corajosamente andou durante duas horas nas pegadas do alpinista, mas então, em um único ponto, se afasta teimosamente do caminho, esse ato pode lhe custar a vida. Quando alguém anda corretamente durante seis quilômetros por uma estrada na serra, mas em seguida passa por cima da proteção lateral, isso basta para que caia na ribanceira. Nada diferente ocorre nas leis penais humanas: se alguém sonega 50.000 euros, não pode pleitear isenção alegando que, afinal, não matou ninguém. Quem por negligência causa um acidente fatal de trânsito não pode requerer inocência por ter antes percorrido 100.000 quilômetros sem causar acidentes.

b) Quanto mais isso vale em vista do santo Deus! Nossa comunhão com ele exige também de nós santidade e perfeição (Lv 19.2; Mt 5.48). Para passar de ano os alunos podem compensar uma nota ruim em matemática com uma ou duas notas boas em outra matéria. Aqui não podemos compensar nada. A comunhão com Deus requer de nós praticamente nota máxima em todas as matérias. Se não chegarmos ao nível aceitável em um aspecto, toda a justiça julgadora de Deus se volta contra nós. Nesse momento torna-se compreensível para nós a palavra de Paulo: “Não há nenhum que faça o bem, nenhum sequer” (Rm 3.12).

c) A transgressão em um ponto isolado tem importância para toda a nossa vida. O pecado é o “fator de segregação”. Ele nos conduz para fora da comunhão vital com Deus. É irrelevante onde se localiza esse ponto, se no quinto, sexto, sétimo ou oitavo mandamento. Em qualquer um dos casos secam-se as forças de Deus em nossa vida: quando um galho é quebrado da árvore, ele morre, não importa se foi quebrado mais em cima ou mais embaixo. É assim que nós também sempre perdemos nosso aconchego em Deus diante do poder destrutivo do inimigo: em épocas passadas, quando alguém abandonava a cidade murada enquanto as hostes da guerra roubavam e saqueavam do lado de fora, corria perigo de ser morto, independentemente do portão pelo qual saísse da cidade.

11 d) O exemplo dentre os mandamentos. “Não matarás”: Tiago menciona mandamentos que também foram explicados por Jesus no Sermão do Monte (Mt 5. 21ss). É flagrante que Tiago convivia de maneira especial com as palavras do Sermão do Monte. Chama atenção que ele recorra justamente ao

quinto mandamento no contexto de suas exposições sobre a falta de amor, especificamente sobre a diferenciação de pessoas.

d.1) De qualquer modo, se uma pessoa não tiver muita autoconfiança nem os pés firmes no chão, uma diminuição dessas pode deixá-la definitivamente desanimada e abatida. Os salteadores da parábola abateram o viajante e o deixaram semimorto (Lc 10.30). Mesmo palavras e comportamentos que não estejam em conflito com as leis penais do Estado são capazes de “abater”, deixar desanimado e deitado “semimorto”.

d.2) A distinção e o desprezo de pessoas não raro representam o começo do assassinato real. Na Segunda Guerra Mundial se dizia: “É apenas um judeu!”, “Apenas um russo!”, “Apenas um deficiente!” E depois foram mortos aos milhares e às centenas de milhares.

4 – Estar cômico da responsabilidade final (v. 12).

12 “**A lei da liberdade**”: leis humanas são freqüentemente sentidas como certo cerceamento, como restrição da liberdade. Porém quando compreendemos a sabedoria e o amor de Deus, o Pai, suas ordens deixam de ser coercivas. Quando estamos sob a influência do Espírito dele, quando imperam o amor e a gratidão, quando pensamos como o Pai, então a nossa vontade não atravessa mais o caminho da misericordiosa vontade de Deus. Então se afirma a nosso respeito o mesmo que é dito a respeito do Filho que por meio do Espírito habita em nossos corações: “Agrada-me, Senhor, fazer a tua vontade” (Sl 40.8; Ef 3.17; 2Co 3.17). Verdadeira liberdade não é liberdade em si (ela imediatamente se tornaria outra vez uma amarra degradante), mas liberdade para Deus, dos filhos para com o Pai, e, conseqüentemente, liberdade diante dos humanos e em prol dos humanos (cf. também o comentário a Tg 1.25). Unicamente desse modo somos verdadeiramente seres humanos.

“**Julgados pela lei da liberdade**”: ao se findarem nossos caminhos, serão colocados do lado de nossa vida o mandamento de Deus e a vida de Jesus, que é a vontade vivida de Deus. A vida de Jesus será o critério para nós. Paulo escreve: “Viestes a obedecer à forma de doutrina...” (Rm 6.17 – na tecnologia se entende por “forma de doutrina” uma espécie de medida ou instrumento de medição).

“**Falai de tal maneira e procedei de tal maneira como aqueles que estão prestes a ser julgados pela lei da liberdade**”: “Senhor, constantemente imprimes em minha mente essa revelação, para que, andando ou ficando parado, cuide unicamente de como sou aos teus olhos” (P. F. Hiller). Hoje mesmo queremos nos deixar medir e perpassar pela vida e pelo Espírito de Jesus. “É nesse ponto que desejo ser perpassado, passando liberto para a vida” (Michael Hahn).

5 – A importância da misericórdia no juízo (v. 13).

13 a) A misericórdia experimentada. “**A misericórdia se gloria contra o juízo**”: Quem, afinal, ainda poderá chegar à beatitude, se aqui (usando a metáfora do aluno) praticamente se exige nota máxima em tudo? Tiago fornece a resposta com a palavra “misericórdia”, em grego *éleos*.

A misericórdia de Deus tornou-se visível pela primeira vez na história do AT quando estava por um fio a decisão de Deus se ele teria de rejeitar novamente o povo eleito. Então foi declarado: Deus não apenas exerce misericórdia, ele é misericórdia. A misericórdia constitui praticamente a soma de seu ser, seu nome (Êx 33.19; 34.6). O juízo de uma justiça retribuidora declara: o ser humano tem de morrer. A misericórdia declara: o ser humano deve viver. A justiça julgadora exige que o ser humano seja eternamente separado de Deus. A misericórdia de Deus deseja ter o ser humano bem perto de si. E agora a misericórdia triunfa sobre o juízo. Como isso se deu? A misericórdia de Deus se “manifestou” (Lc 1.78s). É assim que exulta uma testemunha do nascimento do Filho. Agora a misericórdia de Deus estava plenamente presente e operante. Esse Um alcançou por assim dizer a “nota máxima”. Por isso o Pai atestou: “Esse é meu Filho amado, em quem me comprazo” [Mt 3.17]. E agora Jesus fez uma troca conosco, seres humanos: “Ele foi feito pecado por nós, para que nele nos tornássemos a justiça de Deus” (2Co 5.21). Nosso Senhor assumiu nosso miserável boletim e carregou todas as conseqüências dele. Permitiu que fosse “riscado” em nosso lugar, como um trabalho escolar totalmente imprestável. Em troca, ele nos concede o seu boletim excelente, de modo que não precisamos temer nem mesmo a última instância do tribunal. É desse modo que um dia a misericórdia triunfará eternamente sobre o juízo em nossa vida. A misericórdia tem e profere a última palavra.

b) A misericórdia praticada e não-praticada. A Bíblia afirma a misericórdia de Deus antes de falar da misericórdia do ser humano (Êx 34.5s; Sl 103.4,8). O próprio Jesus foi inicialmente o grande “bom samaritano”, que desceu de “Jerusalém” para “Jericó”, da glória celestial para dentro deste mundo (Fp 2.6-8) e que, empenhando a vida, acudiu o ser humano caído, vítima do assassino e assaltante, do inimigo. Mas Deus quer que passemos a outros a misericórdia recebida. “Segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos” (2Co 4.1). O ser humano torna a perder a graça, o perdão e a misericórdia que lhe foram dados se ele se negar a transmiti-los também a outras pessoas. **“O juízo será implacável com aquele que não praticou misericórdia”**: não podemos nem precisamos fazer nada para merecer a beatitude. Ela nos é presenteada através da graça e misericórdia de Deus. Mas podemos voltar a perdê-la se de fato privamos outras pessoas de nosso perdão e nossa misericórdia.

Na parábola do credor incompassivo (Mt 18.21ss) Jesus conta a respeito do homem que esbanjou 100 milhões e agora pede um prazo para pagar (um absurdo, porque na realidade jamais conseguirá pagar sua dívida). Por causa da misericórdia de seu patrão ele obteve muito mais que pediu, não apenas um prazo para quitar a dívida, mas sua indulgência. Porém, quando depois sem piedade nega a seu conserto a prorrogação de apenas cem pratos, é novamente privado da misericórdia recebida. Não a havia recebido verdadeiramente como misericórdia, do contrário não teria conseguido agir daquela maneira.

Nossa falta de misericórdia pode se revestir de aspectos muito diversos. Pode revelar-se também quando destacamos especialmente as nossas reais ou pretensas qualidades, de modo que outros fiquem desanimados e amargurados com seu Criador. “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos. Vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139.23s).

Faz parte desse “caminho mau”, dessa negativa do amor e da misericórdia, conforme nos diz Tiago, também a “acepção de pessoas”. Isso também levará a um juízo impiedoso. Estejamos lembrados de que todos nós estamos a caminho do grande dia do juízo com suas graves conseqüências para a misericórdia negada!

QUARTA SÉRIE DE DITOS: SOBRE FÉ E OBRAS

(Quando fé e obras se contradizem) – Tg 2.14-26

- 14 – Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser (apenas) que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?**
- 15 – Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano,**
- 16 – e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?**
- 17 – Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.**
- 18 – Mas (talvez) alguém dirá (buscando uma mediação): Tu tens fé, e eu tenho obras (no sentido de que um tem fé e o outro tem obras); mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé.**
- 19 – Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem.**
- 20 – Queres, pois, (afinal) ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante?**
- 21 – Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque?**
- 22 – Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou.**
- 23 – e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus.**
- 24 – Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente.**
- 25 – De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho?**

26 – Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta.

Talvez alguém objetasse contra o anteriormente exposto: Tiago, será que não critica exageradamente o fato de um homem “em posição de destaque” ser alvo de um pouco mais de atenção que um escravo? Pois isso é algo ínfimo em comparação a, p. ex., uma profunda percepção espiritual! – Tiago responde no presente bloco: Não, é justamente no comportamento prático que as coisas decisivas se revelam: está em jogo se tua fé realmente é fé.

Tiago de forma alguma deprecia a fé, mas, como Paulo, a tem em altíssima consideração: a) Ninguém entre nós produz a justiça própria. Em algum lugar todos temos deficiências. E não podemos “compensar” nada. Dependemos da misericórdia de Deus. Confiamos-nos a ela (Tg 2.10-13). b) Tiago convoca para saudarmos até mesmo a tribulação, por ser meio de aprovação da fé (Tg 1.2). c) Ensina a oração com fé, que certamente será atendida (Tg 1.5-8). d) Ensina o irmão humilde a crer que a graça de Deus o torna rico (Tg 1.9; 2.5). e) A nova vida não é criada pelo próprio cristão. É obra da graça de Deus. Através da palavra da verdade ela foi depositada em nós (Tg 1.18; etc.). – Tiago não expressa o que declara no presente bloco da carta por considerar a fé secundária, em contraposição a Paulo. Pelo contrário, justamente porque a considera de importância decisiva, como Paulo, ele quer que a fé realmente seja e continue sendo fé.

I – FÉ SEM OBRAS É MORTA, LOGO NÃO É FÉ – Tg 2.14-17

- 14 “De que adianta, meus irmãos, se alguém diz ter (somente) fé, mas não tem obras?” Tiago não quer dizer que isso de fato existe: fé sem obras. Fala apenas de alguém que assevera que tem “fé”, que é “crente”. Contudo, não tem obras. Não existe outra fé senão aquela que é ativa no amor.

1 – Que significa “crer”, em grego *pisteúein*?

A palavra grega significa: “confiar em alguém”. Tem em vista um relacionamento pessoal com outro ser humano. O mesmo também acontece com nosso termo “crer”. Está ligado à idéia de “prometer”, “amar”, e tem o sentido de “confiar” em alguém, “confiar-se” a ele. No NT “crer” significa: viver com Deus, com Jesus Cristo em comunhão pessoal no convívio diário e confiante.

Jesus compara a fé com a ligação intrínseca entre ramo e videira (Jo 15.4s). Paulo escreve: “Sede radicados nele” (Cl 2.7). Não é diferente o entendimento de Tiago acerca da fé aprovada na tribulação (Tg 1.2), que não se deixa separar de seu Senhor por ninguém e por nada.

2 – Que significam aqui as “obras”, em grego: *érga*?

a) O sentido não é de “obras da lei”, das quais Paulo declara que não justificam o ser humano (Rm 3.20,28). “Lei” nessa acepção é o dever imposto ao ser humano, ou melhor, que ele mesmo se impõe com a finalidade de construir a própria salvação pelo respectivo cumprimento. Constitui informação inequívoca de todo o NT que o ser humano não pode nem deve criar assim sua salvação. Tiago, que no v. 13 diz que a misericórdia triunfa sobre o juízo, de forma alguma representa uma exceção nesse caso.

“As obras da lei”: é como se na parábola do filho pródigo (Lc 15.11ss) o Pai tivesse estendido um bilhete pela fresta da porta ao filho que retorna, com as condições prévias para tornar a aceitá-lo na casa paterna: primeiro tornar-se novamente uma pessoa decente, voltar a conquistar um bom nome e reunir um patrimônio! Isso jamais teria levado à volta do filho!

b) Aqui em Tiago, porém, se fala das “obras” da fé, do fruto do agraciamento e da volta do ser humano para casa. A aparência de um contraste entre Tiago e Paulo surgiu não por último pelo fato de que Tiago chama de “obras” o que em outras partes do NT é chamado de “fruto”. Novamente nos termos da parábola do filho pródigo: o que a pessoa agraciada fizer na seqüência não será premissa nem condição prévia de sua volta para casa, mas conseqüência e o fruto de sua acolhida. O que fizer será feito por amor e gratidão. Isso se tornou possível porque agora vive com o Pai e respira o ar da casa do Pai. O filho não teria retornado de fato se não trabalhasse com o Pai como filho na casa. Com outras palavras: do contrário, a fé não seria fé. – Tiago não entende por “obras” o mesmo a que Paulo se refere em Rm 3.28, mas o que ele cita em Rm 12.1ss. Inicia, por assim dizer, sua carta apenas em Rm 12. O anterior é pressuposto por Tiago, ele se respalda nisso. A carta de Tiago não é pregação da lei, mas pregação da nova obediência, pregação de santificação. Precisamente assim é que Tiago se

move integralmente nas balizas do NT: “Persegui a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). No dia da revelação do justo juízo Deus dará a cada um conforme suas obras (Rm 14.10; 2Co 5.10). A fé, que também Paulo prega, atua por intermédio do amor (Gl 5.6). Rm 12ss não constitui apenas um apêndice da grande descrição do agir salvador de Deus, mas a comunicação do que esse agir visa alcançar em nossa vida, das decorrências que precisam acontecer hoje em nós: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1ss).

Principalmente o próprio Jesus salientou a importância da nova obediência (Mt 7.21; etc.). O que Tiago diz, ele aprendeu de seu Mestre, mais uma vez, sobretudo das palavras do Sermão do Monte.

3 – Tiago pergunta: **“Que utilidade tem que alguém diga (apenas) que tem fé, mas não tem obras?”** Nossa fé precisa apresentar um produto (v. 14).

a) Para Deus. No momento em que Paulo descreve seu ministério, ele afirma: “Recebemos graça e apostolado por amor do seu nome, para estabelecer a obediência da fé entre todos os gentios” (Rm 1.5). Esse é o fruto que ele deseja produzir (Rm 1.13; Fp 1.22). Como resultado de seu agir salvador Deus quer ter filhos que lhe obedecem. À pergunta: “Porventura perseveraremos no pecado?” Paulo responde: “Jamais!” (Rm 6.1s). E Jesus afirma que o “viticultor” divino retira os ramos que não dão fruto (Jo 15.2). Não existe obra agradável a Deus sem a fé, não existe fruto sem raiz. Mas tampouco existe fé sem obras, bem como nenhuma raiz saudável sem fruto.

A humanidade deturpada pelo pecado se equipara a um campo de espinhos. A roça do ser humano produz cardos e abrolhos (Gn 3.18), porque a lavoura de Deus, que é o mundo humano (Mt 13.38), lhe produziu “cardos e abrolhos”. Agora Deus lavrou e continua lavrando “algo novo”, fazendo com que seja semeada a semente de sua palavra (Lc 8.11), com a finalidade de uma colheita para ele (Mt 13.23,39; Ap 14.16). Em última análise, Deus deitou uma semente na lavoura do mundo, seu Filho amado (Jo 12.24). Passando pela morte, ela dará “muito fruto”, ou seja, pessoas: filhos de Deus serão configurados segundo a natureza do Filho unigênito (Rm 8.29). Sua natureza, porém, é a obediência perfeita. Ela pensa e atua com o Pai: “Eu não procuro a minha própria glória...” (Jo 8.50). “Agrada-me, Senhor, realizar a tua vontade” (Sl 40.8). “Minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou” (Jo 4.34). “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5.17). As obras por fé são um fruto para Deus. As “obras das trevas”, no entanto, são “infrutíferas” (Ef 5.11), imprestáveis para Deus, atraindo o fogo do juízo (Mt 13.30).

b) Para nós mesmos. **“Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo”**, se na verdade não é fé? (Na realidade deveríamos colocar a palavra “fé” entre aspas). Igualmente faz parte da fé, da comunhão de vida com Jesus, que permaneçamos em sua comunhão quando ele quer nos levar consigo para servir. A desobediência fica em débito com Jesus e lhe nega o discipulado. Essa é atitude do rei Saul, a respeito do qual Deus declarou: “Ele se voltou contra mim” (1Sm 15.11). Dessa forma a vida de uma pessoa acaba em catástrofe. Unicamente quem persiste na fé obediente em Jesus será salvo.

15s c) Para nossos semelhantes.

c.1) **“Que utilidade teria?”**: Nossa vida cristã precisa render algo para Deus, para nós mesmos e não por último para nosso ambiente. Temos de significar algo para ele. Nos dias em que viveu na terra nosso Senhor tinha, pela ação do Espírito Santo, um corpo humano para seu serviço ao mundo. Com ele cumpriu a tarefa que o Pai lhe atribuiu: como “missionário e médico” (David Livingstone). Agora tem para esse serviço, pela ação do Espírito Santo, novamente um corpo humano, um corpo feito de seres humanos, sua igreja. E também ela precisa ser simultaneamente ambas as coisas, missionária e médica. Nem somente missionária, nem tampouco – o que hoje requer ser salientado – apenas médica. Unicamente assim nossa existência cristã traz o “proveito” necessário aos nossos semelhantes.

c.2) Na seqüência Tiago fornece um exemplo das interações humanas (que não precisa ter sido real), para que a idéia se torne concreta e palpável e não encalhe na teoria: **“Qual é o proveito se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos”** (v. 15 – Também hoje existem por toda parte carências, mais numerosas e diversificadas do que imaginamos). **“...e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz... sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo?”** Em vista de várias necessidades ficamos tão perplexos e impotentes que de fato não conseguimos fazer mais do que orar pelas pessoas e abençoá-las. Isso não é vão, mas um grande serviço. Só que nossa fé não pode ser indiferente (cf. Is 53.6a) nem mera amabilidade inativa para com nossos semelhantes. Somos “cooperadores de Deus” (1Co 3.9), membros do corpo de Jesus, suas ferramentas. Quando

suplicamos a Deus é preciso que também nos deixemos transformar em instrumentos da ajuda de Deus e façamos o que está ao nosso alcance. Não apenas colocamos em risco a nossa própria redenção quando nos separamos da obediência e por isso da comunhão de nosso Senhor, mas também permanecemos devedores de nossos semelhantes em questões decisivas para o corpo e para a alma.

4 – Tiago afirma: aqui não se trata apenas de um defeito estético. Tudo está em xeque. Estão em jogo a vida e a morte (v. 17).

- 17 **“Assim, também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma”**: obras são sinal de vida da fé. Se no verão um galho não tiver folhas, é necessário supor que está seco e morto. Se um ser humano não se mexe mais, não respira nem denota mais pulsação, faltam os sinais vitais. Está morto. Será que hoje não deveria ser dito também, em vista de muitos pretensos crentes: “Tens o nome de que vives, mas estás morto” (Ap 3.1)? É infinitamente importante darmos espaço ao convívio pessoal com nosso Senhor na atenção à sua palavra e no diálogo com ele. Assim também perceberemos seu sinal para agir e para esperar e, se sempre lhe obedecermos imediatamente, o perceberemos cada vez melhor. Essa posição debaixo da condução do Espírito e na obediência prática são os “sinais vitais” da fé. Por isso Paulo escreve: “Os que são impelidos (guiados) pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8.14), ou seja, são crentes.

II – FÉ E OBRAS NÃO PODEM SER DISSOCIADAS – Tg 2.18-26

1 – Uma tentativa de mediação (v. 18).

- 18 **“A isso alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras (um tem fé, o outro tem obras)”**: pensamos que isso se refere à necessária pluralidade, à multiformidade das opiniões na igreja. Seria uma questão de aptidão e educação. Tratar-se-ia de diversos tipos de pessoas com atitudes diferentes: um seria mais introvertido ou um pensador, um intelectual. Seu interesse maior seria uma teologia “caprichada”. O outro seria uma pessoa mais prática, uma pessoa de determinação e ação. Para ele, pois, tudo precisa “funcionar”.

Hoje corremos o perigo de justificar tudo na igreja com um pluralismo. Porém Tiago nos diz que nessa questão a verdade não tolera uma harmonização precipitada: **“Mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé.”** Jesus declara: “Uma boa árvore” (uma pessoa renovada pelo Espírito de Deus) “traz bons frutos” (Mt 7.17). Faz parte da fé que ela traga frutos. E dos frutos faz parte que se possa vê-los. Na realidade é a única maneira que a fé tem de tornar-se visível. Tentar mostrar a fé sem frutos (obras) é uma impossibilidade. Quando não existem frutos, temos um sinal de que algo não está em ordem e que na verdade não se trata de fé. A fé nunca pode ser mera questão de sentir ou pensar e perceber, mas sempre será também questão do querer, do ser humano inteiro.

2 – Fé não significa apenas ter por verdadeiro (v. 19).

- 19 **“Crês, tu, que há um (único) Deus? Fazes bem. Mas também os demônios crêem isso e tremem”**: O monoteísmo bíblico, a fé no Deus único era a riqueza de Israel diante de seu entorno gentílico. Constituiu a confissão diária do judeu devoto: “Ouve, Israel: O Senhor, nosso Deus, é o único Deus” (Dt 6.4). Contudo não basta tê-lo por verdadeiro.

“Crer que...” ainda não é uma fé viva. Podemos ser muito “ortodoxos” e apesar disso não crer corretamente. Podemos ter uma teologia impecável na prancheta, mas apesar disso não ser salvos. Tiago afirma: **“Também os demônios ‘crêem’ isso”** – reconheceram a verdade, como evidenciam também diversos relatos nos evangelhos (Mt 8.29; etc.). Mas lhe negam a obediência. “Reconhecer a verdade e não lhe obedecer é diabólico” (Walter Warth). – **“E tremem”**: isso vale também para o ser humano. Enquanto se limitar a ter conhecimento sobre Deus, mas buscar se afirmar contra ele, a mensagem de Deus não constitui para ele alegria, mas pavor (não surpreende que a muitas pessoas se possa apresentar de tudo, menos a palavra de Deus!). Somente depois que a pessoa abrir mão de toda a resistência, capitular perante Deus, entregar a vida na mão de Deus “para o que der e vier” e se deixar engajar por ele, a fé se torna alegria e beatitude. Em contraposição, o inferno é “crer e apavorar-se”. – É assim que Tiago responde aos que pensam que tudo em sua vida está em ordem,

que crêem corretamente e têm uma teologia correta, e que no entanto não vivem com Jesus e em seu discipulado.

3 – Não querer compreender (v. 20).

20 “Queres, pois, (finalmente) compreender, ó homem insensato, que a fé sem as obras é ineficaz?”: o ser humano natural não consegue reconhecer o que a palavra de Deus ordena, porque não quer admitir a Deus, não capitular diante dele nem lhe ser obediente.

O ser humano sempre busca viver sua própria vida contrariando a Deus. Esse é seu pecado original. É tolice persistir nesses pensamentos autocráticos contra Deus. “Os insensatos dizem no coração: Não há Deus” (Sl 14.1). “Falta de senso” é o adjetivo que Tiago dá a tal pessoa: de forma inconsciente ou pouco consciente ela persiste em sua conduta. A atitude básica do ser humano carnal, de oposição a Deus (Rm 7.14; 8.7), constantemente se exterioriza em sua conduta prática.

O ser humano natural sempre tenta preservar sua vida autônoma de Deus, não apenas quando está afastado de Deus, mas também quando lhe parece próximo: a) Ele pode ser como “estranho na casa”, calculando perante Deus seus feitos, o cumprimento de seu dever e dos extras: “Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo o que ganho” (Lc 18.12). Nesse caso ele é como um filho que por um lado trabalha junto do Pai, mas que apresenta suas reivindicações como um estranho e computa suas horas extras, enquanto na realidade o Pai declara: “O que é meu, é teu” (Lc 15.31). Foi contra esse descaminho que se voltou principalmente Paulo. Ainda que por esse caminho o ser humano fosse capaz de cumprir sua obrigação, isso certamente não seria condizente com um filho e com o amor. b) O ser humano retornado para Deus também pode ser como um estrangeiro e um corpo estranho na casa por ser apático, não-interessado e inativo na obra que o Pai está realizando. É primordialmente contra isso que Tiago se volta. Paulo e Tiago prestam um ao outro um serviço de complementação mútua. No contexto da mensagem do NT não podemos abrir mão de nenhuma dessas duas testemunhas.

4 – Dois exemplos do AT (v. 21-25).

21 a) “Não foi nosso Pai, Abraão, justificado por obras, quando ofertou Isaque, seu filho, sobre o altar?”: Js 24.2 afirma que também Abraão teria servido “a outros deuses além do rio Eufrates”. Deus o chamou por liberdade e graça, e não porque Abraão tivesse sido uma “categoria especial” em termos morais ou religiosos. Abraão creu nessa escolha misericordiosa de Deus para um serviço especial, também por meio do povo que descenderia dele (a despeito de todas as evidências). Em virtude dessa fé Deus justificou Abraão (Gn 15.6; Rm 4.3; Gl 3.6).

Contudo, ao mesmo tempo a fé de Abraão também foi ação. Isso se evidencia particularmente no começo e no final de sua trajetória de fé: na partida (Gn 12.4) e ao se dirigir ao monte Moriá, onde deveria sacrificar o filho (Gn 22). Do contrário Deus não o teria usado para seus objetivos, e sua fé não teria sido aprovada. A fé de Abraão, portanto, foi também um renovado ato de fé. Não teria bastado se Abraão tivesse permanecido em sua tenda, imerso em reflexões devotas. Constantemente tinha de pôr-se a caminho. Também hoje a fé, para ser genuína, precisa pôr-se a caminho regularmente, rumo à terra desconhecida, a tarefas complexas e a sacrifícios.

22 “Aí vêes como a fé operava juntamente com as suas obras”: fé e obras não podem ser separadas, assim como acontece com raiz e fruto. Juntas constituem o todo.

“A fé foi aperfeiçoada por meio das obras”: uma macieira fértil é macieira durante o ano todo, no sentido pleno, porém, ela ainda não é macieira no inverno, mas apenas no outono, quando de fato está coberta de frutos maduros. Nesse sentido é somente o fruto que plenifica a fé. – Outro aspecto é que o fruto também tem repercussões para a própria fé. Abraão não retornou do Monte Moriá da forma como foi para lá: experimentara um grande fortalecimento e incremento em sua fé. Não os teria obtido se tivesse permanecido em casa e se negado a obedecer. Atualmente é freqüente a busca por fórmulas para estimular as pessoas na fé, e chega-se às mais exóticas respostas. Aqui nos é dito singelamente: viva a obediência da fé, dê passos de fé, sirva com fé, sofra pela fé, e ela se fortalecerá e será aperfeiçoada! Obediência e conhecimento estão interligados. Jesus afirma: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo” (Jo 7.17). Em contraposição, o conhecimento já obtido se dissipa e desaparece em

decorrência da obediência negada. Também nesse caso vale: “Ao que não tem, até o que tem lhe será tirado” (Mt 25.29).

- 23 **“É assim que se cumpre a palavra da Escritura (Gn 15.6)”**: Pelo fato de que Deus escolheu a Abraão sem mérito e dignidade e de ele o aceitar e se deixar engajar por isso, ele é correto para Deus, ou melhor, Deus o declara justo. Passou a ser chamado “amigo de Deus”, amado e íntimo (cf. Is 41.8; também Êx 33.11). Quem vive na comunhão com nosso Senhor Jesus Cristo, quem aceita sua graça e se encontra no discipulado e na obediência dele torna-se amigo dele (Jo 15.15). E Jesus declara: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14.9).
- 24 **“Vedes que uma pessoa é justificada por causa de suas obras e não simplesmente da fé”**: Tiago chega a essa conclusão geral. Paulo, porém, escreve: “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Rm 3.28). Não sabemos qual carta foi escrita antes, a carta aos Romanos ou a carta de Tiago. Tampouco sabemos – na hipótese de que a carta aos Romanos seja a mais antiga – se Tiago viu uma das cópias da carta de Paulo, que certamente eram raras. Com suas palavras poderia ter-se dirigido apenas contra um Paulo mal-interpretado, contra a opinião de que a graça seria como uma poltrona confortável. No mais os dois “trens” não colidem, porque não andam sobre os mesmos trilhos. Em Rm 3.28 está em jogo a questão de como, afinal, acontece a aceitação do pecador por Deus (na parábola de Lc 15.11ss: o filho pródigo aceito pelo pai). Paulo diz: não por “obras da lei”, ou seja, não quando o filho cumpre quaisquer condições prévias, mas unicamente pela aceitação confiante da bondade do Pai. Tiago, porém, tem em vista outra questão: como o filho aceito misericordiosamente passa a se conduzir na casa do pai; a aceitação da bondade do pai tem de ser sucedida pela disposição de se deixar engajar por essa bondade. Deus nos acolhe assim como somos, mas ele não nos deixa permanecer como somos.
- 25 b) **“Da mesma forma também a meretriz Raabe”**: Raabe, uma mulher de má fama, acolheu em sua casa os espiões de Israel e os ajudou a fugir da Jericó vigiada. A Bíblia diz que ela “creu” (Hb 11.31). Declarou aos homens de Israel: “Eu sei que o Senhor vos deu a terra. O Senhor, vosso Deus, é Deus no alto dos céus e aqui sobre a terra” (Js 2.9,11). Mais tarde veio até mesmo a ser a matriarca da dinastia de Davi e, conseqüentemente, também de Jesus (Mt 1.5s). Não teria obtido nem sua preservação quando a cidade foi tomada, nem sua posição na história da salvação se não tivesse aceitado as conseqüências práticas dessa sua percepção de sua fé, comportando-se em conformidade com ela diante dos espiões de Israel.

5 – Síntese

Com máxima nitidez e acuidade Tiago sintetiza na frase final o que pretendia dizer:

- 26 **“Porque como o corpo é morto sem espírito, assim também a fé é morta sem obras”**: quando já não se consegue constatar nenhum sinal de vida em um corpo, é flagrante que a morte já aconteceu. Obras, atos de obediência são sinais de obediência da fé. – Em tudo isso Tiago não visa uma depreciação da fé, mas, como Paulo, que a fé seja e continue sendo fé real e viva.

QUINTA SÉRIE DE DITOS: SOBRE O USO CORRETO DO DOM DA PALAVRA – Tg 3.1-12

(Cf. também Tg 1.19-27)

- 1 – Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo.
- 2 – Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo.
- 3 – Ora, se pomos freio na boca dos cavalos, para nos obedecerem, também lhes dirigimos o corpo inteiro.
- 4 – Observai, igualmente, os navios que, sendo tão grandes e batidos de rijos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos para onde queira o impulso do timoneiro.
- 5 – Assim, também a língua, pequeno órgão (apenas), se gaba de grandes coisas. Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!

- 6 – Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno.**
- 7 – Pois toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano;**
- 8 – a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero.**
- 9 – Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.**
- 10 – De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim.**
- 11 – Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?**
- 12 – Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce.**

Depois das exposições sobre a difícil questão do relacionamento entre fé e obras Tiago considera imperioso dizer uma palavra sobre o ensino na igreja. Não devemos considerá-la levemente. Na seqüência passa a tratar do falar em geral.

I – NÃO CONSIDERAR SUPERFICIALMENTE A TAREFA DE SER MESTRE NA IGREJA – Tg 3.1

1 – Deus fala e falou, razão pela qual sua palavra pode e deve ser passada adiante em sua igreja e no mundo. O mundo descrente pensa que Deus se cala. Mas a Bíblia afirma: “Deus vem e não guarda silêncio” (Sl 50.3). Acima de tudo “falou por último em seu Filho” (Hb 1.2). Jesus é a palavra de Deus em pessoa (Jo 1.1; Ap 19.13). Ele se tornou íntimo de nós por meio de sua palavra e seu Espírito (Jo 15.15; 1Co 2.10).

2 – Já em termos gerais humanos o dom de falar representa uma das maiores e mais maravilhosas dádivas que recebemos. Por meio da linguagem podemos comunicar a outros o que pensamos, sentimos, queremos e experimentamos. E podemos participar do que outros vivenciam, pensam, sentem e querem. Toda a nossa comunhão e a cultura humana estão ligadas a esse dom. Um mundo descortina-se para nós por meio da linguagem.

3 – Agora nosso dom de falar é colocado no mais sublime serviço: Deus deposita sua palavra nos lábios humanos. Nossa capacidade de falar é colocada a serviço do falar de Deus. Podemos e devemos comunicar a palavra dele. Até mesmo pôs sua palavra nos lábios dos profetas do AT (Jr 1.9; etc.). Os sacerdotes tinham a permanente incumbência, associada a seu ministério, de entregar a promessa e orientação de Deus a Israel (Mt 2.7). Todo israelita tinha a tarefa de transmitir aos filhos o testemunho de Deus (Dt 6.7). Já durante os dias de Jesus na terra os discípulos receberam de seu Senhor a incumbência de transmitir a palavra de Deus (Mt 10.7; Lc 10.9). Também aos demais deu a instrução de testemunhar o que haviam recebido (Mc 5.19). Após a morte e ressurreição de Jesus o grupo de discípulos – e conseqüentemente também a igreja de Jesus de todos os tempos – recebe a incumbência de proclamar o evangelho (Mt 28.19). A todos os seus dirige a tarefa: “Sereis minhas testemunhas” (At 1.8).

Agora, porém, havia os “mestres” especiais na igreja. Na pluralidade dos serviços nas igrejas eles tinham a incumbência específica de conduzir adiante os seus membros no conhecimento daquilo que Deus fez, faz e fará, e também no conhecimento daquilo que ele quer que seja feito por nós. Em Paulo (1Co 12.28; Ef 4.11s) os mestres exercem esse serviço específico em uma constituição diferenciada dos ministérios nas igrejas, ao lado de apóstolos, evangelistas e profetas. Em outras passagens da Escritura a palavra “mestre”, em grego didáskalos, tem o significado de um cristão incumbido de forma geral da tarefa de proclamar, interpretar a Escritura, sobretudo na reunião da igreja. Nessa acepção o “mestre” é comparável ao rabino judaico. Esse é o significado da palavra em Hb 13.7,17,24 e também aqui.

4 – Tiago adverte para que não se busque ansiosamente assumir essa tarefa:

- 1 “Não vos torneis mestres em tão grande número”:** no contexto daquele tempo os mestres eram importantes, tanto os mestres da lei em Israel como também os mestres da sabedoria, os filósofos no mundo grego. Agora evidentemente vários cristãos percebiam uma chance de galgar uma posição de peso similar no âmbito de sua igreja. Afinal, era tão belo poder falar e ensinar, enquanto os outros

ouviam com devoção. Trata-se de uma tendência humana em não poucas pessoas, e de um ideal grego em especial, “ser sempre o primeiro e se avantajado diante dos demais”. Contudo em Jesus e sua igreja vigoram outros parâmetros: quem aqui pretende ser “grande” e mais próximo do Senhor esteja disposto a assumir o papel do servo (Mt 20.26-28). O dom supremo é o amor que se esquece de si mesmo (1Co 12.31; 13.1ss). A igreja de Jesus se assemelha a um corpo no qual e dentro do qual cada membro e órgão são indispensáveis, possuindo sua importância específica (1Co 12.12ss). A tarefa dos mestres é uma entre outras. Ela é importante, mas o mesmo vale para os outros prestadores de serviço. Não é imperioso que alguém se torne um mestre.

5 – **“Pois sabeis que receberemos um juízo tanto maior.”** A “palavra de Deus em lábios humanos” constitui uma responsabilidade gigantesca. Por isso não é correto ansiar para receber essa incumbência, nem tampouco tratá-la levemente (há razões para que se afirme também o oposto: confiando em nosso Senhor podemos nos arriscar a assumir essa tarefa. Ele é que concede também o dom para a incumbência – cf. Tg 1.5; 2Tm 1.6).

Importa “manejar corretamente” a palavra (2Tm 2.15), no juízo e com graça, com instrução e promessa, tanto aos orgulhosos quanto aos desanimados, aos levementes e deprimidos, aos que se mexem com entusiasmo humano e aos apenas introvertidos. Representa uma ousadia especial comunicar a palavra ao mesmo tempo entre numerosas pessoas tão diferentes, tanto perante pessoas desconhecidas como perante aquelas que conhecemos muito bem. Aqui há necessidade de prece e intercessão.

A “avaliação” iminente (1Co 4.4) pode tornar-se “condenação”. Quando um médico esquece algo, quando não visita o paciente em tempo hábil, quando faz um diagnóstico errado por negligência, comete um erro em uma intervenção, deixa de tomar as necessárias precauções ou aplica uma injeção errada, eventualmente terá de submeter-se a um processo penal e uma ação civil de indenização. Quando entregamos incorretamente a palavra de Deus, quando pregamos lei em lugar de evangelho, quando tornamos a graça barata, quando diminuímos a seriedade do chamado ao arrependimento, quando “tiramos” ou “acrescentamos” (Ap 22.18s), não seremos perseguidos pela promotoria pública. Mas estamos sujeitos ao juízo divino, que não será menos grave do que o juízo de Deus sobre os descrentes (Lc 12.46-48).

Com tanto maior intensidade cumpre que roguemos: “Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca manifestará os teus louvores” (Sl 51.15).

II – NOSSA LÍNGUA (NOSSO FALAR) TEM O PAPEL DECISIVO EM TODA A NOSSA VIDA – Tg 3.2-8

Tiago passa a falar em sentido genérico sobre nossa capacidade de falar.

- 2 1 – **“(Na verdade) falhamos de muitas maneiras”**: em todas as esferas da vida ocorrem falhas, inclusive entre nós cristãos.

“Se alguém não tropeça (nem mesmo) no falar, é um homem perfeito”: teria chegado ao alvo (a palavra grega *téleios* = “perfeito” está gramaticalmente ligada a *télos* = “fim”, “consumação”, “alvo”). Com certeza essa pessoa também controlaria todas as demais áreas da vida. Antes Tiago escreveu: “Todos nós falhamos de múltiplas maneiras.” A última coisa que conseguimos controlar são as transgressões com palavras. Logo nenhum de nós é “pessoa perfeita”. Porém conhecemos Aquele capaz de afirmar: “Quem dentre vós pode me arguir de qualquer pecado?” (Jo 8.46). “As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo” (Jo 14.10,24). Pedro, que vivera longo tempo com Jesus, podia atestar: “Não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca... Não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças...” (1Pe 2.22s). No entanto, isso não pode ser afirmado a nosso respeito. “Nós falhamos de múltiplas formas”, principalmente e pelo tempo mais longo na área tão importante do nosso falar. Nesse ponto salva-nos unicamente o fato de que “a misericórdia se gloria contra o juízo” (Tg 2.13), prevalece o perdão de Deus e seu Espírito, por meio do qual ele mesmo habita em nossos corações (Ef 3.17). “O Senhor é o Espírito” (2Co 3.17). A única coisa que soluciona isso é que nosso Senhor está em nós e nós nele. Porque “se alguém está em Cristo, é nova criatura” (2Co 5.17).

2 – Por meio de duas comparações Tiago explicita como o pequeno membro, nossa língua, ou seja, nossa capacidade de falar, possui relevância decisiva para toda a vida, sendo por assim dizer o ponto de apoio de nossa vida. Mostra como somos capacitados para a “pôr freio” (controlar) também “o corpo todo” (nossa vida com seu vigor e seus efeitos; v. 3s).

- 3 a) **“Ora, quando pomos freio na boca dos cavalos, para nos obedecerem, (também) lhes dirigimos o corpo inteiro”**: com o freio se exerce o domínio sobre o animal todo. “Acima” do cavalo está o freio; por meio dele se decide sobre o cavalo. E “acima” do freio está o cavaleiro que move o freio. A pequena língua se assemelha ao pequeno freio. Nesse ponto predominante são tomadas as decisões acerca do que uma pessoa é e realiza, acerca da influência que ela exerce. Ademais, é sobretudo perante Deus que nossas palavras possuem um grande peso: “Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, Senhor, já a conheces toda” (Sl 139.4). “As pessoas terão de prestar contas de cada palavra má que sai de sua boca” (Mt 12.36). Nossa tendência é não atribuir às palavras um significado tão grande. Atentamos para as ações, mas nem de longe na mesma medida para nosso falar. Contudo a Bíblia não diferencia dessa forma entre palavra e ação. Também palavras são ações. – Em toda essa metáfora a nossa existência corresponde ao corpo do cavalo, e nossa língua, nossa capacidade de falar, ao freio que o move. A questão decisiva é a identidade do cavaleiro! Será que somos realmente nós mesmos? Nós humanos nunca somos apenas dirigentes, mas sempre também dirigidos, nunca somos apenas sujeitos, mas sempre também objetos. Quem está em nossa “sela”? O Espírito do alto ou o espírito de baixo? Paulo escreve: “Os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8.14).
- 4 b) **“Observai, igualmente, os navios! Eles, sendo tão grandes e batidos de rijos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos para onde queira o impulso do timoneiro”**: a pequena língua, em geral pouco notada, nossa capacidade de falar, tão natural para nós, é comparada agora com o pequeno leme, quase submerso na água. O pequeno leme determina o rumo do navio, apesar do tamanho da embarcação e da fúria das tempestades. Eis o navio, e “acima” dele, por assim dizer (não em sentido espacial, mas no que tange à importância), está o leme, e acima do leme está o timoneiro. Novamente levanta-se a pergunta: em nosso caso, quem está “no leme”, quem é o “timoneiro”, e permitimos que nosso Senhor “conduza o barco”? “Soberano, governa; Vitorioso, vence; Rei, usa teu poder” – sobre mim!

3 – Até agora Tiago falou apenas do grande efeito produzido pela língua. Com uma terceira ilustração ele passa a relatar, com realismo bíblico, que efeitos devastadores partem da língua, e também exatamente de onde vêm esses efeitos (v. 5s).

- 5 Inicialmente Tiago volta a sintetizar o que expôs até aqui: **“Assim, também a língua é (apenas) um pequeno órgão e (não obstante) se gaba de grandes coisas.”** Então, porém, continua: **“Vede uma fagulha! Que grande selva ela põe em brasas.”** Alguém larga descuidadamente um fósforo ou um toco de cigarro, ou um grupo de excursão assa lingüiças e vai embora sem apagar o fogo. Depois é grande o susto por causa das conseqüências catastróficas, o incêndio florestal.
- 6 **“Também a língua é um fogo”**: um fogo pequeno, insignificante, pouco considerado. **“A língua se mostra entre os membros de nosso corpo como mundo da injustiça”**: constitui um ponto de entrada singular para um espírito maligno em nossa vida, mas também o ponto de extravasamento desse espírito para nosso ambiente. Dessa maneira pode partir de nós uma influência profundamente consternadora, que deve nos assustar do mesmo modo como um incêndio florestal que causamos. Sem ponderar as palavras, relatamos algo, emitimos ou até mesmo sugerimos um juízo, e depois nos espantamos profundamente com o efeito disso e com o que outros fizeram disso (com os correspondentes acréscimos e exageros).

“Contamina o corpo inteiro”: Nosso Senhor Jesus Cristo diz: “Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isso, sim, contamina o homem” (Mt 15.11).

“Põe em chamas o círculo da vida”: a idéia do “círculo da vida” ou da “roda da vida” pode vir do mundo intelectual indiano – como supõem muitos pesquisadores. Mas Tiago emprega a expressão simplesmente no sentido do “entorno” do ser humano, de nosso horizonte de vida e de todo o âmbito de nossa existência terrena.

Quando há um incêndio qualquer no mundo e vemos, na seqüência, um monturo de escombros, pequenos ou grandes, é certo que a língua humana estava envolvida desde o começo. **“O mundo da injustiça”** parte da língua, derrama-se para dentro do mundo em redor do ser humano, confundindo e destruindo-o. Há uma legião de possibilidades para exercer uma influência tão maligna através da palavra humana falada, escrita e difundida pelos veículos de comunicação: mentira, desencaminhamento, suspeição, manipulação, instigação, agitação. As conseqüências: preconceito, inveja, ódio, fanatismo, ideologização, cupidez, indisciplina... No ataque-mor do inimigo e de seu

séquito demoníaco na fase escatológica deste mundo, a língua que desencadeia o fogo maligno (Ap 13.5,11) terá um papel singular. É nisso que o pecado transforma a maravilhosa dádiva da fala!

Agora Tiago diz expressamente de onde vem, em última análise, esse fogo: **“Pelo inferno é que ela é posta em chamas.”** Novamente vemos aqui “acima”, ou “uma atrás da outra”, a “floresta”, ou seja, o mundo, que é incendiado e destruído, a palavra humana, que solta o estopim e causa o incêndio, e finalmente o fogo com o qual o estopim é aceso.

- 7 4 – Não conseguimos resolver tudo isso por nós mesmos, humanamente (v. 7s). É verdade que somos capazes de um espantoso número de coisas: **“Toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido (definitivamente) domada pelo gênero humano”**. Além dos animais poderíamos acrescentar muitas outras coisas: também a eletricidade e a energia atômica. É espantoso como o ser humano aprendeu a colocar a força da natureza que o cerca a seu serviço. Assume controle de tudo, menos de si mesmo, e isso se explicita com singular clareza em sua língua, em sua maneira de falar. As forças intelectuais do ser humano que se expressam nas ciências naturais e na tecnologia são muito maiores que suas forças éticas e de caráter. Isso ameaça causar, enfim, uma catástrofe.
- 8 **“A língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido”**: quanto cada ser humano fala durante um só ano de sua vida! E “no muito falar não falta transgressão” (Pv 10.19). – **“... carregado de veneno mortífero”**: o farmacêutico teria conflito com as leis se vendesse veneno irrestritamente. No entanto, quanta peçonha, quanta coisa que envenena as pessoas é dita, impressa e transmitida impunemente!

Se Tiago fosse um “pregador da lei”, como defendem alguns, se ele, portanto, pretendesse impor às pessoas apenas um “dever”, não poderia de forma alguma falar desse modo negativo acerca das possibilidades humanas. Teria de declarar: “Deves e podes!” Aliás, teria de apresentar mais instruções e sugerir às pessoas otimismo em vista de suas possibilidades. Mas Tiago fala com a mesma sobriedade bíblica como faz também Paulo em Rm 1.18 a 3.20. O ser humano não consegue se ajudar. “Quem comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34). O inferno, o inimigo está agindo. Por isso vale: “A minha força nada faz; sozinho estou perdido” [Martinho Lutero – hino “Castelo Forte”, HPD 97,2] Tiago afirma como Paulo: não consegues ajudar a ti mesmo e tampouco tens de ajudar a ti mesmo. Ele conhece a “misericórdia” de Deus (Tg 2.13), que não permite que nos debatamos em nossa incapacidade. Cristo diz: “No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (Jo 16.33). O veneno, que desde Gn 3 praticamente circula em nossas veias e somos obrigados a disseminar, é eliminado pelo fato de que Deus passa a habitar em nós por intermédio de seu Espírito (Ef 3.17; Rm 8.11). O mais forte lança para fora da casa o assaltante forte (Lc 11.22). O fogo de baixo é superado pelo fogo do alto, o fogo do inferno pelo fogo de Deus (Lc 12.49; At 2.3). “Sede ardentes por meio do Espírito” (Rm 12.11). Fogo contra fogo! Jesus Cristo, Deus e seu Espírito têm de assumir a “montaria” e o “leme” em nós. Seu Espírito precisa nos incendiar. “... Que a língua toda vire fogo, que nada diga senão louvor a ti na terra e o que ao irmão edifica” (Ambrosius Blarer).

III – A LÍNGUA DOBRE – Tg 3.9-12

1 – Jesus afirma: “Porque a boca derrama do que está cheio o coração” (Mt 12.34). E aqui se evidencia que há “duas almas” em nosso peito [Goethe], que dois tipos de intelecto habitam em nós. Porque de nossos lábios sai um falar bastante ambíguo, bom e mau.

a) Isso vale já em relação ao ser humano natural: assim como nosso espaço de vida, desde o primeiro pecado, não é nem céu nem inferno, mas “mundo”, que se estende entre os dois, assim não somos nem anjos nem diabos: não somos mais somente bons, porque nos abrimos para outra influência, nem tampouco somente maus, porque por sua longanimidade, enquanto ainda vivemos nossa vida neste mundo, Deus preserva em nós suas boas dádivas, inclusive suas forças éticas. Conseqüentemente, também o falar nunca é somente bom, nem tampouco somente mau.

b) Isso vale de forma diferente também para pessoas renascidas (Tiago enfatiza com marcante freqüência que fala a “irmãos”, ou seja, a crentes). A nova vida já existe, mas também a velha natureza ainda persiste. “A carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne” (Gl 5.17). Importa apenas que tomemos partido em favor da nova vida a partir de Deus (cf. Gl 5.24).

2 – Tiago passa a nos mostrar toda a desnaturação de nossa língua dobre (v. 9s).

9 a) **“Com nossa língua bendizemos o Senhor”**: louvar a Deus constitui uma boa resposta ao amor dele. Descomplica-se, assim, a grande circulação entre Deus e nós: Deus presenteia, o ser humano agradece. Deus dá, o ser humano se entrega a ele (todo o dano no mundo está ligado à grande “complicação do aparelho circulatório”). É cumprimento do sentido de nossa vida agradecer e servir a Deus. “Louvar a Deus, eis nosso ministério.” É nossa vocação eterna. Nesse ponto não haverá necessidade de “reciclagem” quando chegarmos à eternidade.

O louvor de Deus é ao mesmo tempo admiração de Deus, gratidão, adoração, veneração, entrega da vida a ele, proclamação de seus prodígios e, por conseguinte, convite para que outros igualmente os vejam e enalteçam. – **“O Pai”**: é marcante que as duas palavras, “Senhor” e “Pai”, sejam colocadas lado-a-lado: ele é ao mesmo tempo sublime e próximo. A maior surpresa e admiração é causada por sua proximidade, pelo fato de que o grande eterno Deus nos toma por filhos, nós, os pequenos seres humanos: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus” (1Jo 3.1). Como filhos somos também herdeiros, co-herdeiros, co-partícipes com e no Filho unigênito Jesus Cristo, naquilo que Deus é, tem e faz para toda a eternidade (Rm 8.17; Gl 4.7; Cl 1.12; Ap 21.7).

b) **“Com nossa língua amaldiçoamos as pessoas, feitas à semelhança de Deus”** (cf. Gn 1.27): o normal seria abençoar as pessoas, que afinal foram criadas segundo a imagem e para a filiação de Deus. Não é sempre que podemos elogiá-las. Deus é mais fácil de louvar que as pessoas. Ele dá todos os motivos para que o exaltemos (até mesmo quando nem sempre o compreendemos – Jó 1.21), mas os humanos, não. Nesse aspecto é importante que também se elogie no ser humano tudo o que puder ser elogiado. Mas em qualquer situação podemos abençoar pessoas, inclusive aquelas que nos amaldiçoam, odeiam, ofendem e perseguem (Mt 5.44). Ou seja, podemos interceder por elas diante de Deus e lhes trazer e oferecer, a partir dessa intercessão, o sim de Deus para a sua vida em virtude do sacrifício de Jesus.

Isso não equivale a uma confirmação do ser humano em todas as situações. Igualmente pode levá-lo ao arrependimento. Mas em tudo isso é útil para corrigi-lo, para levá-lo até aquele que chamou também essa pessoa para ser filha de Deus.

Na seqüência ocorre o fato terrível: com a mesma boca com que se exaltou a Deus, e até mesmo talvez se tenha abençoado pessoas, passa-se a amaldiçoar pessoas. A Bíblia não entende por “amaldiçoar” a “expressão de força”, ofensiva a Deus, proferida por uma pessoa descontrolada. Ao invés disso, trata-se do oposto de abençoar: o insistente desejo de que Deus diga “não” a uma pessoa. Ou os outros são no mínimo diminuídos, incriminados, desonrados, condenados. E isso pode acontecer imediatamente depois que o louvor a Deus passou pelos nossos lábios, e ainda no átrio do prédio em que ecoou o louvor. Essa duplicidade constitui o pecado peculiar dos devotos.

Somos pessoas com domínio próprio. Em geral não nos excedemos em palavras. Isso acarretaria um mau testemunho para nós mesmos. Mas para lançar luz negativa sobre uma terceira pessoa ausente, bastam breves alusões, nas quais ainda nos garantimos contra o risco de que alguém possa “amassar nossa lataria”. Sem dúvida, é preciso que formemos uma opinião. Eventualmente temos de avaliar outras pessoas por força da profissão. Mas quando ponderamos que um dia nós mesmos seremos avaliados, faremos isso com temor.

10 **“De uma só boca procedem bênção e maldição”**: acontece que também nossa boca deveria ser reservada exclusivamente ao serviço a Deus. Quando entrava no santuário, o sumo sacerdote de Israel trazia na cobertura de sua cabeça as palavras: “Santo para o Senhor” (Êx 28.36; 39.30), i. é, ele era propriedade de Deus e reservado exclusivamente ao serviço dele. Do mesmo modo nosso Senhor, que nos “comprou por preço” (1Co 6.20), visa praticamente “inscrever” a frase “Santo para o Senhor” em nossa vida, em especial sobre nossa língua e nossos lábios, declarando-nos pertencentes a ele e reservados exclusivamente para o seu serviço (Sl 51.17; 71.23). A carta de Tiago é pregação em prol da santificação, e da santificação também faz parte a “nova natureza agradável a Deus” (Christoph Blumhardt).

“Isso não deve ser assim, meus irmãos”: essa duplicidade no uso da língua não é característica natural, mas desnaturada e culposa. Isso é o que a Bíblia nos diz incessantemente (Êx 20.16; Sl 34.14; Mt 5.22; Rm 12.14; 1Pe 3.9; etc.). Não deve e não precisa mais ser assim. Porque “se alguém está em Cristo, nova criatura é” (2Co 5.17). Podemos, mas não somos mais obrigados a pecar (Jo 8.36). E já não devemos fazê-lo. No v. 8 Tiago declara: “Nenhum ser humano pode...” Agora,

porém, diz: “Isso não dever ser.” Sem a possibilidade de obedecer a essa orientação ela seria absurda. Entre as linhas Tiago também agora aponta para o Senhor que cura e santifica.

3 – Por meio de duas ilustrações Tiago termina explicitando como é antinatural a duplicidade no falar (v. 11s).

11s “Acaso a fonte jorra do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce”:

a) A imagem do poço: de uma fonte (ou do poço ligado a ela) não jorra simultaneamente água doce e água do mar. Mas em nós humanos essa estranha mistura ocorre constantemente. Mesmo no caso de um poço ela é concebível, a saber, quando estiver simultaneamente ligada a duas fontes. A circunstância de que de nossa vida sempre brotam duas coisas distintas se explica pelo fato de que somos abastecidos a partir de duas fontes diferentes: o Espírito de Deus e o espírito deste mundo. Por isso importa suplicar: “Conserva meu coração vazio para ti” (Michael Hahn). Igualmente é necessário que não corramos para lá e para cá, mas que nossa comunhão com Jesus se torne sólida e constante (Jo 7.38; Cl 2.7; Hb 13.9).

b) A metáfora da figueira e da videira: plantas guardam fidelidade à sua espécie, somente nós cristãos, de forma antinatural, muitas vezes não o fazemos – principalmente no caso de nossas palavras. Novamente somos lembrados do que Jesus afirma no Sermão do Monte: “Uma boa árvore produz bons frutos” (Mt 7.16). – Todavia também acontece que uma árvore produza duas espécies de frutos. Em uma macieira pode haver ao mesmo tempo uma variedade nobre, de bom paladar, ao lado maçãs silvestres e não-comestíveis. Isso acontece em galhos que não foram enobrecidos. A única solução é cortar os galhos orgulhosos e selvagens, e enxertar ramos nobres. Do mesmo modo é preciso que em nós sejam cortados os “galhos orgulhosos” e implantados os “galhos nobres”, a saber, o Espírito de Deus. A Bíblia chama isso de arrependimento e renascimento. Deus visa concretizar unidade na natureza e em nossa vida. É esse seu propósito, e ele é capaz de fazê-lo.

SEXTA SÉRIE DE DITOS: ACERCA DA VERDADEIRA SABEDORIA – Tg 3.13-18

(cf. Tg 1.5)

13 – Quem entre vós é sábio e inteligente? Mostre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras.

14 – Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento faccioso, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade.

15 – Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca.

16 – Pois, onde há inveja e sentimento faccioso, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins.

17 – A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento.

18 – Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz.

Para cada época e geração se apresenta a pergunta pelo *caminho certo*. A terra incógnita do futuro se estende diante do indivíduo, particularmente diante de pessoas jovens e de toda a geração sucessora como um campo coberto de neve na cordilheira, jamais tocado, belo, interessante e também cheio de perigos e abismos escondidos. Era assim também nos dias de Tiago com o jovem cristianismo, que se dirigia ao mundo. Havia perguntas como a da convivência com o contexto gentílico e judaico, a do relacionamento com o judaísmo e o Estado romano, a pergunta a respeito da organização das igrejas e do convívio entre os próprios cristãos.

Da mesma forma apresentam-se também para nós hoje, em um mundo de estonteantes e aceleradas mudanças, as perguntas a respeito da atitude correta no fazer e deixar de fazer, seja para nós como pessoas, seja como congregação e igreja.

1 – Há necessidade de mestres – Tiago já falou deles em Tg 3.1 – e além disso, de modo geral, cristãos que sejam **sábios e sensatos** e conseqüentemente não encontram o rumo apenas para si mesmos, mas também sejam capazes de dar orientação a outros.

2 – Como equipamento para sua tarefa carecem de **sabedoria**, em grego *sophía* (cf. o exposto sobre Tg 1.5-8). Ter sabedoria significa encontrar, no pensar e agir, o caminho correto, com objetivos lúcidos e apontados por Deus. Ao lado da sabedoria Tiago coloca a “sensatez”. Essa palavra refere-se à compreensão clara e sóbria da situação em que alguém se encontra. Portanto, diante da “sensatez” e da “sabedoria” precisamos ter em mente a apreciação da situação e o “programa de ação”, o diagnóstico e a terapia.

13 Tiago indaga: **“Quem é sábio e sensato entre vós?”** Isso significa: quem de vocês é capaz de mostrar o caminho, inicialmente para a igreja, mas também para todos os buscam entre os cristãos o caminho certo? Evidentemente havia nas igrejas às quais Tiago escrevia, um bom número de pessoas que precipitadamente e seguras de si levantavam a mão, dizendo: “Eu!” (Tg 3.1).

3 – A pergunta a respeito dos critérios da verdadeira **sabedoria**, do espírito correto.

Tiago diz: Por favor, devagar! (cf. Tg 3.1). Se vocês pretendem mostrar o caminho a outros, vocês precisam admitir primeiramente algumas perguntas. Como cristãos vocês precisam perguntar algumas coisas àqueles a cuja liderança vocês se entregam. Nessa passagem da Escritura está em jogo a pergunta, tão relevante também para nós, pelo discernimento dos espíritos, pela verdadeira sabedoria, pelo Espírito do alto, ao qual podemos confiar nossa vida. Afinal, a liderança poderia se tornar sedução, e a direção, desencaminhamento. Qual é a pergunta de Tiago? **“Mostre em mansidão de sabedoria, mediante conduta correta, as suas obras.”** Não busca erudição, exames, acuidade de idéias, desenvoltura de palavras, força de convencimento, ainda que também tudo isso sejam boas dádivas que igualmente devem ser colocadas a serviço. Mas elas não bastam de forma isolada. Por trás de tudo isso é possível que ainda se oculte um espírito falso, que pretexta sabedoria, que confunde e que, ao invés de levar ao alvo, leva à perdição (cf. o comentário a Tg 2.19). O que Tiago cita como critério para a verdadeira sabedoria e o espírito genuíno?

a) **“Conduta”**: trata-se do caminho trilhado pela própria pessoa que ensina. Não pode ser como uma placa de trânsito, que nunca seguiu de fato o rumo para o qual aponta incessantemente. Jesus é o verdadeiro mestre. Ele fez o caminho e o abriu para nós. Chama também a nós para essa trajetória: “Vem e segue-me!”

b) **“Obras”**: são os frutos da fé e da sabedoria (cf. o comentário a Tg 2.14-26). Haveria algo de errado com a fé e a sabedoria se não trouxessem frutos. Esboços teológicos inteligentes ou “profundidade” de reflexão devota que deixa de atingir o cotidiano não bastam como demonstração de autenticidade para um cristão líder na igreja e sua sabedoria. A totalidade da existência tem de ser determinada pela fé em Jesus.

c) Tiago ainda acrescenta que conduta e obra do cristão em geral e do mestre em particular devem ser determinadas pela **“mansidão”**, em grego *praýtes*. “Mansidão” não é uma palavra popular (cf. o exposto sobre Tg 1.21). Ela contraria a natureza do ser humano. O mundo usa os cotovelos, tanto na vida profissional como econômica e política. Cada um justifica isso alegando que essa, afinal, é a lei do mundo de hoje. A luta é dura. De outro modo não seria possível ter sucesso. É assim que as pessoas constroem sua vida, seus empreendimentos, seus poderes e suas constelações de poder. Enquanto isso também Jesus constrói, silenciosamente e sem alarde, a sua igreja, o reino de Deus. Estranho é que, enquanto aquilo que os outros constroem constantemente cai por terra, a causa dele persiste por séculos. Verdade é que ele constrói de forma bem diferente. Não pressiona nem violenta. Tem fôlego perseverante. Age com diligência. Requesta os seres humanos. Calmamente contorna a aldeia samaritana que o rejeitou (Lc 9.51-57). Mais tarde os samaritanos aceitaram o evangelho até mesmo de impotentes fugitivos cristãos (o mesmo Lucas informa a esse respeito em At 8.3-8). Paulo assevera: “A fraqueza de Deus é mais forte que os seres humanos” (1Co 1.25). Esse modo de agir de Jesus é chamado pela Bíblia de “mansidão”. É assim que a profecia do AT já o anuncia (Zc 9.9, comparado com Mt 21.5). Ele próprio a assume (Mt 11.29). E também espera mansidão de seus seguidores, concedendo-lhe uma grande promessa (Mt 5.5). Mesmo agora, como Senhor exaltado, ele a vivencia. Declara: “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20). É assim que oferece sua paz: está diante da porta, bate e espera. Não que não tivesse poder, mas ele (ainda) não o utiliza. Essa atitude existe somente em Jesus e naqueles que se encontram sob a sua influência, sob a condução de seu Espírito. O princípio humano da não-violência não se refere à mesma coisa. Porque também através

dela pessoas tentam se impor, apenas de outra maneira. Não conseguimos viver por força própria a mansidão de Jesus. Ele é quem precisa ter ingressado em nossa vida com sua palavra e seu Espírito, ter ocupado a posição de “comando” e conduzir o “leme”.

Na seqüência Tiago apresenta outras características da sabedoria falsa e verdadeira, do espírito enganador e verdadeiro, para que não nos confiemos a uma liderança falsa. Também para nossa época confusa tudo isso propicia importantes ajudas para o discernimento de espíritos.

II – CARACTERÍSTICAS DA SABEDORIA FALSA E DO ESPÍRITO FALSO, A CUJA CONDUÇÃO NÃO NOS DEVEMOS CONFIAR – Tg 3.14-16

1 – Em que se denota o falso espírito (v. 14).

14 a) **“Inveja amargurada”**: Tiago fala a cristãos. Quantas ciúmeiras existem também em nossas igrejas e congregações! Basta que se dê um pouco de preferência a um em detrimento de outro para que de imediato se manifeste o que está dentro do ser humano. Alguém enunciou belas e devotas palavras, e basta que seja um pouco criticado sem (ou também com) motivos para que se irrite e se exalte como se o outro tivesse cometido um delito de lesa-majestade. Revela-se o que no fundo foi o importante para ele: ele mesmo e sua honra pessoal.

b) **“Discórdia”**: uma igreja ou congregação pode ouvir impecáveis sermões e estudos bíblicos, receber profundos conhecimentos das Escrituras, executar consideráveis tarefas diacônicas e levantar substanciais ofertas. Mas tensões e discórdias entre pessoas privam o trabalho como um todo da bênção de Deus. Cada qual busca sua afirmação pessoal. No espírito errado, o ser humano busca a si mesmo. Nessa situação é forçoso que surjam colisões e dissensões (1Co 3.1-4).

2 – Nenhuma ilusão própria e nenhuma ilusão do próximo! (v. 14)

“Portanto não vos glorieis”. Tiago diz: não se posicionem com tanta autoconfiança diante dos demais. Realmente não existe motivo para isso. – **“Nem mintais...”**, existe aí um espírito falso. Não enganem aos outros nem a si mesmos! **“... contra a verdade”**: a palavra “verdade” não apenas significa oposição à mentira no sentido de uma declaração isolada inverídica, mas algo muito mais abrangente: **Jesus** é “o caminho e a verdade e a vida” (Jo 14.6). Segui-lo em todas as situações: somente isso é verdadeira vida cristã. “Seguem o Cordeiro para onde quer que vá” (Ap 14.4). Qualquer outra suposta vida cristã não passa de uma grande mentira. Somente possui verdadeira sabedoria, somente pode ser verdadeiro mestre e dirigente da igreja aquele que se converteu a Jesus no sentido bíblico, que está voltado para ele e vive no discipulado dele. É assim que será dirigido pela trajetória de Jesus, o caminho de baixo, o caminho da mansidão. É assim que estará em Cristo e Cristo estará nele. Tudo o mais é “mentira contra a verdade” manifesta em Jesus. Por mais que alguém seja controlado e por melhor que desempenhe seu papel, não poderá impedir que aqui e acolá o “calcanhar de Aquiles” de sua velha natureza ainda se manifeste.

3 – A origem da falsa sabedoria e do falso espírito (v. 15).

15 **“Essa sabedoria não vem do alto”**: Deus está “em cima”, não no sentido de que isso seja um lugar diferente, longe de nós (“nele vivemos, existimos e somos” – At 17.28), mas no sentido da suprema importância (cf. o comentário a Tg 1.17). Onde existe ciúme e discórdia e onde as pessoas buscam a si mesmas não há o Espírito de Deus, por mais belo e devoto que seja o palavreado.

Esse espírito e essa sabedoria são: a) **“terrenos”**, ou seja, são espírito e sabedoria da terra, entendida como moradia da humanidade pecaminosa. “Terra” ocorre aqui no sentido de “mundo” (cf. o comentário a Tg 1.27). O mundo tem esse estranho semblante duplo: a nobreza como criação de Deus e a mácula do pecado. Está inundado de outro espírito. “O mundo jaz no maligno” (1Jo 5.19). Jesus fala do diabo como o “príncipe deste mundo” (Jo 12.31; 14.30; 16.11). O ser humano acompanha a correnteza da mentalidade e da natureza do mundo. b) **“Da alma”**, em grego psychikós. A palavra se refere ao ser humano natural e seu modo de ser. Tiago emprega o mesmo termo que Paulo em 1Co 2.14. Lá ele afirma que o ser humano “psíquico”, “natural”, “carnal” não percebe nada do Espírito de Deus. O ser humano carnal não está apenas no mundo, o mundo é que está nele. Sua natureza é totalmente determinada pelo modo de ser do mundo. c) **“Diabólicos”**, literalmente “demoníacos”: “terrena” é a sabedoria do mundo que cerca o ser humano. “Psíquica” é a

sabedoria vinda do próprio coração. “Diabólicos” são espírito e sabedoria vindos “de baixo”, que contaminam o ser humano com o orgulho, a autocracia e o amor próprio do inimigo (de Gn 3.5 a Ap 13.6).

Quando nos esquivamos do Espírito do alto, de sua disciplina e orientação, abrimo-nos para o espírito de baixo. Quando nos fechamos para Deus, abrimo-nos para o inimigo. Quando, porém, buscamos estar abertos para Deus, fechamo-nos para o inimigo. Ambas as coisas estão praticamente “aliadas” uma à outra. Em outro local Tiago afirma: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós; chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós” (Tg 4.7s).

4 – As conseqüências (v. 16).

- 16 “Onde há inveja e sentimento faccioso, aí há estrago e toda espécie de atos ruins”** (em grego = pragma, relacionado com praxis): A sabedoria de baixo não torna o ser humano pequeno, mas grande; não manso, mas exigente e violento; não humilde e dócil, mas orgulhoso; não livre de si mesmo, mas egoísta. Isso perturba e destrói qualquer comunhão, nas coisas pequenas e nas grandes, na igreja e no mundo. Quantos grupos e obras cristãos, cheios de esperança no início, já foram divididos e destruídos pela invasão desse espírito! Paulo diz, acerca do inimigo: “Não ignoramos o que tem em mente” (2Co 2.11). Temos o dever de examinar e discernir os espíritos (1Co 12.10; 14.29; 1Ts 5.21; 1Jo 4.1). Não há como exagerar a vigilância diante desse mau espírito, sobretudo em relação a nós mesmos. “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos” (Sl 139.23s). Tiago é um pregador do arrependimento difícil de ser igualado.

III – CARACTERÍSTICAS DO ESPÍRITO VERDADEIRO E DA VERDADEIRA SABEDORIA – Tg 3.17

- 17 “A sabedoria do alto é primeiramente pura, depois pacífica, amável, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, sem dúvidas, sem hipocrisia”**: essa sabedoria do alto é um fruto do Espírito do alto. A respeito dele se afirma: “O Senhor é o Espírito” (2Co 3.17). Por intermédio do Espírito ele habita com seu ser em nossos corações (Ef 3.17). Em Gl 5.22 Paulo arrola as características do ser humano renovado por Cristo: “O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência...” No fundo descreveu simplesmente o modo de ser de Jesus (cf. a forma “fruto” no singular). Desdobra-se em um sem-número de características essenciais, assim como a luz do sol se desdobra nas cores do arco-íris. É a mesma coisa que Tiago faz aqui:
- a) **“Pura”**: provavelmente não se pensa em primeiro lugar na pureza sexual, mas na sinceridade do pensamento perante Deus e humanos, que não busca a si próprio. – b) **“Pacífica”**: Jesus é o grande construtor de pontes entre Deus e ser humano. Quer que também nós sejamos construtores de pontes, elos de ligação em sua igreja e entre as pessoas no mundo. Na construção do reino de Deus (1Pe 2.5) há muitas pedras angulosas e com frequência também desproporcionais. É bom que nesse caso prestemos o serviço discreto, mas necessário, da argamassa. – c) **“Amável”**: quando se deseja ligar pessoas a Deus é preciso ser “solícito” (no sentido da amabilidade). Foi assim que Jesus, quando esteve na terra, foi ao encontro daqueles que estavam acostumados a ser alvo de críticas. – **“Tratável”**: quem está submetido à educação de Deus e de seu Espírito torna-se apto para a comunhão. É assim que se chega a que “um considere ao outro maior que a si próprio” (Fp 2.3), o que vale também para cristãos antigos, experientes e cheios de mérito na visão humana perante jovens, iniciantes e com poucos dons. Não sabemos o que Deus ainda fará com ele e que nível ele conferirá a cada um na eternidade. Nossa distribuição de papéis (cf. acima no comentário a Tg 2.1) neste mundo é apenas muito provisória. É tolice tornar teimosamente a si mesmo parâmetro de tudo. d) **“Plena de misericórdia”**: Deus é misericórdia (Êx 34.6 – veja também o comentário a Tg 2.13). Jesus é misericórdia de Deus em pessoa que se manifestou a nós, que entrou em cena, que se sacrificou por nós. Quem experimentou essa misericórdia e chegou assim à comunhão com Jesus, deixa-se arrastar para uma misericórdia idêntica. “Porque a misericórdia nos foi feita, não desfalecemos” (2Co 4.1). – e) **“... e de bons frutos”**: o ser humano natural, que está no mundo e no qual o mundo está, não traz frutos para Deus. “Não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3.12; cf. também Gl 5.19-21). Somente quem foi “enobrecido” pelo arrependimento e pela fé, em quem o ramo nobre “importado” foi implantado por Deus, seu Espírito, é capaz de produzir frutos para Deus: uma vida em consonância com Jesus (cf. Gl 5.22; Mt 7.17-19; 12.33; Jo 15.16). f) **“Sem dúvidas”**: sem desconfiança perante as pessoas, com as quais eventualmente

estamos lidando, embora não nos enganemos acerca do modo de ser das pessoas (nós as conhecemos, porque conhecemos nosso próprio coração). Pretendemos ir ao encontro de todos com franqueza, dando-lhes um crédito de confiança. – g) **“Sem hipocrisia”**: encenar um teatro diante dos outros significaria não levá-los a sério, mas humilhá-los. A maneira de Jesus vai ao encontro do próximo com seriedade e amor, para ajudá-lo assim a consertar a vida e chegar ao alvo.

IV – COMO ALCANÇAMOS ESSE ESPÍRITO, ESSA SABEDORIA E ESSA FERTILIDADE? – Tg 3.18

18 “O fruto da justiça, porém, se semeia na paz por aqueles que promovem a paz”: o “fruto da justiça” é aquele que agrada a Deus e propicia ajuda aos seres humanos. – Ele é “semeado”: pode-se lavrar cinco vezes um campo e aplicar muito adubo. Nada disso produz frutos. É preciso semear. Jesus diz o que é a semente: “A semente é a palavra de Deus” (Lc 8.11; cf. também Tg 1.21).

O fruto de uma vida humana não é produzido por bons propósitos que ele decide assumir, e tampouco por apelos por parte de terceiros. O fruto precisa ser semeado, a palavra de Deus tem de ser anunciada.

Precisa ser semeada **“na paz”**. Isso significa duas coisas: a) unicamente “na paz”, quando somos ouvintes, a semeadura acontece corretamente em nossa própria vida. Porém não “se semeia na paz” entre nós quando damos vazão ao sentimento de antipatia contra a testemunha, à irritação com qualquer coisa que nos incomoda no escrito dela ou de outras, quando nos deixamos monopolizar pela idéia de que nós obviamente faríamos as coisas de forma muito melhor, ou quando nos deixamos atormentar pela agitação interior que trouxemos conosco. “Deus lança a âncora somente em uma alma tranqüila.” b) Isso, no entanto, vale também quando temos de anunciar a palavra de Deus a outros. É importante que semeemos “na paz”. Na paz com Deus: por isso é importante a prece de que nada se interponha entre ele e nós. Do contrário semearmos vento e colheremos tempestade. Na paz com as pessoas: é necessário pedir-lhes perdão e concedê-lo a elas. Ademais não é possível anunciar o evangelho em tom de reprimenda, nem o amor com raiva. Tampouco deveria se alastrar uma polêmica teológica quando desejamos anunciar a mensagem de forma positiva e convidativa, por mais que seja necessária uma refutação do erro.

“Pelos que promovem a paz”: “Anunciar paz” aos de perto e de longe (Ef 2.17), essa é tarefa primordial que nos cabe realizar por incumbência de Jesus. Não basta que sejamos pessoas pacíficas. Em nossa atuação precisa haver o objetivo da paz, primeiro e acima de tudo a paz entre ser humano e Deus, e depois também, igualmente, a paz entre os humanos. Não por último isso faz parte da marca de autenticidade do Espírito e da sabedoria do alto: o Espírito Santo aproxima pessoas e as torna humildes. Contudo um espírito que sugere a idéia de que alguém seria “especial”, afastando assim as pessoas umas das outras, não é do alto, por mais religioso que pareça ser e por maior que seja a sua eficácia (cf. v. 15).

SÉTIMA SÉRIE DE DITOS: SOBRE O RISCO QUE REPRESENTA PARA NÓS O ESPÍRITO ANTIGO – Tg 4.1-12

I – A RAIZ MÁ – NOSSO EGOÍSMO – Tg 4.1-3

- 1 – De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?**
- 2 – Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis.**
- 3 – pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes (o que pedistes) em vossos prazeres.**

No bloco anterior Tiago menciona, entre outros, o sentimento faccioso e as discórdias. Formam o tema da nova série de ditos.

1 – A realidade da falta de paz (v. 1).

1 **“Guerra”**, em grego pólemos: trata-se do combate a um adversário com todos os meios disponíveis, inclusive as armas, com a finalidade de aniquilá-lo. Quantas guerras também o nosso século presenciou em todos os quadrantes do mundo! Quantas repetidas vezes as guerras nos ameaçam! E como já nos acostumamos com os conflitos! O mundo está cheio de “guerras e clamores de guerras” (Mt 24.6).

“Lutas”: essa é a expressão mais abrangente. Refere-se também aos atritos menores. Eles ocorrem em toda parte: no dia-a-dia político, entre parceiros sociais, na vida econômica e profissional, entre vizinhos e moradores da casa, entre as gerações e entre cônjuges.

“Entre vós”: significa no âmbito da igreja de Jesus. Isso é consternador. Será que, ao falarmos da discórdia, pensamos apenas nos outros ou primeiramente em nós? Está em negociação a “nossa causa”. Repetidamente ocorrem rivalidades, ciúmeiras, suscetibilidades, necessidade de afirmação, tensões, irreconciliabilidade, dissensões entre cristãos, em igrejas, congregações e grupos cristãos. Também quando está em jogo a necessária luta pela verdade, muitas coisas humanas estão envolvidas. Com frequência a luta está infectada por um espírito falso. A palavra representa um chamado ao arrependimento que nosso Senhor dirige a todos nós. – “Entre vós” significa literalmente: “em vós”. A expressão refere-se à nossa comunhão, ou seja, à realidade das interações humanas. Mas igualmente pode ser relacionado com cada um de nós: em nós mesmos trava-se a luta. Pelo fato de frequentemente existir em nós mesmos tanta desordem, falta de paz, dilaceramento, temos não raro reações tão negativas. A falta de paz entre as pessoas nas coisas pequenas e grandes, em discórdias e guerras, não é mais do que a multiplicação daquilo que existe em cada indivíduo.

2 – A causa da discórdia – de onde ela vem (v. 1).

“De onde vêm as guerras e de onde as contendidas entre vós? De onde, senão dos desejos que militam em vossos membros?”

Esses “desejos” e cobiças se dirigem ao que o próprio ser humano precisa para viver, ao que a geração posterior necessita, ao que traz alegria e gera felicidade ou facilidade para nós, ao que promete sublimar nossa vida, ao que promete nos preservar de sermos esquecidos no mundo vindouro, ao que deve assegurar a nós e nossos filhos o futuro, ao que vemos em outros... Muitas dessas expectativas têm razão de ser. Contudo, em nós elas surgem permeadas, atacadas, embebidas pelo espírito de baixo, ao qual muitas vezes abrimos as portas. Estão contaminadas e deterioradas desde que o pecado está no mundo. Vivemos no reino do pecado, no mundo, e, por natureza, o mundo está em nós. Essa condição do ser humano é chamada de “carne” pela Bíblia. Todas as esferas da vida estão marcadas por ela: a luta por bens, por ascensão social, por poder, por realização na vida, por felicidade. Também nossa sexualidade é abarcada por ela.

“Em vossos membros”: todos os órgãos humanos, dons, possibilidades, esferas de vida são igualmente atacados por esse espírito. Essa condição está sediada em nosso “sangue”. Em vão procuramos no ser humano o muito citado “cerne bom”. Pelo contrário, de acordo com a sentença da Bíblia ele possui um cerne mau, duríssimo. Ela fala de “corações de pedra” (Ez 36.26s). Unicamente o próprio Deus é capaz de realizar o “transplante cardíaco” que salva. O “em vossos membros” diz ainda mais: esses órgãos, dons e âmbitos da vida se tornam praticamente instrumentos, “armas” (cf. Rm 6.13) nessa ferrenha luta por auto-afirmação, reconhecimento e auto-realização do ser humano: forças intelectuais, capacidade de contatos, olhos, ouvidos, capacidade de falar, mãos, pés, órgãos sexuais, em suma: corpo, alma e espírito.

“Os desejos militam em vossos membros”: Assim o ser humano é atormentado e agitado. Preocupação e medo como consequência desses desejos (do próprio desejo e do desejo dos outros) tornam-se “contingência básica de sua existência”, como dizem os filósofos. Ele é como um animal que precisa sempre “garantir-se”, estar alerta e buscar um ponto fraco no outro para se defender. Algo análogo ocorre predominantemente na vida profissional, comercial, política, social, e até mesmo na vida familiar. Quando desaparece a confiança em Deus, desaparece também a confiança nas pessoas. Essa é a condição do ser humano que não conta com Deus e não espera nada dele, com o ser humano que tenta ser grande por conta própria (Gn 3.5) e que pensa ter de ajudar-se a si mesmo. É o ser humano que acredita estar sozinho, motivo pelo qual também tem de suportar sozinho o gigantesco fardo da preocupação pelo futuro. Por isso resiste tão ferrenhamente, por isso a bestial seriedade e as hostilidades. No entanto – o que é alarmante – isso também ocorre na igreja cristã.

3 – Para onde leva a falta de paz (v. 2).

- 2 a) O v. 2 demonstra o comportamento humano por meio de três palavras que expressam um crescendo. **“Desejais”** trata de uma avidez insaciável e egoísta: “Quanto mais tem, tanto mais deseja possuir”. – **“Assassinais e vos fanatizais”**: seríamos capazes de “servir veneno” ao outro. **“Lutais e fazeis guerras”**: agora, de maneira grosseira e refinada, tudo também se torna explícito.
- b) No resultado final tudo isso não leva a nada. Três vezes é dito: **“Não tendes nada – não alcançais nada – não recebeis nada.”** “Retornam onerados de pecados e insatisfeitos.” Apesar de todas as asseverações em contrário, as guerras não produzem nada de bom. Quantas coisas foram devoradas pelas últimas grandes guerras mundiais, vidas humanas, casamentos, famílias, lares, felicidade, bens, moralidade! E qual é o saldo de uma luta exacerbada entre parceiros de sociedade? Aperta-se mais um pouquinho o parafuso dos salários e preços, bem como a sorrateira desvalorização da moeda. Isso acontece ainda mais em lares, famílias e matrimônios. As pessoas gemem: “... como poderia ser bela nossa vida!” – “Não recebeis nada”: em sua bondade Deus estaria disposto a presentear. Mas quando concedemos espaço a esse espírito e a essa distorção, Deus se fecha.
- c) **“Porque não pedis”**: tentam conquistar pessoalmente o que somente pode ser obtido junto ao grande Doador. Acreditam ser obrigados a cuidar de si mesmos completamente sozinhos e não fazem uso da grande possibilidade da oração. Não optam pela extraordinária saída de toda a aflição: não batem na porta que sempre está aberta para nós (Mt 7.7; 1Pe 5.7; Fp 4.6; Sl 37.5).

4 – Até mesmo a oração é deturpada (v. 3).

- 3 O mau espírito do egoísmo, o espírito de baixo, deturpa até mesmo a oração (quando ainda existe), de modo que ela pode tornar-se vã: **“Pedis e não recebeis, porque pedis com má intenção, para (o) consumirdes em vossos prazeres”**. O ser humano, também aquele que é aparentemente cristão, encontra-se em uma posição de “ouriço”, de “defesa para todos os lados”. No fundo não se interessa pessoalmente por Deus e pelo que agrada a ele. Quando ora a Deus, espera que ele seja mero fornecedor dos meios com que possa se afirmar e reforçar sua posição. Deus somente deve prover os auxílios para a felicidade, o conforto, o prazer e a edificação do pedestal da auto-exaltação dessa pessoa. Alguém pode até mesmo pedir pelos dons do Espírito, em grego charismata – pelos mais notáveis – com a intenção de se sobressair com eles, de exibí-los como distintivo de sua devoção singular. Também a intenção de celebrar vitórias nesse campo significaria “consumir em seus prazeres” o que foi pedido. – Contudo, Deus não aceita esse papel de fornecedor. Em vão se aguarda o atendimento de tais pedidos. Por esse motivo uma oração altamente efusiva não obtém resposta. Por isso, eventualmente uma pessoa torna-se receptiva para “dons” enganosos, os pseudo-charismata, “moeda falsa”, que procede de outra “casa da moeda”, de outro remetente.

5 – O que ajuda.

Em sua carta Tiago se lembrava não apenas de palavras do Sermão do Monte, mas também tinha em vista o “Pregador do Monte” que as proclamou. A ele o espírito de baixo também tentava monopolizar: “Foi tentado como nós, contudo sem pecado” (Hb 4.15). Mas ele continuou confiando inteiramente no Pai, sujeito integralmente à sua vontade: não queria conseguir nada à revelia do Pai, nem mesmo as coisas mais necessárias. Tinha plena confiança de que o Pai também podia sustentá-lo sem pão, exclusivamente por meio de sua palavra. Não queria aceitar nada de outro (Mt 4.4,9s). Não era o Pai que deveria ser obediente à vontade dele, mas era ele que desejava ser obediente ao Pai (Mt 4.5-7). Foi isso que sustentou até expirar. Na submissão à vontade de Deus ele aceitou acima de tudo também sua cruz: “Sim, ó Pai, do fundo do coração, encarrega-me, e tudo carregarei” (Paul Gerhardt).

Tiago critica seus leitores que “pedem mal”. Por um lado podemos dizer tudo a Deus e rogar-lhe por tudo que nos parece importante e necessário: “Confiai nele, ó povo... derramai perante ele o vosso coração” (Sl 62.8). Por outro lado temos de permanecer sempre sob a vontade de Deus e nos submeter à correção dele: “Faça-se não a minha, mas a tua vontade” (Lc 22.42). Para que a maneira de Jesus nos determine, na oração a Deus e no diálogo com os humanos, é necessária, sobretudo, a prece de que Cristo habite em nossos corações por meio do Espírito Santo. Nesse ponto não será falha. Com certeza estará de acordo com a vontade de Deus (cf. 1Jo 5.14; Lc 11.13). Dessa forma

“Cristo será formado em nós” (Gl 4.19). “Em palavra e obra e todo ser, que exclusivamente a Jesus se possa ler” (Gerhard Tersteegen). Na realidade, que seja esse o nosso “desejo” (cf. Lc 19.3).

II – AS ALIANÇAS PERIGOSAS – Tg 4.4-10

- 4 – **Infiéis (literalmente: adúlteras), não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus.**
- 5 – **Ou supondes que em vão afirma a Escritura: É com ciúme que por nós anseia o Espírito, que ele fez habitar em nós?**
- 6 – **Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.**
- 7 – **Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.**
- 8 – **Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração.**
- 9 – **Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza.**
- 10 – **Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará.**

Nos versículos precedentes Tiago mostra a que ponto somos levados quando buscamos de maneira mundana os bens deste mundo. Agora ele nos diz também o quanto o amor ao mundo põe em risco especificamente nossa comunhão com Deus.

1 – Ganhar o mundo significa perder a Deus (v. 4-6).

- 4 **“Adúlteros (literalmente: adúlteras), não sabeis que a amizade com o mundo é inimizade contra Deus? Quem, portanto, pretende ser um amigo do mundo revela-se inimigo de Deus.”**
 - a) “Mundo”: o que a Bíblia visa dizer com isso?
 - a.1) A palavra grega kósmos significa “enfeite” (o termo “cosmético” origina-se dela). Segundo a opinião dos gregos, portanto, o mundo é uma “coisa linda”, uma “bela ordem”. Uma série de autores entende por “mundo” a bela e maravilhosa criação de Deus. “Deus fez o mundo e tudo o que ele contém” (At 17.24; cf. Hb 11.3; Sl 50.1; 90.2; Pv 30.4).
 - a.2) Um grande número de referências bíblicas, particularmente no NT, emprega “mundo” no sentido de “humanidade”, “mundo das pessoas”, com determinada natureza e intenção homogêneas: o ser humano, ao qual Deus confiou a terra (Gn 1.28), abriu as portas para o inimigo, deu-lhe atenção. Agora este o domina. Toda a humanidade é território ocupado pelo inimigo. Jesus fala do diabo como “príncipe deste mundo” (Jo 12.31; 14.30; 16.11). Paulo chega a designar o inimigo como “deus deste mundo” (2Co 4.4). E João diz que o mundo “jaz no maligno” (1Jo 5.19; cf. também o comentário a Tg 1.27). Deus “amou o mundo” (Jo 3.16), porém não para confirmar sua natureza, mas para, por meio de seu Filho, salvar o que é possível salvar. Como cristãos prestamos serviço ao mundo em consonância com o amor e a vontade salvadora de nosso Deus, devendo por isso “tomar o rumo”, entrar no mundo (Mt 28.19). Jesus fala aos seus: “Assim como meu Pai me enviou, assim envio vocês” (Jo 20.21). Porém não devemos nos perder no mundo, nem diluir-nos nele, do contrário não poderemos mais ser para as pessoas o que devemos ser. Nesse sentido (negativo) a Escritura fala com muita freqüência do “mundo”. João exorta: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele” (1Jo 2.15ss). Paulo escreve: “Não vos conformeis com este mundo” (Rm 12.2). Lamenta que Demas “passou a amar este mundo” (2Tm 4.10). E as testemunhas do NT constatam que o mundo com sua natureza e seu prazer desaparecerá e será condenado (1Co 7.31; 1Jo 2.17; 1Co 11.32). É nesse sentido negativo e de advertência que também Tiago fala aqui do mundo.
 - b) “A amizade com o mundo”: colocando em último plano ou até mesmo negando o que Deus é, concede e deseja, o ser humano busca concordância com aquilo que prevalece nos seres humanos e obtém reconhecimento, aprovação e aplausos deles. Adapta-se ao entorno, para não prejudicar sua aceitação. Isso também acontece porque seu desfavor e sua inimizade acarretam desvantagens ou até mesmo poderiam tornar-se perigosos.
 - c) O efeito nefasto da amizade com o mundo: “inimizade contra Deus”. Deus deseja se reconciliar com o pecador. Mas ele é inconciliável em vista do pecado, do inimigo e de sua natureza. Uma linha

de confrontação perpassa o mundo, fazendo divisão entre Deus e Satanás. Quem se volta para esse último e para pessoas determinadas por sua natureza obrigatoriamente se distancia de Deus e se volta contra ele. Não é possível ser simultaneamente um bom amigo de Deus e do mundo controlado pelo inimigo (cf. Mt 6.24; 12.30). É preferível perder o mundo todo que perder a Deus! Quando o ser humano diz “não” a Deus, Deus por fim dirá “não” a ele e sua vida. “Horível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31). Fazer a mesma troca que Judas, largando Jesus, e com isto também Deus, para obter a amizade (e os bens) do mundo tem conseqüências quase inimagináveis para nós.

d) Tiago elucida por que a aliança com o mundo tem efeitos tão nefastos, recorrendo a uma estranha constatação: “Adúlteras” sois vós! De acordo com o v. 5, a acusação não é de transgressão do Sexto Mandamento (“Não cometerás adultério”), mas do Primeiro Mandamento: “Eu sou o Senhor, teu Deus, não terás outros deuses além de mim.”

d.1) A comunhão que o grande e santo Deus concede a seu povo, ao pequeno ser humano pecador, é repetidamente comparada na Escritura aos dois relacionamentos humanos mais estreitos que existem: o relacionamento entre pai e filho e entre marido e mulher, ou noivo e noiva. Sim, o verdadeiro relacionamento entre pai e filho, o verdadeiro matrimônio, é a comunhão que Deus concede. Constitui o protótipo da comunhão humana. O melhor que os humanos conseguem realizar é sempre uma mera réplica, mais ou menos fiel. As palavras que a Escritura usa para descrever a comunhão entre Deus e sua igreja do AT e NT como matrimônio ou noivado, passam como um fio vermelho por toda a Bíblia. A aliança do Sinai (Êx 19.1-9) foi como uma celebração matrimonial. Mais tarde isso passou a ser expressamente formulado (Os 2.19s; Ez 16; 23; Is 61.10; 62.5; Ef 5.25; Ap 19.7; 21.2; 22.17). Hoje o mundo manifesta incompreensão diante da mensagem da comunhão que Deus concede aos humanos. Declara: “Temos agora uma idéia da magnitude do cosmos. É inconcebível que – se existir um Deus – ele se importe tanto com cada pequenino ser humano.” No entanto, para quem crê, para quem compreendeu algo do amor de Deus, esse amor se transforma em milagre ainda maior. No Sl 8 nos deparamos pela primeira vez com a admiração que toma conta do ser humano quando por um lado se apercebe do poder de Deus, o Criador, e por outro, do amor de Deus, o Pai, para com seus filhos: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste: que é o homem, que dele te lembres, e o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus” (Sl 8.3-5). João expressa essa surpresa e admiração com as palavras: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus!” (1Jo 3.1). Foi necessário falar disso aqui com tanto detalhamento porque somente sob esse ângulo é possível compreender a presente passagem da Escritura, a gravidade do afastamento de Deus: somente quem conhece o dia sente integralmente a profundidade das trevas. Somente quando conhecemos o amor de Deus e o experimentamos podemos aquilatar o que significa jogar fora esse amor como algo sem valor e trocá-lo por uma coisa qualquer. Precisamente isso é chamado aqui de “adultério”. A grave palavra não se dirige a descrentes, que não conhecem o amor de Deus, mas àqueles que ouviram o “pedido de casamento” na palavra proclamada, que responderam sim a Deus, experimentaram seu amor e viveram em sua comunhão, mas depois lhe deram as costas (cf. Hb 6.4-6).

d.2) Paralela à linha lúcida da “noiva” a Bíblia também é perpassada pela linha obscura do povo de Deus que se tornou infiel, que desprezou o milagre de seu amor (Os 1ss; Is 1.21; Ez 16; 23; também cabe citar aqui Ap 17).

“Adúlteras” é o nome dado por Tiago aos cristãos que flertam com o mundo, desertam para o lado dele e se associam a ele. A forma feminina deve estar relacionada com a circunstância de que, na “aliança matrimonial” entre Deus e seu povo, tanto sua igreja quanto o cristão individual ocupam o lugar da “esposa”.

- 5 Diante da eventual pergunta dos leitores do porquê, afinal, voltar-se ao mundo e conseqüentemente afastar-se de Deus teria conseqüências de gravidade tão extrema, Tiago responde com uma citação que não conhecemos nem do AT nem dos deuterocanônicos. Deve ser oriunda de um escrito desconhecido para nós: “O Espírito que passou a habitar em nós tem um anseio ciumento.” O termo grego que consta para “anseio” expressa o “desejo amoroso de ter inteiramente a pessoa amada” (Fritz Rienecker). Esta é, na realidade, a mensagem do evangelho: Deus chegou perto de nós como Pai, mais perto ainda que o grande irmão Jesus Cristo, que está ao nosso lado, e mais próximo que o Espírito, que está em nós (“O Senhor é o Espírito” – 2Co 3.17). Com seu amor inconcebivelmente grande o Senhor se relaciona de tal modo conosco que ele entra em nós (Jo 14.23; 15.4; Ef 3.17). O

Espírito Santo é a mais íntima comunhão que Deus estabelece conosco na era presente. Porém, no ponto em que o amor é mais pleno, ele também é mais sensível: um chefe, ou colega ou vizinha não podem magoar uma mulher tão profundamente quanto seu próprio marido, ao qual ela se entregou com amor e que passa a calcar aos pés o seu amor (aqui a ilustração é inversa: o amor do marido é violado pela mulher adúltera).

6 d.3) Mas na maior gravidade desse zelo de Deus também se evidencia todo o ardor de seu amor, de seu amor puro, misericordioso, e que está em busca de nós: “Contudo, ele concede tanto maior graça” (v. 6).

e) Que cabe, pois, fazer.

7 e.1) “Deus resiste aos soberbos, mas aos humildes concede graça.” Sujeitai-vos, portanto, a Deus.”

Tiago está citando uma palavra do AT (Pv 3.34; cf. 1Pe 5.5) a fim de mostrar o que desagrade e agrada a Deus e o que, conseqüentemente, cabe a nós fazer. – “Deus resiste aos soberbos”, aos “que se exaltam”, à vaidade impaciente que não quer esperar por Deus e pela sua hora, mas extrapola dos “trilhos que seu desígnio de amor estabeleceu” (J. A. Rothe). Tenta se virar sozinho e buscar outras ajudas e alianças que prometem levar mais rapidamente ao atendimento (cf. “a meretriz” em Ap 17.3; 18.7). Esse espírito vem da mesma fonte como o espírito do mundo hostil a Deus, autocrático e arbitrário (cf. o anticristo em Ap 13.5): trata-se da contaminação do espírito incomensuravelmente orgulhoso, do inimigo. – “Mas aos humildes concede graça”: por duas razões é relevante essa humildade. Primeiro, ela nos torna dóceis para a vontade de Deus. Cria disposição para ocupar o espaço que ele atribui, onde e pelo tempo que ele determinar. Visto que é ao mesmo tempo alegre na confiança e na esperança. “Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos” (Ap 13.10; 14.12). Em segundo lugar – Deus praticamente visa nos encontrar no lugar em que estamos: embaixo. Quem tenta se elevar não o encontra. Jesus, por meio do qual Deus nos procurou, foi “humilde de coração” (Mt 11.29). Deixou-se deitar na manjedoura e pregar à cruz. “Para baixo leva o caminho de Cristo.”

e.2) “Sujeitai-vos, portanto, a Deus”. Com essas palavras Tiago chega à conclusão final decorrente de suas declarações anteriores: parem de tentar afirmar-se a si mesmos! Capitem perante Deus! Abram mão do “empreendimento próprio”! Desistam dos planos pessoais! Retornem a seu Senhor! Permitam que o amor dele volte a conquistar seu coração! Entreguem sua vida nas mãos dele! Deixem-se usar para a sua obra, como e onde ele quiser! Esse é o lugar dos filhos de Deus, da noiva de Cristo. Deixem-se colocar novamente ali, e façam-no todos os dias! No último trecho da jornada da igreja de Jesus será decisivo perseverar nessa atitude.

2 – Converter-se a Deus significa rechaçar o inimigo (v. 7b-10).

a) O inimigo – agora ele é nomeado expressamente – mobiliza. Quando uma pessoa começa a se sujeitar a Deus, o inimigo sente seu domínio ameaçado. Foi assim com Jesus (Mt 4.1ss), é assim com os que o seguem.

b) **“Resisti ao diabo”**: Não lhe devemos dar espaço nem por indiferença nem por medo, assim como Jesus se negou a lhe dar espaço até o último suspiro. – Como seremos capazes disso? Jesus permaneceu integralmente sujeito à vontade do Pai: “Nada faço de mim mesmo, senão somente aquilo que vejo fazer o Pai” (Jo 5.19). Ficou envolto na vontade do Pai até a última gota de sangue. Por isso nem mesmo na cruz aceitou o desafio de demonstrar seu poder milagroso. Nenhum feitiço do inimigo o atingia. Tiago deixa claro que essa é também a maneira como nós podemos resistir ao inimigo: “Sujeitai-vos a Deus.” Essa solicitação é anterior à de que devemos resistir ao inimigo. Quando uma pessoa permanece assim “sujeita a Deus” (cf. José no Egito, em Gn 50.19), o diabo nada pode fazer. “Ele foge”.

8 c) Nota-se aqui mais uma razão por que o diabo foge: **“Chegai-vos a Deus”**, àquele que é o lado de Deus que se volta para nós, achegai-vos ao Filho. Ele derrotou o inimigo na Sexta-Feira Santa e na Páscoa. Agora é, para nós, apenas um inimigo vencido, de meras refregas retardatárias. Quando “corremos” para Jesus, i. é, quando de imediato nos voltamos em oração a Jesus para obter ajuda, o inimigo não pode nos perseguir (cf. Pv 18.10). “O diabo anda em derredor como um leão que ruge, buscando alguém para devorar” (1Pe 5.8). “Em derredor”, isso significa praticamente “pelas bordas”. Não tem coragem de se aproximar. Apenas lhe resta esperar que alguém se distancie novamente de Jesus. Então o ataca e arrasta consigo. A singela palavra: “Satanás foge quando te vê junto à cruz” foi dita com base em uma grande experiência de cuidado pastoral. – Na seqüência Tiago conta o que

torna essa aproximação de Deus em Jesus Cristo tão fácil: **“E ele se chegará a vós.”** Não conseguimos dar nenhum passo em direção a ele sem que ele não venha primeiro em nossa direção. É o que Jesus também explicita na parábola do filho pródigo: não apenas o filho foi ao encontro do pai, mas o pai também foi ao encontro do filho, facilitando-lhe a volta para casa (Lc 15.20).

d) O que é necessário quando nos chegamos a ele.

d.1) **“Purificai as mãos, pecadores!”** Tiago sublinha algo que muitos pregadores de hoje escrevem em letras miúdas ou até mesmo deixam fora: o Pai, que está pronto a nos receber, é o Deus santo. O pecado não cabe na comunhão com ele. O filho perdido da parábola desnudou todos os estragos. Também nós precisamos fazer isso. Desse modo ele purifica mãos e corações. **“O sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica de todo pecado”** (1Jo 1.7).

d.2) **“Santificai os corações”**: não se trata apenas de perdoar culpa passada, mas também de largar o atual amor ao pecado (cf. Jo 17.19; Rm 1.4; Gl 5.24; 1Pe 3.15; Hb 12.14). **“Santo”** significa ser propriedade irrestrita de Deus e reservada para o seu serviço exclusivo (cf. 1Co 6.19). **“Nossos corações pertencem totalmente ao varão do Calvário”** (F. v. Bodelschwingh). – Em seguida é abordado o grave dano de tantos cristãos nos dias de Tiago e também de hoje: **“Vós que sois de ânimo dobre”** (no grego consta aqui a mesma palavra como em Tg 1.8: *dipsychos*): é verdade que não somos indiferentes, porém temos no peito as **“duas almas”**, o amor a Jesus e ao mundo. Isso tem de mudar. Esse cristianismo de **“pular a cerca”** precisa acabar. Entregar também isso ao morrer de Cristo faz parte da **“santificação dos corações”**.

9 d.3) **“Percebei vossa miséria, lamentai e chorai. Vosso riso (como se tudo estivesse em ordem) deve se transformar em tristeza e vossa alegria em desalento”**: muita vida cristã **“semi-viva”** com certeza se deve ao fato de que muitos cristãos hoje não passam mais pela fase da **“tristeza divina”** (2Co 7.10) que faz parte de um arrependimento genuíno. Vários comentaristas já disseram que Tiago teria descrito o retorno do ser humano para Deus em cores excessivamente sombrias. Afinal, o arrependimento seria algo alegre. Na realidade a alegria tem sua razão de ser (v. 10b). Antes, porém, é preciso passar pelo que Tiago está mostrando aqui, para que se torne algo salutar.

10 d.4) **“Humilhai-vos perante o Senhor”**: considerando que pode vir a ser necessário que uma pessoa se curve perante outra que a ama e à qual magoou severamente, quanto mais será preciso que nos humilhemos diante do santo e puro Deus, que nos ama de modo inconcebível, por causa de nossa culpa em pensamentos, palavras e ações, com a qual magoamos o seu amor da forma mais grave possível. Humilhar-se perante Deus significa reconhecer a própria culpa e o juízo justo de Deus sem objeções e réplicas, sem restrições e tentativas de se justificar. É essa a única atitude com a qual se pode suplicar por perdão e graça (cf. o exemplo do rei Davi em 2Sm 12.13a; Sl 51).

e) **“E ele vos exaltará”** (cf. 1Pe 5.6): Deus não mantém prostrada e cheia de vergonha a pessoa que se humilha diante dele. Reveste-a com sua justiça, que nos foi conquistada por meio de Jesus Cristo (2Co 5.21; Rm 8.1). Levanta-a e presenteia-a com a filiação divina (Rm 8.15; 1Jo 3.1). Por isso sentimos já nesta vida, após passarmos pela **“tristeza divina”**, a grande alegria da volta para casa (Lc 15.24b). **“Arrependimento e alegre empreendimento”** (A. Schlatter). Deus nos exalta de tal maneira que não apenas passa a realizar bênçãos para nós, mas também através de nós, talvez nada humanamente grandioso, e não obstante algo verdadeiramente útil e frutífero com autoridade interior.

III – CONTRA O ESPÍRITO DE JULGAMENTO NA IGREJA – Tg 4.11S

11 – Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Aquele que fala mal do irmão ou julga a seu irmão fala mal da lei e julga a lei; ora, se julgas a lei, não és observador da lei, mas juiz.

12 – Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém, quem és, que julgas o próximo?

O ser humano que se tornou culpado e que acaba de ser erguido do chão pelo Senhor com sua clemência e presenteado com seu perdão e todo o seu amor, não pode em absoluto se arvorar imediatamente em juiz sobre outros (cf. Mt 18.23-34). Por isso Tiago, no contexto da palavra **“Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará”**, aborda mais um ponto na vida da igreja, o julgamento sobre outros.

11 “Irmãos, não faleis mal uns dos outros”: muito concreta é a tradução de Lutero: “Não faleis pelas costas”, ou seja: não faleis “por trás” uns dos outros. Alguém acaba de passar, e nem sequer se distanciou, duas pessoas já começam a comentar... Quando falamos sobre outros em tom de condenação, corremos o perigo de rapidamente perder a atitude do v. 10: “Humilhai-vos perante o Senhor.” Quem julga eleva-se sobre os demais e se arroga o direito de sentenciá-los, bem como de assumir uma posição especial diante de Deus. Assim tornamos a abrir as portas ao espírito falso.

“Não faleis mal uns dos outros”: nesse aspecto a legislação estatal não concede uma proteção legal sólida. A propriedade da pessoa é muito mais firmemente protegida pelas leis penais que seu bom nome. Quando alguém penetra na casa pela janela da sala e furta um objeto de um armário chaveado ele é perseguido como arrombador. No entanto, quem dissemina um boato maldoso de maneira intencional e com as necessárias cautelas, ou seja, quem rouba o bom nome de outra pessoa e assim o prejudica de forma muito mais grave, não é perseguido pela promotoria (a possível queixa pessoal constitui uma proteção legal frágil e, em certas circunstâncias, também dispendiosa). Conseqüentemente, a difamação possui grande importância no mundo: dessa maneira é possível neutralizar o rival no local de trabalho, prejudicar o concorrente comercial e liquidar o adversário político.

“Não faleis mal uns dos outros, **irmãos**”: Tiago dirige-se a cristãos. Talvez eles pensem que já progrediram muito na obediência da fé, na santificação de sua vida. Não obstante, esse desvio ainda se conserva neles. Temos de admitir que também entre nós ainda persistem deficiências. – Podemos nos perguntar por que, afinal, um ser humano, inclusive um cristão, gosta tanto de dizer e ouvir maldades sobre outros: o outro se torna o pano de fundo escuro diante do qual nós nos destacamos de modo bem mais vantajoso. Tranqüilizamo-nos em relação a nossos próprios erros. E quando o outro é um rival, isso nos proporciona uma posição melhor na corrida. Tudo isso, porém, procede do espírito falso. Ele praticamente se trai através dessa atitude.

2 – A profissão usurpada.

“**Quem fala mal do irmão ou julga seu irmão...**”: Ou seja, em certas situações nos sentamos na cátedra do juiz, e nosso irmão deve se assentar no banco dos réus. Contudo, estamos no lugar errado. Igualmente perseguimos um objetivo errado. A palavra para “julgar” no grego, *krinein*, também significa “separar” e “segregar”. No entanto, ainda não é hora para isso. O próprio Deus ainda não o faz. Paulo afirma: “Não julgueis antes do tempo” (1Co 4.5). Agora não é hora de separar (Mt 13.28-30, 47-50), mas de arrebanhar, de evangelizar. Do mesmo modo é tempo de cuidado pastoral, por meio do qual a pessoa é liberta com paciência do mal que – se perseverar nele – o separaria eternamente de Deus (Gl 6.1). Nosso Senhor cuida pessoalmente dessa obra. Temos o privilégio de sermos colaboradores de Deus (1Co 3.9). O crente espera com Deus em favor do próximo.

3 – Quem julga critica a Deus e seu mandamento.

Quem se propõe a julgar agora critica a Deus pelo fato de que ele – conforme acabamos de ver – ainda tem paciência. – “**E julga também a lei**”: os mandamentos de Deus não representam para a igreja de Jesus Cristo o dever que lhe cabe cumprir antes de poder realmente se aproximar de Deus (cf. o exposto acerca de Tg 2.14). E tampouco são o meio para excluir dois terços dos membros de nossas igrejas e congregações. Jesus afirma: “Deixai-os crescer juntos até a colheita” (Mt 13.30). Pelo contrário, o mandamento de Deus é para nós a vontade santa e salutar de Deus, misericordiosamente revelada, a boa e benfazeja ordem doméstica dos filhos que estavam perdidos e já retornaram ao lar do Pai. No entanto, quando tentamos usar de outro modo os mandamentos de Deus, nós criticamos a eles, e também àquele que os outorgou, bem como aquilo para o que os está concedendo agora. – Igualmente se exerce “crítica” (a palavra também se origina do grego *krinein* – “julgar”, “separar”) quando se faz diferença entre os mandamentos de Deus: pretendemos nos empenhar vigorosamente em favor de um (porque parece se dirigir contra outros), ao passo que de forma alguma observamos o outro, o Oitavo Mandamento, que fala contra nós.

Tiago nos obriga a levar o raciocínio até o fim: logo “**não és observador da lei, mas juiz**”. O praticante situa-se sob o mandamento, em obediência, sob o próprio Deus. Ele é o humilde, para o qual vale a promessa do v. 10. “Quem se humilha será exaltado” (Lc 14.11). Quem, porém, posa de juiz da lei de Deus, criticando-a (indireta ou diretamente) e colocando arbitrariamente suas ênfases,

eleva-se acima dos mandamentos e daquele que os concedeu. Para esse vale a palavra: “Deus resiste aos soberbos” (v. 6). “Quem se exalta será humilhado” (Lc 14.11). Hoje muitas vezes se exige a crítica, também na igreja. Em certa medida isso tem razão de ser. Mas de forma alguma poderá evoluir para crítica à palavra de Deus e à sua natureza compromissiva. A palavra de Deus critica a nós, e não nós, a ela. Do contrário permitimos que o espírito de baixo se instale, sendo arrastados, à moda do anticristo, para a queda e o orgulho do inimigo.

4 – Somos colocados no lugar que nos cabe (v. 12).

- 12 “Um só é Legislador e Juiz, capaz de salvar e fazer perecer”:** uma dia todos nós estaremos juntos diante do tribunal. Isso nos mantém modestos e conscientes de responsabilidade, mesmo quando somos obrigados, na transitoriedade deste mundo, a emitir aqui e acolá um juízo sobre outras pessoas. – Tiago chama à razão aquele que se julga tão seguro de si: **“Quem és tu, que julgas o próximo?”** Deixemo-nos conduzir desde já para longe do lugar falso que não nos compete, e vamos nos colocar no lugar que nos cabe! Agora encontraremos mais clemência do que quando o Senhor vindouro nos encontrar no lugar usurpado.

OITAVA SÉRIE DE DITOS: FAZER PLANOS COM AUTO-CONFIANÇA – Tg 4.13-17

- 13 – Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros.**
- 14 – Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa.**
- 15 – Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo.**
- 16 – Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna.**
- 17 – Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando.**

No v. 6 Tiago escreveu: “Deus resiste aos soberbos, mas aos humildes concede graça.” Deus diz “não” à vida daqueles que fazem de conta que Deus não existe e de que têm tudo nas próprias mãos e em seu poder de deliberação. Ele publica seu “sim” sobre a vida daqueles que sabem: Deus é Deus e nós somos seres humanos. Nesse contexto Tiago passa a tratar de algo que tem particular atualidade entre nós ocidentais laboriosos e ativos, principalmente hoje, a saber, o planejamento, a agenda de compromissos.

1 – Planejar é necessário (v. 13).

- 13 “Hoje ou amanhã, viajaremos”:** fala-se do planejamento. Hoje há planejamento em toda parte: no governo federal, nos estados, nas igrejas, planos financeiros de médio prazo, planos de desenvolvimento, planejamentos rurais e urbanos. Em todos os lugares há tarefas que precisam ser planejadas em longo prazo. A economia precisa planejar. Para permanecerem aptas na concorrência e preservar postos de trabalho as empresas precisam planejar com grande antecedência o desenvolvimento de seus artigos, bem como os preparativos da produção. Na política educacional é preciso planejar, também para assegurar que todo o povo seja apto para a concorrência no mundo. Existe uma ciência que se ocupa de possíveis desenvolvimentos futuros, elaborando fundamentos e oferecendo impulsos para o planejamento. Também na vida individual existem hoje planejamentos em várias áreas: é preciso planejar a formação pessoal e sua continuação, bem como a educação dos filhos. Precisamos antever o que será necessário no futuro. Na construção da casa e no seu financiamento há necessidade de planejar. Um pai de família responsável fará um plano para o caso de não ser mais capaz de trabalhar ou mesmo falecer. Todos esses planejamentos são necessários, sobretudo na atual sociedade industrial muito diferenciada e complicada em nosso país densamente povoado. Para o cristão um planejamento cuidadoso fará parte da fidelidade que se exige de um bom administrador (cf. Lc 12.42; 1Co 4.2).

2 – Como nosso planejar se torna errado?

a) Afinal, o que Tiago está questionando (cf. v. 16)? Em que somos advertidos pela palavra de Deus? Não o planejar em si, mas o espírito com que se planeja. Trata-se de um planejamento em que o ser humano não pensa mais em si: “Nas tuas mãos estão os meus dias” (Sl 31.15). Ele se refere a um planejar em que o ser humano presume que tenha o controle de todos os fatores, em que realiza tudo segundo sua vontade, com meios próprios e com força pessoal, no qual em última análise age como se ele mesmo fosse Deus. Por meio de Tiago, a palavra de Deus também quer fechar essa porta para o gênio falso do inimigo que, embora sendo criatura, pretende ser deus ao lado de Deus, deus contra Deus, e até mesmo deus acima de Deus, infectando os seres humanos com seu mau espírito: “Sereis como Deus” (Gn 3.5). Essa hýbris, essa mania de grandeza do ser humano perpassa a história do mundo, até o anticristo (2Ts 2.3-12; Ap 13), o “cristo do diabo” que corporifica esse espírito de forma pura.

b) Nós humanos modernos corremos singularmente o perigo de dar espaço a esse espírito, porque somos obrigados a planejar e sobretudo porque temos possibilidades tão grandiosas para planejar. – A geração que construiu a torre (Gn 11) é um modelo exato da sociedade humana atual: haviam feito invenções e descobertas importantes - sabiam produzir pedras artificiais, tijolos; descobriram uma argamassa muito durável, resina da terra, asfalto. Encontraram um excelente terreno para construir, a planície de Sinar. As invenções e descobertas em si não eram erradas. Faziam parte do cumprimento da tarefa: “Sujeitai a terra” (Gn 1.28). Errada, porém, era a postura interior. Pretendem teimar contra a vontade de Deus e permanecer unidos contra a orientação dele. Como símbolo dessa coesão planejaram uma gigantesca torre, sobre a qual pensavam estar entronados na mesma altura de Deus (a mania humana de grandeza é sempre simultaneamente tolice). Pretendiam “tornar célebre seu nome” (Gn 11.4), ao invés de exaltar o nome de Deus (Sl 34.3) e esperar até que Deus lhes tornasse célebre o nome (Gn 12.2). Queriam construir sozinhos “sua eternidade”, um memorial “para todos os tempos”.

c) Precisamente esse é o espírito que Tiago combate em toda a carta e diante do qual ele previne como um impactante pregador da penitência. É o espírito que representa tão alto risco para nós hoje e que é motivo especial para os juízos de Deus no curso e no alvo da história. Especialmente onde cristãos atuam em posições de responsabilidade no Estado, na economia e pesquisa, esse ponto de incursão do espírito satânico aqui descrito representa para eles um ponto particularmente perigoso. Somos remetidos à oração em vista do risco para nós mesmos e de nossos irmãos que ocupam essas posições.

d) Corremos esse perigo também quando nós cristãos agimos em prol do reino de Deus: em obras de diaconia, em ações de socorro a outros grupos étnicos, em cruzadas missionárias. As pessoas capazes e ativas correm o risco de acabar atuando exclusivamente segundo planos pessoais, confiando na própria força, com recursos próprios e para sua própria honra. Porém tudo isso fará parte de “palha, feno, restolhos”, que conforme 1Co 3.12-15 serão queimados um dia. – Vemos também na Escritura exemplos de pessoas (até mesmo bem-intencionadas) que atuaram dessa maneira e que fracassaram: quando Moisés tentou realizar algo por seu povo segundo seu próprio parecer, seus próprios planos, com força própria, com meios próprios e em época pessoalmente definida, tudo redundou em grave fracasso (Êx 2.11-15). Frequentemente a dificuldade está em distinguir entre o plano de Deus e a escolha pessoal (cf. a esse respeito o excuro no final do comentário sobre o presente bloco: “Como percebemos a condução de Deus em nossa vida?”). – Passemos agora à exegese detalhada:

3 – O ser humano não tem motivo para estar seguro de si (v. 13s).

13 “**Vamos agora**”: percebemos o ser humano pró-ativo e resoluto, que arrasta consigo também outras pessoas. É a esse modo de falar que Tiago alude.

“**Hoje ou amanhã**”: a expressão se refere à rapidez com que ele faz os planos e os leva à execução. – “**Nessa e naquela cidade**”: o homem pondera onde o mercado está mais favorável naquele exato instante.

14 “**Um ano**”: hoje elaboramos planos quadrienais ou quinquenais, na presunção de que podemos dispor com segurança de um futuro distante. Contudo não somos donos do futuro. É Deus quem dispõe sobre ele. “**Afinal não sabeis como será vossa vida amanhã.**” Muitas coisas podem atingir o

ser humano, frustrando seus planos: enfermidades e desastres, mudança na conjuntura política e econômica etc. Merecem destaque dois aspectos: a questão da duração de nossa vida e a das rápidas mudanças na realidade em que vivemos.

a) A duração breve e incerta de nossa vida é motivo para não termos tanta segurança: **“Porque sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa.”** A vida humana é como o vapor da caldeira de água fervente ou como o hálito da boca no frescor da manhã, como a bandeira de fumaça de uma locomotiva a vapor ou a coluna expelida por uma válvula, como a “escrita no céu” que um avião desenha contra o azul celeste para fins de propaganda: permanece por pouco tempo, depois se modifica, e em pouco tempo já não se vê mais nada (cf. Sl 90.5s; Is 40.6s; Lc 12.20).

b) Outro motivo dessa insegurança é hoje, entre outros, o fato de que o desenvolvimento acelerado em todas as áreas não pode ser plenamente previsto por ninguém. Nenhuma pessoa sabe com certeza como tudo se concretizará e quais exatamente serão seus efeitos na ação conjunta. No passado o ser humano estava ameaçado pela natureza, hoje é a natureza que está sendo ameaçada pelo ser humano. Pessoas que atuam na linha de frente, se forem responsáveis, com frequência são tomadas de apreensão.

4 – A atitude correta (v. 15).

15 **“Em vez disso, deveis dizer: Se o Senhor quiser e nós vivermos, faremos isso ou aquilo”** (cf. também At 18.21; 1Co 4.19; 16,17; Hb 6.3): hoje essa palavra parece ser para muitos uma sabedoria prosaica, um linguajar piegas e surrado (e eventualmente também foi transformada nisso). Contudo essa palavra descreve precisamente a atitude correta de um cristão. Desse modo somos colocados no lugar correto: **“Se o Senhor quiser... faremos”** – então também acontecerá. A atitude correta de um cristão nesse aspecto foi descrita com singular clareza por N. L. von Zinzendorf [1700-1760], seguramente por experiência de vida pessoal, em seu hino: **“Grava, ó alma, essa grande palavra: quando Jesus acenar, então vá...”** **“Se o Senhor quiser... faremos”**: isso foi vivido por Jesus. Foi assim que Tiago, seu irmão, presumível autor da presente carta, o conheceu. Seus irmãos esperavam que ele se apresentasse no grande palco da festa em Jerusalém. Contudo ele se recusou. Mais tarde, porém, foi para lá (Jo 7.8,10). Aguardou o sinal de seu Pai. Foi assim que procedeu nas bodas de Caná (Jo 2.4,12) – possivelmente Tiago também esteve lá – e da mesma maneira em vista da enfermidade e morte de seu amigo Lázaro (Jo 11.6ss). Jesus diz: **“O Filho do homem terá de padecer muitas coisas”** (Mt 16.21; 17.22; 20.17-19; 26.2). **“Hoje tenho de entrar em tua casa”** (Lc 19.5). Nesse **“tenho de”**, em grego *dei*, igualmente se explicita a vontade, o plano e o aceno do Pai. Por fim, Jesus ora: **“Que se faça não a minha, mas a tua vontade”** (Lc 22.42). – Também Israel deixou que Deus lhe mostrasse o caminho por meio da coluna de nuvem e fogo (Êx 13.21s), assim como Paulo aguardava a sinalização de seu Senhor (At 16.6-10). A igreja de Jesus, e a igreja do fim dos tempos, **“segue ao Cordeiro para onde for”** (Ap 14.4). O espírito de baixo, porém, instiga a sair arbitrariamente dos trilhos do discipulado (cf. o exposto em Tg 4.4 sobre a **“meretriz da Babilônia”** em Ap 17). – **“À tua disposição, meu Deus e meu Senhor, à tua disposição cada vez mais. À tua disposição na alegria e dor; todo dia e toda hora pronto para Jesus”** (F. Traub, missionário falecido precocemente na China).

5 – Na realidade ainda persiste o velho costume! (v. 16s).

16 a) A atitude segura de si: **“Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões”**: um perigo especial para não poucos cristãos é a idéia de, afinal, serem **“algo especial”** com o que são, fazem ou pretendem fazer.

“Toda jactância semelhante a essa é maligna”: a palavra grega *ponerós*, **“mau”**, que consta aqui e cuja forma substantiva designa o diabo, é um indício de que o maligno tem participação nessa atitude.

17 b) A recusa da obediência: **“Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, é para ele pecado”**: nesse contexto, portanto, ocorre a conhecida palavra do v. 17. Sem dúvida podemos lhe atribuir também um significado geral, de que comete pecado aquele que sabe o que seria bom em sua situação, mas não obstante deixa de realizá-lo. Contudo, de acordo com o contexto a palavra se refere à questão específica de que devemos estar prontos e dispostos para o plano, a vontade e a sinalização de Deus. De modo geral e no caso concreto é **“bom”** aquilo que Deus quer (**“bom”** não é o que a

moral humana define como tal). – Além disso, faz parte de nos tornarmos obedientes à vontade, ao plano e à sinalização de Deus que não nos deixemos monopolizar e prender tanto pelos nossos próprios planejamentos, inclusive no tocante à jornada diária, que não estejamos mais abertos e livres para as incumbências para as quais Deus nos chama a cada instante. É correto distribuir com cuidado o tempo, mas é importante estar também disposto a se sujeitar a qualquer momento aos planos de Deus e a receber novas incumbências. É necessário que sejamos flexíveis para Deus. Talvez o sacerdote em Lc 10.31 não tenha chegado a ajudar o pobre porque seu tempo já estava preenchido com seu planejamento. Em todos os casos é essa a situação de um grande número de “sacerdotes” que hoje passa ao largo de um ser humano que Deus deita diante dele. Em contraposição, com que disposição Filipe e Pedro se deixaram chamar por seu Senhor, para fora de seus esquemas e em direção de outras tarefas, inclusive quando diziam respeito a apenas poucas pessoas (At 8.26s; 10.20)!

EXCURSO: no presente contexto pode emergir para muitos a pergunta: **“Como percebemos a condução de Deus em nossa vida?”**

Ela parece irrelevante para pessoas que acreditam ser capazes de realizar a trajetória de vida por conta própria, i. é, segundo planos pessoais e com sua própria força. Contudo, para quem sabe que somente andará no caminho certo e se posicionará na vida no lugar correto e nas tarefas certas quando se deixar guiar por Deus, essa questão é extremamente importante. Mas quando tentamos ser obedientes, ela pode vir a ser muito difícil para nós: como, pois, reconhecemos a vontade de Deus?

1 – Com muita frequência experimentamos sua vontade diretamente através da palavra dele, que nos ordena sermos verdadeiros, puros, conciliadores, não-egoístas e amorosos. “Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti” (Mq 6.8).

2 – Às vezes acontece, porém, de nos depararmos com uma encruzilhada e ambos os caminhos diante de nós na realidade serem bons, p. ex., na questão da vocação que devemos seguir em nossa vida. Em que lugar, afinal, Deus quer que estejamos? Em At 16.6s é relatado como Paulo buscava um novo campo de trabalho. Inicialmente pretendia dirigir-se para o sudoeste, à populosa província da Ásia em torno de Éfeso. Mas “o Espírito Santo os impediu”. Então procurou um lugar para a ação missionária ao norte, na região da Bitínia, e provavelmente também na margem meridional do Mar Negro. “Mas o Espírito de Jesus não o permitiu”. Talvez Paulo tenha se inquietado no íntimo quando pensava em ir até lá (possivelmente não se limitou a pensar nisso), talvez tenha se angustiado na oração; não obteve confirmação interior de seu plano. Para a condução espiritual de Deus é importante permanecer “em prontidão”, em constante contato de oração. É assim que dispomos do meio para a sinalização e orientação de Deus. Também Paulo não recebeu “estoque de orientação para muitos anos”, mas apenas a ordem de não dar o passo projetado. Não devemos nos admirar quando não obtemos uma clareza maior no início. Diz Lutero, na retrospectiva de sua vida: “Deus me conduziu como um matungo ofuscado.”

3 – No entanto, que faremos se apesar de todas as nossas indagações e súplicas não obtivermos resposta? Continuar no caminho em que estávamos (ou no único caminho que ainda resta aberto). Foi precisamente o que também Paulo observou outrora na Ásia Menor. E foi assim que o evangelho percorreu o importante caminho até a Europa. Muitas vezes somos impacientes demais (François Poncet: “Os alemães são as pessoas mais apressadas do mundo; isso já lhes custou caro.”) “Quando Jesus silencia na alma, também tu precisas ter calma” (von Zinzendorf).

4 – Contudo, em certos momentos temos de nos decidir, e que será então? Também Paulo finalmente teve de tomar uma decisão quando chegou ao mar em Trôade. É possível que tenha aguardado um sinal. E Deus lhe deu esse sinal. O sinal que Deus nos concede pode ser: uma palavra da Bíblia com a qual nos deparamos e que fala de maneira singular em nossa situação; uma porta nitidamente aberta (cf. 2Co 2.12) enquanto outras portas e possibilidades continuam fechadas para nós; o conselho de cristãos maduros, surgido da intercessão por nós; a circunstância de que simplesmente somos necessários para determinadas tarefas. O sinal isolado, porém, nunca é suficiente; necessário é que obtenhamos certeza no diálogo da oração (não podemos interpretar algo

precipitadamente como sinal de Deus, principalmente quando confirma nossos próprios desejos. “Quando contraria a natureza, então é que está no caminho certo” – G. Tersteegen). Importante é obedecer imediatamente, porque do contrário tudo facilmente se dissipa e se torna questionável o que a princípio ficou muito claro por parte de Deus e seu Espírito (At 16.10 – “imediatamente”; At 8.27,30 – “ele correu”; Gn 22.3 – “cedo”).

5 – O que faremos, porém, quando não descobrimos nenhum sinal e quando até mesmo o conselho de outros cristãos é contraditório e pouco convincente? Entregar mais uma vez a vida inteiramente a Deus, para que disponha dela: “Aqui estou, faz de mim o que te apraz!” Então lhe rogaremos: “Senhor, dirige tu os meus pensamentos e minhas ponderações, as sábias e as tolas, de modo que assim se destaque tua vontade boa, misericordiosa e salutar para mim e outros.” Por fim tomaremos a decisão com confiança, segundo nosso mais depurado conhecimento e nossa consciência, da melhor forma que pudermos decidir em nossa miopia humana. Quando isso acontece com autenticidade, constatamos muitas vezes, ao olhar para trás, que nossas decisões resultaram em mais acertos do que podíamos prever na época de nossa decisão. “Guia-me pelas veredas da justiça” (Sl 23.3).

NONA SÉRIE DE DITOS: SOBRE O IMINENTE DIA DO SENHOR – Tg 5.1-12

I – PALAVRA DE JUÍZO EM VISTA DO DIA DE JESUS CRISTO – Tg 5.1-6

- 1 – Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão!**
- 2 – As vossas riquezas estão corruptas, e as vossas roupagens, comidas de traça.**
- 3 – O vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias.**
- 4 – Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos.**
- 5 – Tendes vivido regaladamente sobre a terra; tendes vivido nos prazeres; tendes engordado o vosso coração, em dia de matança.**
- 6 – Tendes condenado e matado o justo, sem que ele vos faça resistência.**

No bloco anterior Tiago falou de pessoas seguras de si que pensam não precisar de Deus. É possível que agora tenha lembrado da objeção: “No entanto, não deixam de ter êxito e prosperar. Têm todos os trunfos na mão e os usam. Nós pessoas humildes temos de sofrer muito debaixo dessa situação.” Em decorrência, Tiago apresenta neste trecho o que acontece com a riqueza vinda de Deus. No presente caso as pessoas de que se fala não são primordialmente membros da igreja (ainda que vários do seu âmbito tiveram e têm de se confrontar com a pergunta: “Senhor, sou eu?”). A princípio os ricos fora da igreja não devem ter visto a carta (como também ocorreu com as palavras proféticas sobre a Babilônia, Assíria, Tiro, etc. – Is 13-23; Jr 46-51; etc. – que não foram proclamadas nessas cidades). Mas a palavra serviu para deixar as coisas claras.

1 – “Vós ricos”, em grego plousios (v. 1).

- 1** a) No Sl 73.12 consta: “Os ímpios aumentam suas riquezas”. Lá se mostra a figura de pessoas teimosas: “Falam com altivez.” “São sólidos como um palácio.” Qualquer meio lhes convém. “Fazem o que bem entendem” (Sl 73.4,8). Na verdade não é válida a equação: rico = ímpio, pobre = devoto. Também Abraão era rico (Gn 13.2). Mas com certeza os ricos estão majoritariamente do outro lado. Muitos não teriam enriquecido se tivessem sido escrupulosos nos métodos. Ademais é notório que o ser humano é sujeito a transformar sua riqueza em ídolo e então pensar que já não precisa de Deus. Também nos evangelhos os ricos muitas vezes participavam da oposição (Mt 23.14; Lc 16.14). O próprio Jesus descreve em suas parábolas dois personagens ricos para os quais a propriedade veio a ser fatal: o rico que ignorava Lázaro que jazia à sua porta (Lc 16.19ss) e o rico

agricultor que se satisfazia com sua riqueza, acreditando poder usá-la exclusivamente em prol de si mesmo (Lc 12.16-21). Jesus sentencia: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus” (Mt 19.24; Lc 18.25). E Paulo escreve: “Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada” (1Tm 6.9).

b) Também hoje muitas pessoas são ateístas não tanto por causa de dúvidas intelectuais, mas porque no fundo pensam não precisar de Deus e por confiarem nos bens, na boa posição, em suas capacidades. São esses seus ídolos. Geralmente nem mesmo é necessária grande quantidade de bens, posição e inteligência para que alguém se considere “rico” no sentido do presente trecho. – Nenhum de nós está livre do risco de transformar suas propriedades e garantias maiores ou menores em ídolos: conta bancária, casa, bons ganhos constantes. Então existirá também o perigo de permanecermos “sentados” em tudo isso. “A avareza é uma raiz de todos os males” (1Tm 6.10). Leva a uma atitude errônea perante Deus e pessoas.

c) Para a última jornada da história universal anuncia-se que o anticristo controlará tudo e boicotará os que se mantêm fiéis a Jesus (Ap 13.17). Aqui se explicita outra linha que perpassa a Escritura: há seres humanos cuja consciência está presa a Deus, que perseveram singela e inabalavelmente do lado de Deus e são prejudicados em todos os sentidos porque o diabo é o “príncipe deste mundo”. Nos salmos eles são chamados de “necessitados” (Sl 10.2,12; 12.5; 34.2,7; 74.19-22; etc.). Jesus os chama de “pobres”. Mas declara: “Bem-aventurados vós, os pobres” (Lc 6.20).

2 – Muda a situação (v. 1-3).

a) O fato da mudança de tom. Tiago vê aproximar-se o que os ricos ainda não vêem: **“Atenção, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão!”** Assim como em geral o dono da casa ergue a taça no início de uma festividade e brinda como sinal de que a festa está começando: “Atenção!”, assim Tiago convoca agora para o lamento. Ainda estão “numa boa”. Porém isso acabará em breve. Devem preparar-se desde já. Isso é semelhante às palavras de Jeremias, que já entoava o lamento fúnebre (cf. Jr 4.19ss; etc.) quando muitos ainda se consideravam seguros em Jerusalém. “Como o mundo jaz cego e morto! Dorme em segurança e presume que a aflição do grande dia ainda está distante e remota” (J. C. Rube; cf. também Lc 17.26-30).

2 b) A causa da guinada. **“Vossa riqueza está apodrecida”**: provavelmente tem-se em mente as ricas reservas de víveres que foram estocados e agora se deterioraram. Era muito melhor guardar esses estoques do que dá-los aos pobres (Sl 41.2; Pv 19.17; Sir 4.1-6; Mt 5.42; 25.40; Lc 6.38; Gl 6.9s; Hb 13.16). Talvez também se visasse aguardar tempos em que se poderia vendê-los a preços vis. – **“Vossas roupas estão comidas de traças”**: os antigos não tinham dinheiro em moeda, como hoje. Acumulavam-se sobretudo valores materiais, tecidos, vestes preciosas etc. Também João Batista convocou – de forma audível para muitos em Israel – a um comportamento diferente (Lc 3.11). Novamente somos lembrados aqui do Sermão do Monte (Mt 6.20).

3 **“Vosso ouro e vossa prata enferrujaram”**: os antigos ainda não tinham a possibilidade de limpar metais nobres de outras substâncias da forma como nós. Por isso era possível que em certas condições também ouro e prata oxidassem. Todas as jóias e outros objetos metálicos de valor experimentavam forte depreciação. Em suma: aquilo em que consiste a riqueza é passageiro, está sujeito à transitoriedade geral, também hoje: muda o “clima” na economia de um país. As ações caem. Empresas de renome pedem concordata ou têm de ser vendidas com urgência; não resta muita coisa aos donos antigos. Instala-se o desemprego. Bons cargos se perdem. Outros ramos da economia são prejudicados também. Caem as receitas de impostos. Uma coisa está ligada à outra. O chão treme sob os pés. Ou pode ser até mesmo que grasse pelo país o arado da guerra e da revolução; grandes personalidades de ontem tornam-se hoje mendigos.

c) Bens não usados transformam-se em acusação: **“Sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos”**: Na grande data do juízo de Deus servirão de testemunhas contra eles os mantimentos deteriorados e as roupas, bem como o dinheiro estocado e depreciado, que não manteve seu brilho, por assim dizer, por não circular nas mãos de terceiros. Também nós um dia seremos questionados: “O que você fez com sua vida, com seus dons, com sua profissão e sua propriedade, bem como com as pessoas necessitadas que coloquei diante de você?” São perguntas dirigidas não apenas ao “mundo”, mas também a nós. Isso inicia com as pessoas que encontramos, estendendo-se

até as tarefas de amplitude mundial. Em nossa época fala-se muito, mas apenas se fala, de “ajuda para o desenvolvimento”. Várias pessoas a transformam praticamente em substituto para o evangelho que perderam. Talvez seja por isso que quase não suportamos mais ouvir a palavra. Não obstante, um dia seremos questionados: Vocês ouviram muito sobre a miséria daqueles povos distantes, mais do que no passado. E vocês também tinham mais possibilidades de fazer algo, mais que no passado. O que foi que vocês cristãos ocidentais abastados fizeram nessa área?

d) A conexão de nosso destino com o de nossos bens. **“Sua ferrugem há de devorar, como fogo, a vossa carne”**: a ruína do que foi acumulado contagia aquele que acumulou e que se prendeu às coisas acumuladas. O ídolo arrasta o idólatra junto em sua própria ruína. É como quando um cachorro está acorrentado na varanda de uma propriedade rural, e as construções se desfazem em chamas. O pobre animal uiva e força a corrente, tentando se soltar. Finalmente, porém, é esmagado na queda do telhado em chamas. Assim acontece com o ser humano que se deixou amarrar a esse mundo e seus bens. João escreve: “O mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1Jo 2.17). É extremamente importante soltar-se do mundo e ligar-se a Jesus. Ele declara: “A (vontade e a) obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.” (Jo 6.29). “Todo o que comete pecado é escravo do pecado... Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.34,36).

3 – Os diversos pontos de acusação (v. 3-6).

a) Acumular bens ao invés de fazer o bem por meio deles. **“Tesouros acumulastes...”**: O que acontecerá se – analisado à luz do dia – isso for basicamente o denominador principal daquilo que queremos e praticamos? Pessoas trabalhadoras e parcimoniosas correm esse perigo. Será que aquilo que investimos na construção do reino de Deus e em prol da carência de nossos semelhantes se situa em patamares análogos ao que contribuímos para a poupança da casa própria? – Como agravante é acrescentado: **“nos últimos dias.”** Desde a vinda de Jesus na realidade vigoram os “últimos tempos” (Hb 1.2). Quando, porém, colocamos a Bíblia aberta ao lado do jornal nos dias de hoje, impõe-se a impressão de que agora se manifestam de maneira notória os citados presságios do retorno de Jesus. Nesse caso, de fato importa para nós algo diferente do que “ter sucesso na vida”. “Livra-te, salva a tua vida” (Gn 19.17) e a de outros. Jesus declara: “Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do Homem: comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos. O mesmo aconteceu nos dias de Ló...” (Lc 17.27s).

- 4 b) Violação não apenas do amor, mas igualmente do direito (cf. Lv 19.13; Dt 24.14; Jr 22.13). **“Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos cortadores penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos”**: não somente deixaram de doar, mas tampouco deram o que era devido (até mesmo por um serviço que lhes trouxe muitos rendimentos). Também nós cristãos temos de nos submeter a interrogatório nesse aspecto. Paulo diz: “Não fiqueis devendo nada a ninguém” (Rm 13.8). Talvez façamos muitas coisas voluntariamente no sentido do amor cristão (o que possivelmente nos rende certo reconhecimento). Contudo geralmente deixamos de fazer o que simplesmente teria sido nosso dever e o que todos consideram óbvio (motivo pelo qual não rende nenhuma admiração). Primeiro temos de satisfazer a justiça, antes de praticarmos o amor. Primeiro temos de pagar as contas antigas e assalariar com justiça nossos colaboradores, antes de fazermos grandes donativos. É possível atuar ocasionalmente de maneira cristã, e ao mesmo tempo negligenciar os pais idosos, o cônjuge e os próprios filhos. **“Se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente”** (1Tm 5.8). Como pregadores e pastores podemos ter grande alcance pela mensagem falada e escrita e ter um nome, e ao mesmo tempo negligenciar os enfermos, os idosos e a população de risco na própria congregação e igreja. “O que se requer dos administradores é que cada um deles seja encontrado fiel” (1Co 4.2). Somos administradores com tudo o que temos e somos. Tudo é propriedade dada em custódia. Importa, então, ser fiel no lugar em que Deus nos colocou.

O salário retido “grita” a Deus como o sangue de Abel (Gn 4.10) e como o pecado de Sodoma (Gn 18.20). Surpreendentemente Deus se importa também com a realidade social e nosso comportamento em sociedade. Não queremos ficar em dívida nem nos aproveitar da parte contrária, sejamos empregadores ou empregados. Também categorias profissionais inteiras devem receber o que lhes

cabe, p.ex., a classe camponesa, porque “todo trabalhador é digno de seu salário” (cf. Lc 10.7). Faz parte do “salário” também a moradia digna e a obtenção do devido reconhecimento, sem ser degradado para cidadão de segunda categoria.

- 5 c) Realizar festas dispendiosas enquanto outros passam fome. **“Tendes vivido regaladamente sobre a terra; tendes vivido nos prazeres; tendes engordado o vosso coração”**: Afirma-se: “Também tive de trabalhar. Afinal, também devo ter o direito de aproveitar alguma coisa!” As pessoas moram muito bem. Viajam em férias para locais longínquos. Afirma-se sobre o rico agricultor que ele “não foi rico para Deus” (Lc 12.21). Para si próprio, porém, foi rico. Não deixou faltar nada em casa: “Alma minha, come e bebe!” Porém para Deus ele foi pobre, miserável. O que Tiago está escrevendo aqui não pode ser repassado simplesmente às “instâncias” do mundo. Trata-se de um questionamento que vale também para nós.

Novamente consta uma ênfase semelhante à do v. 3: ademais **“no dia da matança”**. Primeiramente poderíamos imaginar o dia em que os animais cevados eram mortos para banquetes e celebrações festivas. No entanto, sofriam privações os trabalhadores que haviam recolhido a safra e aos quais continuava sendo negado o salário, ou que era pecaminosamente mantido baixo. Contudo no judaísmo daquele tempo, em consonância com passagens como Jr 12.3, a expressão “o dia da matança” é significado consistente do grande dia do juízo, no qual Deus proclama e executa sua sentença. A palavra significa: mesmo enquanto já está raiando o dia do juízo, procura-se persistir no intuito de buscar divertimentos.

- 6 d) O poder propiciado pela riqueza também é malversado em relação à liberdade, honra e vida de terceiros. **“Condenastes e matastes o justo”**: aqui devemos pensar primeiramente em Jesus. Foi condenado por aqueles que possuíam influência, riqueza e poder. A perseguição ao jovem cristianismo por parte do judaísmo igualmente se deu por meio de pessoas com influência, riqueza e poder. O mesmo aconteceu durante a perseguição secular aos cristãos por parte do poderoso Império Romano. Tampouco é diferente quando cristãos sofrem nos dias de hoje. Acima de tudo isso valerá no último trajeto da igreja de Jesus durante a tribulação do anticristo. – **“Ele (porém) não se opõe a vós”**: também isso valia inicial e principalmente para Jesus. “Não se contrapôs”. Não porque não tivesse poder, mas porque não o usou, em acordo com a vontade do Pai: “Posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos. Como, porém, se cumpririam as Escrituras? É assim que deve acontecer” (Mt 26.53s). O que vale para Cristo vale também para os cristãos. Jesus diz a Pedro: “Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão” (Mt 26.52). É assim que também temos de compreender a palavra de Rm 13.1ss, escrita aos cristãos de Roma nos dias de alguém como Nero: “Quem resiste às autoridades, resiste à ordem de Deus”, sobretudo à ordem que ele deu a seu Filho e aos seguidores dele para a caminhada: a ordem de sofrer (cf. Rm 13.2; Mt 16.24; At 14.22). Por isso a igreja de Jesus, particularmente também na tribulação do fim, está proibida de se defender: “Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos” (Ap 13.10; 14.12). É muito importante permanecer também sob esse aspecto no caminho do discipulado de Jesus: “Ele não se contrapôs” (cf. Ap 14.4).

II – PALAVRA DE CONSOLO EM VISTA DO DIA DE JESUS CRISTO – Tg 5.7-12

- 7 – Sede, pois, irmãos, pacientes, até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas.
- 8 – Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima.
- 9 – Irmãos, não vos queixeis uns dos outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está às portas.
- 10 – Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor.
- 11 – Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e visteis que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo.

12 – Acima de tudo, porém, meus irmãos, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto; antes, seja o vosso sim sim, e o vosso não não, para não cairdes em juízo.

Primeiramente ocorre a menção do grande horizonte que domina a história universal, o grande dia do juízo. Na seqüência Tiago mostra que esse horizonte não é apenas assustador, mas também consolador, útil e mais uma vez compromissivo. Temos a impressão de que não somente no presente bloco, mas em toda sua carta Tiago visa fornecer uma orientação para “viver o cotidiano à luz do Senhor vindouro” (K. Hartenstein).

1 – O grande futuro ajuda a viver corretamente no presente (v. 7s).

Mas como podemos perseverar na fé, até mesmo quando somos alvo da injustiça descrita no v. 6?

7 “Perseverai, pois, irmãos, até à chegada do Senhor”:

a) **“Irmãos”**: Enquanto os v. 1-6 se referem principalmente a pessoas do mundo ao redor da igreja, aqui o texto se dirige àqueles que ouviram o chamado de Jesus e se tornaram filhos de Deus por arrependimento e fé e pelo Espírito Santo (Rm 8.14s).

b) **“Chegada”**, em grego *parusia*, **“do Senhor”**: a palavra, freqüentemente traduzida como “volta”, significa literalmente “presença”, “chegada” (*parusia* tem ambos os significados: estar presente e tornar-se presente). A palavra expressa aqui que Aquele que no passado veio discretamente como ser humano e que agora está presente de modo invisível, inclusive por meio sua palavra e Espírito, virá e se manifestará súbita e predominantemente em divindade explícita (Jo 1.14; Mt 18.20; 28.20; 25.31s; Lc 17.24; 1Co 1.7; Fp 3.20; Tt 2.13).

Essa grande esperança e certeza constituem por assim dizer o horizonte dominante de nossa vida cristã. Sabemos, para onde correm a história do mundo e da salvação. Essa esperança determina nossa atualidade. O brilho da alegria prévia se estende até o dia mais sombrio. Ao mesmo tempo isso representa um forte compromisso para nós. “A expectativa esperançosa do futuro torna-se rigorosa disciplina para a atualidade” (Heinrich Rendtorff). A questão dominante é se estamos prontos para a chegada dele (Mt 24.44; Lc 12.35). Seja como for, cabe dizer “que somente poderemos falar de uma vida cristã quando o olhar para o Senhor vindouro dominar todas as coisas. Vida cristã de forma alguma se esgota em exemplaridade moral” (Kurt Hennig).

c) **“Suportai, pois, com paciência”**: no NT grego consta um verbo formado por *makrothymia* = “longanimidade”, “perseverança”. Por sabermos que Deus pronunciou a primeira palavra sobre este mundo e que também pronunciará a última, podemos ter fôlego resistente. Por termos conhecimento de como tudo “se apaga” em nossa vida pessoal e no mundo todo, podemos agüentar firmes.

Nossa paciência vive da paciência e longanimidade que Deus tem e precisa ter conosco. “Considerai como vossa beatitude a longanimidade de nosso Senhor” (2Pe 3.15). Deus espera até que sua casa esteja cheia (Lc 14.22s), até que tenha entrado o “número pleno dentre as nações” previsto por ele (Rm 11.25). Não é Deus quem nos faz esperar, mas somos nós que o fazemos esperar. A morosidade não é de Deus, mas nossa (2Pe 3.9,14s). Necessário é que os chamados também sejam preparados para que o Filho possa apresentar-nos ao Pai (Ef 5.25-27; Fp 1.6; 2Co 4.14; Cl 1.22,28; 1Ts 5.23). No NT a trajetória da igreja de Jesus pela história universal é comparada com o caminho de Israel do Egito à terra prometida (1Co 10.1-13; Hb 3.7-19; etc.). Israel poderia ter chegado mais rapidamente ao alvo se tivesse sido mais fiel. Será que nós também poderemos chegar mais depressa ao alvo se formos mais fiéis em vista de outros e nós mesmos? “Esperai e correi” em 2Pe 3.12 igualmente pode ser traduzido como “esperai e acelerai”. Apesar de todas as exortações à paciência certamente temos também a permissão e a ordem de suplicar pela vinda próxima de Jesus (Ap 22.17; Rm 8.18-27). Também Lc 18.7s se refere, conforme o contexto, à intervenção de Deus em seu grande dia para redimir os seus e eliminar o inimigo (cf. também Rm 16. 20; Ap 20.1-3).

d) De uma forma geral, as pessoas estão acostumadas a aguardar algo que na verdade não têm em mãos, mas do que não duvidam, em última análise por confiarem na fidelidade de Deus: **“Eis que o lavrador aguarda.”** Espera por duas coisas:

d.1) Pelo resultado de seus esforços: **“o precioso fruto da terra”**. Constitui grande milagre que a terra dê, com antiga fidelidade, a cada ano, o que o ser humano precisa. Quando falha apenas um ano, isso representa, até mesmo na atual era industrial, a maior catástrofe. Mas, após um crescimento praticamente imperceptível, a terra produz fielmente suas dádivas, embora as plantinhas sejam

inicialmente muito pequenas e ameaçadas. O próprio Deus se mantém fiel a nós nessa questão: “Enquanto durar a terra não cessarão sementeira nem colheita” (Gn 8.22; cf. Mc 4.26-29).

d.2) Espera que a planta receba o que precisa para crescer e amadurecer: **“as primeiras e as últimas chuvas”**, a chuva no outono para a sementeira e a germinação, a chuva na primavera para o crescimento e a maturação. O agricultor pratica com denodo e cuidado o que sabe e pode fazer. Deixa o restante serenamente por conta de alguém outro.

8 e) **“Suportai vós também com paciência”**: também no caso do reino de Deus temos uma colheita (Mt 13.23,30; Ap 14.15s; Sl 126.5s; Gl 6.9). Também nele é preciso semear e trabalhar a lavoura (Mt 13.3,24; 1Co 3.9; Gl 6.9). Porém o próprio Senhor tem de conceder o crescimento (1Co 3.6). Por meio da metáfora do lavrador se expressam duas coisas:

e.1) Não se preocupem, um dia haverá uma colheita. Os cardos e abrolhos, o inço semeado pelo inimigo não poderão sufocar tudo (Mt 13.8,23,30).

e.2) A lavoura recebe de Deus aquilo de que tem necessidade, “as primeiras e últimas chuvas”, sua palavra e seu Espírito (bem como as pessoas que prestam o serviço, hoje e amanhã – 1Co 3.6). “Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6). Por isso nós também podemos estar tranquilos. Faremos com esmero e fidelidade aquilo que podemos e devemos. O restante deixaremos por conta de nosso Senhor. O fato de que a extraordinária semente tenha caído no solo já não poderá ser revertido pelo inimigo com sua astúcia e violência, nem com todo o seu exército (Jo 12.24). Pelo fato de nosso Senhor ter sido morto e ressuscitado, a colheita para Deus pode amadurecer em nossa vida e também na vida de outros, por meio de nós. Já não será em vão o que fizermos (1Co 15.58).

f) Como, porém, sustentaremos essa paciência e serenidade? Tiago convoca: **“Fortalecei os corações.”** E Paulo escreve: “Sede fortes no Senhor” (Ef 6.10). A “bateria” de nossa própria força se esgotaria rapidamente. Somente quando perseveramos na “fonte energética” da força dele somos capazes de resistir. Cuidar desse contato significa “fortalecer os corações”. Jesus expressa isso por meio da ilustração da videira e dos ramos: “Permanecei em mim, e eu em vós, e dareis muito fruto. Porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 1.3s). – Tiago afirma: toda a questão pode ser vista em conjunto. Afinal, não é possível continuar infinitamente assim: “A chegada do Senhor está próxima”.

De acordo com os presságios da volta de Jesus citados pelas Escrituras temos a impressão de que poderíamos formular, também segundo a cronologia humana: “A chegada do Senhor se aproximou”.

2 – Como o grande dia da salvação ainda poderia se tornar uma desgraça para nós (v. 9).

De que nos valeria a esperança pelo grande dia se, quando ocorrer, não fôssemos encontrados prontos?

9 Tiago diz como isso pode acontecer precisamente na época em que a “injustiça toma conta e o amor esfria em muitos” (Mt 24.12): **“Não vos queixeis uns aos outros, irmãos”**: a queixa pode se dirigir contra o entorno, mas também contra os co-cristãos (“uns aos outros”). Tempos de perseguição sempre foram também tempos de confusão interior nas igrejas. Isso duplica o sofrimento. Amigos se afastam e nos atacam pelas costas. Alguns não querem ceder nem um milímetro. Outros gostariam de fazer acordos dizendo ser “prudência de serpente” (Mt 10.16), como a definem. O inimigo sempre maneja de forma excelente a arte de “dividir e dominar”. Alguém que persistir fielmente em seu lugar certamente ficará amargurado e generará por causa de seus amigos. Desse modo, porém, em pensamento já estará julgando (cf. acima o comentário a Tg 4.11s). E nosso Senhor declara: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mt 7.1). Também Tiago nos diz o que está em jogo nesse pensamento (como tal muito bem inteligível): **“Para que não sejais julgados”** (novamente notamos que Tiago está próximo do Sermão do Monte). Em vista do grande juízo final temos de escolher se enveredaremos pela “via judicial” (“exijo o meu direito!” – contudo desse modo não somos capazes de “responder nem a uma de mil coisas”, Jó 9.3), ou, então, pela “via da graça”. Nosso Senhor franqueou este caminho com seu sacrifício e nos convida, conseqüentemente, a apresentar nosso “pleito por graça”. “Quem invocar o nome do Senhor será salvo” (Jl 2.32). Quando julgamos ao próximo, “queixando-nos” dele e buscando proceder contra ele pela “via judicial”, abandonamos também para nós mesmos a “via da graça”. Jesus, por exemplo, declara: “Com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também” (Mt 7.2; cf. Mt 18.23-35). – **“O Juiz está diante da porta”**: nosso Senhor virá em breve. Isso faz com que tudo seja ainda mais atual.

3 – Outros foram exemplos para nós na perseverança (v. 10s).

10 Não somos os primeiros que passam por coisas desse tipo. Em outros que trilharam o caminho antes de nós podemos constatar o que acontece com uma pessoa, como ela procede corretamente e a que alvo Deus a leva: **“Irmãos, tomai por modelo no sofrimento e na paciência os profetas, os quais falaram em nome do Senhor”**: se tivessem silenciado, nada lhes teria acontecido. Se tivessem dito o que as pessoas gostam de ouvir, teriam sido aplaudidos. Contudo perseveraram em sua missão. Por isso, no lugar em que se encontravam estava também seu Senhor (cf. 1Rs 18.36). Pessoas como elas são incômodas para o inimigo. Mas ele sempre encontra outras pessoas que também se deixam usar como instrumentos dele contra aquelas. Elas passam a atacar duramente os mensageiros de Deus. Por isso eles não ficam isentos do sofrimento. Porém, confiando em seu Senhor, preservam e comprovam paciência, perseverança e rumo claro. Também os que foram crentes antes de nós não passaram sem tribulação por este mundo. Não esperemos algo diferente!

11 **“Temos por felizes os que perseveraram firmes”**: no entanto não adianta somente declará-los felizes. Temos de seguir o exemplo deles. Não basta ler biografias cristãs. É necessário que em nosso lugar e nossa época também nós sejamos aprovados no sofrimento e na paciência.

Em Hb 11.17-40 cita-se por nome uma série de pessoas que andaram o caminho antes de nós e cruzaram a meta. Tiago, porém, menciona somente uma: Jó. **“Tendes ouvido da paciência de Jó”**: atingiam-no, golpe após golpe, as “notícias sinistras”. Ele, porém, dizia: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1.21), bendito apesar de tudo! A pessoa mais próxima dele, sua esposa, aconselhou-o a renegar a fê: “Amaldiçoa a Deus e morre!” (Jó 2.9). Ele, porém, ficou firme: “Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?” (Jó 2.10). Ao prosseguir na leitura do livro, notamos: nem mesmo Jó estava livre de dúvidas. Às vezes passava bem perto da ira contra Deus. Também os líderes espirituais de nosso país não desempenharam sempre um papel tão admirável como poderíamos imaginar a partir de diversas biografias. E tampouco nós o desempenharemos. “... para que diante dele ninguém se glorie” (1Co 1.29).

“Vistes o fim do Senhor; que o Senhor é rico em terna misericórdia e cheio de compaixão”: O “fim do Senhor” é, na acepção lingüística ativa, uma expressão hebraica peculiar e significa o fim (positivo) que Deus deu à atribulada trajetória de Jó, o alvo para o qual ele o conduziu (Jó 42.10-16). Deus declarou-se admiravelmente favorável a Jó. Como razão de tudo isso Tiago cita somente uma coisa: **“que o Senhor é rico de terna misericórdia e cheio de compaixão”** (cf. acima o comentário sobre Tg 2.13; 3.17 acerca da misericórdia de Deus).

Pergunta-se se essa palavra também se refere a Jesus. Nesse caso significa: o destino de Jó foi uma das prefigurações da trajetória de Jesus. De forma muito diferente de Jó ele também comprovou a perseverança paciente. E o desfecho positivo nele foi ainda mais significativo (Fp 2.5-11). Nós **“vimos”** que Deus se declarou milagrosamente a favor dele na Páscoa e na Ascensão. Igualmente **“vimos”**, ou seja, experimentamos, que **“o Senhor é rico de terna misericórdia e cheio de compaixão”**. Por ter passado por tudo isso, nosso Senhor nos compreende completamente e tem maior compaixão com nossa fraqueza (Hb 4.15).

É possível uma ou outra interpretação da passagem. Seja como for, a mensagem é: é verdade que passamos por consideráveis sofrimentos e testes de paciência, porém temos um Senhor misericordioso que não nos quer torturar, mas conduzir a um fim glorioso (Is 28.29; 1Co 10.13).

4 – Nenhum desvio da atitude de humildade e paciência (v. 12).

12 **“Acima de tudo, porém, meus irmãos, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto; antes, seja o vosso sim sim, e o vosso não não, para não cairdes em juízo”** (cf. também Mt 5.34-37). A palavra “jurar” tem vários significados:

a) O juramento visa alicerçar uma declaração acerca de algum conhecimento em vista de um acontecimento passado. É nesse sentido que os tribunais às vezes exigem o juramento das testemunhas.

b) O juramento deve alicerçar a declaração de uma vontade em vista de um comportamento pessoal futuro. É essa a característica do juramento profissional ou à bandeira.

c) Existem também em diálogos do cotidiano asseverações em forma de declarações semelhantes a um juramento, p.ex., para confirmar ou não um conhecimento. No Oriente Médio elas devem ter sido particularmente freqüentes (cf. Mt 5.34-37).

Atenuaríamos a recém-mencionada palavra de Jesus do Sermão do Monte e também a de Tiago se restringíssemos a interpretação apenas à alternativa c. Faz parte da natureza dos discípulos de Jesus, que não desejam seguir ao “pai da mentira” (Jo 8.44), mas ao Senhor da verdade (Jo 14.6; 18.37), que digam a verdade por causa de Deus e das pessoas com singeleza e pureza, e que tampouco recorram, para corroborar sua declaração, ao nome do santo e grande Deus, indisponível para eles. Pelo contrário, esperam com paciência que ele se posicione favorável a eles e à palavra deles. Por isso um cristão às vezes se opõe com sua frágil palavra, totalmente indefeso, a um mundo mentiroso e desconfiado. Em certas ocasiões os cristãos precisam parecer “gente inaceitável”, para que fique patente como o mundo é “inaceitável”.

De acordo com o contexto de Tg 5.6ss deve-se considerar também a seguinte situação: um cristão foi difamado, desonrado e deserdado, e até ameaçado de morte. Por muito tempo agiu segundo o modelo de seu Senhor e a palavra: “Ele não ofereceu resistência” (Tg 5.6). Agora, porém, explode de repente: “Tão certo como existe um Deus no céu, estou sofrendo injustiças! Não continuarei tolerando isso!” Por mais compreensível que seja uma reação dessas, ela não deixa de representar um afastamento da atitude da fé e da paciência, da trajetória predefinida pela Escritura: não vos vingueis a vós mesmos... Deus retribuirá (cf. Rm 12.19). Jesus não agiu assim. Com tais coisas distanciamonos dele e por fim perdemos tudo. Por isso: **“Acima de tudo, meus irmãos...”** Alguém pode realizar e suportar muitas coisas, mas dificilmente tolerar a injustiça revoltante. Contudo seria pena se por isso perdêssemos até mesmo o prêmio de vitória naquele dia. Por isso diremos com simplicidade nossa palavra no sentido do “sim – sim”, “não – não” (Mt 5.37). Se não nos derem crédito, nós o suportaremos como sofrimento de Cristo.

d) O termo grego neste texto significa ao mesmo tempo também “conjurar”. O mundo helenista tentava controlar os poderes do destino por meio de fórmulas de esconjuro, para que passassem a atuar, p.ex., no sentido de ajudar a própria pessoa ou de castigar outra. No tempo de perseguição os cristãos podem ter corrido o risco de falar de forma similar com o Deus vivo (“jurar” tem em vista o falar com pessoas, e “conjurar”, o falar com Deus). Sob intensa pressão algo assim também poderá eclodir de nós: “Tão certo como vives, tens de me ajudar agora!” Ou também: “Tão certo como és Deus, não permitas mais que ele o faça! Corta-lhe o caminho!” Assim o ser humano tenta dispor de Deus e forçá-lo a ajudar imediatamente a si mesmo ou castigar a outros. Dessa forma nos arvoraríamos em acusadores e juízes sobre esses outros. De Mt 7.1 sabemos (cf. também o comentário a Tg 4.11s; 5.9) que assim traríamos o juízo de Deus sobre nós mesmos. Por isso Tiago diz igualmente aqui: **“para não cairdes em juízo.”** Também na época escatológica que nos deixa amargurados, pretendemos permanecer inteiramente nos sulcos de seu ser e seu caminho, seja no que diz respeito ao nosso relacionamento com Deus, seja também no tocante ao nosso semelhante. Nosso Senhor há muito declarou nas horas da mais dura luta: “Não como eu quero, mas como tu queres!” (Mt 26.39). E: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34).

DÉCIMA SÉRIE DE DITOS: JUNTOS NA CAMINHADA ATÉ O ALVO – Tg 5.13-20

- 13 – Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores.**
- 14 – Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor.**
- 15 – E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados.**
- 16 – Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo.**
- 17 – Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu.**
- 18 – E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos.**
- 19 – Meus irmãos, se algum entre vós se desviar da verdade, e alguém o converter,**
- 20 – sabe que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados.**

Assim como Israel peregrinou em direção à terra prometida, assim os cristãos marcham rumo ao grande alvo, o dia e reino de seu Senhor (1Co 10.1-13; Hb 3; 4; 12.15). Isso instiga as forças e ensina a cuidar da ligação com o Senhor em nosso meio, bem como da relação de uns com os outros. Ele nos acompanha na caminhada, e nós podemos estar ao lado dele no alvo.

I – “DE TUDO FAÇA UMA ORAÇÃO!” – TG 5.13

Tudo deve e precisa servir ao aprofundamento de nossa comunhão com o Senhor. Paulo, p.ex., escreve: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28).

- 13** 1 – “**Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração!**”: quando o ser humano comum sofre, acusa Deus e o mundo, fica irado e diz: “Agora é que não creio em mais nada.” Apesar de toda a compreensão pela angústia interior de pessoas que sofrem pesadamente, não se pode deixar de dizer: quem fala assim provavelmente nunca terá crido de verdade. O sofrimento nos impele na mesma direção na qual já estamos caminhando: quando vivemos de costas para Deus, ele nos impele ainda mais para longe de Deus. Quando estamos voltados para Deus, o sofrimento nos impele para perto de Deus. Quantos personagens da Bíblia se deixaram levar à oração por intermédio da aflição: Jacó às margens do Jaboque (Gn 32.23-32), Moisés na dor por causa do pecado de seu povo (Êx 32-34), Davi e outros por causa da própria culpa (Sl 51;130), Daniel pela culpa e aflição de seu povo (Dn 9.1-19). Em nosso Senhor Jesus Cristo, o sofrimento fez com que sua comunhão com o Pai e sua obediência se destacassem de forma ainda mais maravilhosa: “Aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8).

Quando também nós somos levados pelo sofrimento a uma comunhão mais profunda com nosso Deus, ele nos presta um bom serviço. Deus alcançou assim o que pretendia alcançar. O sofrimento nos presta um serviço rumo à oração. E a oração nos presta um serviço no sofrimento: ele não precisa nos deixar desesperados e embotados. Afinal, sempre resta uma saída aberta para nós, a saída em direção ao grande e misericordioso Deus.

2 – “**Está alguém alegre? Cante salmos**”: graças a Deus que também existem épocas na vida em que não é difícil estar “alegre”. No entanto, o que produzem elas em nossa vida? Assim como o sofrimento nos impele para frente, assim a felicidade nos atrai para frente na direção em que de qualquer maneira já nos movemos. Quando um ser humano vive de costas para Deus, os tempos de felicidade facilmente se tornam tempos de superficialidade, de indiferença e de glorificação pessoal: “Vejam, basta saber se virar, e tomar a vida pelo lado positivo!” Então as horas de “alegria” não raramente se transformam também em horas de leviandade, petulância, orgulho e flagrante pecado. Naquele, porém, que vive voltado para Deus, a alegria também é revertida em oração, gratidão e louvor. – “Cante”: é verdade que está escrito “Cantai ao Senhor em vossos corações” (Cl 3.16). Isso, porém, não exclui que também se cante com os lábios. O mundo descrente hoje quase não canta mais. Tão somente ouve a música boa ou ruim feita por outros. Será bom que se reconheçam cristãos pelo fato de cantarem. Tempos de nova vida no cristianismo sempre foram também tempos de novas canções (ainda mais belo é quando se agradece a Deus “com corações, lábios e mãos”). Um cântico desses sempre é ao mesmo tempo uma confissão perante o mundo em redor e um convite para que se achem ao bom Deus: louvarei ao Senhor “para que os míseros ouçam e se alegrem” (Sl 34.2). Uma velha mãe que passara por muitos sofrimentos declarou a outras mulheres mais jovens que carregavam uma cruz: “Se existe uma coisa na vida de que me arrependo é de sempre ter me preocupado.” Essas palavras também foram um desses louvores convidativos a Deus. – “Salmos”: são palavras que já existiam prontas para a oração, hinos que haviam sido transmitidos por gerações anteriores do povo de Deus, ou também canções que foram produzidas pelo jovem cristianismo nos dias de Tiago (cf. Fp 2.5-11). Também nós temos o direito de nos dirigir a Deus com palavras próprias, de acordo com o que sentimos no coração. Da mesma forma, porém, podemos usar as palavras de outros, os salmos da Bíblia e os hinos da igreja de Jesus Cristo. Também um hino antigo torna-se “cântico novo” se por meio dele amarmos e louvarmos autenticamente a Deus.

II – A TAREFA JUNTO A COMPANHEIROS CRISTÃOS ENFERMOS – TG 5.14-18

1 – O cristão e a enfermidade (v. 14).

14 “Está alguém entre vós doente?”: para muitos é um tormento que haja enfermidade também na vida do cristão.

a) A Bíblia vê a enfermidade relacionada com o pecado humano. “O salário do pecado é a morte” (Rm 6.23), e a enfermidade como precursora da morte é igualmente decorrência do pecado. É verdade que Jesus banuiu a conclusão de que o portador de uma enfermidade especial também deve ter pecado de maneira especial (Jo 9.2ss). No entanto, alguém pode constatar em si mesmo a doença como decorrência de seu pecado e curvar-se debaixo dela – dando razão ao julgamento de Deus.

b) Acontece, porém, que os pecados nos foram perdoados em decorrência do sofrimento expiatório de Jesus. Será que nesse caso não deveriam ter sido retiradas também todas as conseqüências do pecado? Afinal, Jesus não carregou também todas as nossas enfermidades (Is 53.4)? “Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo” (Ec 3.11). Na consumação não haverá mais enfermidade nem morte, nem “sofrimento” (pela perda de entes queridos), “clamor” (de lamentação e acusação, de falta de paz e de guerras), “dor” (da doença e das feridas). “E a morte não existirá mais” (Ap 21.4). Com a primeira vinda de Jesus, Deus dá o primeiro passo e cura, sempre que for acolhido, a causa oculta do mal: perdoa o pecado e concede a sua paz. Com a segunda vinda, Deus dá o segundo passo e também anula todos os efeitos visíveis do pecado: discórdia entre pessoas, enfermidade e morte (Ap 21.4). Afinal, se Jesus não vier antes, também nós teremos de morrer. Vivemos em uma época de “não ver e, apesar disso, crer” (Jo 20.29; 1Pe 1.8; 2Co 5.7; 1Co 13.12; Rm 8.24; 1Jo 3.2). Crer sem ver é o principal tema do exame de toda a nossa vida cristã em nosso mundo.

c) Isso não exclui que Deus conceda desde já aperitivos do que há de vir, uma primeira prestação (cf. v. 15): os milagres de Jesus outrora e hoje são “sinais” (Jo 2.11; 3.2; 11.47) que mostram o que ele fará um dia de forma grandiosa e geral. As noites do “não ver e, apesar disso, crer” não são tão escuras que não luzam nelas também as estrelas. E Deus com certeza estaria disposto a nos dar mais se confiássemos nele.

d) Logo vale a regra: a salvação é presenteada por Deus em todos os casos a cada um que o pedir (Jl 2.32; Rm 10.13), mas a cura exterior, durante a presente era, é presenteada onde e quando lhe aprouver. – Por isso ambas as posições estão bíblicamente erradas: d.1) A frase comum em vários “grupos pentecostais”: “Quem crê não está enfermo, e quem está enfermo não crê corretamente.” d.2) A opinião já existente desde o tempo do Iluminismo: “Que adiantará, pois, a oração contra a enfermidade e outras dificuldades? Afinal, a vontade de Deus é perfeita.” Ou: “Obviamente a oração não muda nada; apenas nos torna mais dóceis para a vontade de Deus.” Por isso a única oração que deveria existir seria: “Seja feita a tua vontade!” Isso tem conotação muito lógica e devota, mas não corresponde à comunhão de vida que o Pai no céu concede a seus filhos neste mundo conforme as Escrituras. Temos o privilégio de lhe dizer o que move nosso coração, e lhe dirigir preces, deixando então por conta de sua sabedoria paterna o que ele fará com essas orações. Jesus declara: “Peçam, e receberão” (Mt 7.7). Toda oração correta é atendida, embora com frequência de modo diferente e em momento diferente do que imaginamos, porém de forma melhor e em tempo mais acertado.

2 – O enfermo e a igreja (v. 14)

Enfermidade traz solidão. Isso é particularmente doloroso para um cristão cujo lar é a igreja. Tiago escreve que o próprio membro enfermo da igreja deve tomar a iniciativa: “**Chame os presbíteros da igreja**”. Não é dito: “Fique resmungando em seu canto e pense: vejamos quanto tempo demorará até que alguém tenha a idéia de me visitar.” Tiago quer que o enfermo convide os visitantes da igreja com a mesma naturalidade com que chama o médico. De acordo com o v. 14, o que cabe aos visitantes fazer poderá ocorrer unicamente mediante o consentimento do enfermo. Se o próprio enfermo chamou os anciãos, tudo fica claro nesse aspecto desde o princípio. – O NT também fala do dom especial da graça (em grego *chárisma*) de cura dos enfermos (1Co 12.9,28,30). Havia, nas igrejas, cristãos em que a efusão do Espírito de Deus trouxe consigo esse dom, da maneira como outros recebiam outras dádivas. Aqui não se fala de um carisma especial. É possível que esses “anciãos”, em grego *presbýteroi* (literalmente: “mais idosos”), naqueles primórdios do cristianismo e nas igrejas às quais Tiago escreveu, ainda nem sequer fossem detentores de um cargo regulamentado, mas que simplesmente se tratava de cristãos mais antigos, mais maduros. Confiando nessa palavra da Bíblia também hoje, na hora da enfermidade, podemos chamar à nossa casa tais cristãos, a fim de que nos prestem esse serviço.

3 – A igreja e seus enfermos (v. 14).

“Estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor”:

a) Quando alguém não puder vir à igreja, a igreja tem de ir até ele: “Se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento” (1Co 12.26 [TEB]). Por meio dos anciãos a igreja visita o enfermo. O próprio Jesus atribuiu uma importância especial à visita a enfermos e concedeu à oração conjunta uma promessa especial (Mt 25.36; 18.19).

b) Os anciãos da igreja **oram**, não apenas, mas também por saúde. – **Eles “ungem com óleo”**. Esse era também um remédio caseiro contra doença e contusão (Lc 10.34). Contudo o ungem **“em nome do Senhor”**. Nesse sentido o óleo na Escritura sempre representa um sinal para o Espírito Santo. Foi por isso que no AT reis e sacerdotes eram ungidos (Êx 29.7; Nm 35.25; 1Sm 9.16; 10.1; 16.12). E João escreve: “Recebestes a unção” (1Jo 2.27). O Espírito Santo concede força (Rm 15.13; 1Co 2.4; 2Tm 1.7) começando pelo íntimo e chegando ao físico.

Será que não é suficiente impor a mão como sinal de bênção? É obrigatório que suceda ainda uma unção com óleo? Em várias outras passagens da Escritura constatamos que há imposição de mãos para bênção e cura sem a unção com óleo (At 5.12; 14.3; 19.11). Sem dúvida podemos aderir a essa regra. Contudo, quando alguém por simples obediência à presente palavra da Bíblia deseja recorrer à unção com óleo ou a solicita para si, ele de qualquer forma tem em seu favor uma boa razão da Escritura.

4 – A tríplice promessa dada a essa oração (v. 15).

15 **“A oração da fé”** é a oração que se origina da fé. É a oração de um crente, ou seja, de uma pessoa que está “em Cristo”, na comunhão de vida com ele, e que se dirige ao Senhor com toda a sua confiança. É para uma oração desse tipo que foram dadas estas promessas:

a) **“A oração salvará o enfermo”**: se Deus quiser, também da morte física – podemos orar também por isso. Em todos os casos, porém, salva da “segunda morte” (Ap 2.11; 20.6,14; 21.8), a eterna e consciente morte definitiva para Deus. É isso que o NT entende consistentemente por “redenção”. A oração conjunta com aquele que jaz enfermo – inclusive com confissão do pecado (v. 16) – obtém como resultado que o doente chegue plenamente à presença de Deus.

b) **“O Senhor o levantará”** (não fazem isso os que oram), concedendo-lhe alívio ou cura no corpo. Deus está disposto a fazer mais do que geralmente imaginamos. Isto pode acontecer presenteando-o interiormente com a força de suportar os sofrimentos com paciência para o louvor de Deus (cf. Jó 1.21; Jo 21.19).

c) **“Se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”**: o serviço dos presbíteros não é mero serviço de médico. Quem tem apenas o objetivo de “se livrar” o quanto antes da enfermidade não compreendeu Tg 5.14. Quando, porém, alguém leva a totalidade de sua miséria a Jesus na presença dos irmãos, tem sua vida colocada em ordem também na totalidade. Não se trata aqui apenas de cuidado pelo corpo, mas ao mesmo tempo e acima de tudo de cuidado espiritual.

5 – A premissa de perdão e cura (v. 16).

16 a) **“Confessai, pois, os pecados uns aos outros”**: aqui o foco principal é o enfermo. Que nos dias de enfermidade não apenas esperemos uma “aprazível visita”, mas aproveitemos essa situação limítrofe em que nos encontramos para um desnudamento total de nossa vida perante Deus, na qual os irmãos são testemunhas e parceiros de oração! E melhor ser envergonhado um pouco agora do que ser obrigado, por ocasião do grande dia, a “ser manifesto com isso perante o tribunal de Cristo” (2Co 5.10). Quando ele perdoa nossos pecados, eles serão eternamente esquecidos (cf. Mq 7.18s; Is 38.17; Sl 32.1s). Por um lado, os irmãos visitantes não precisam (toda vez que prestam esse tipo de serviço) também fazer uma confissão completa acerca de sua vida, mas por outro deve ficar explícito que aquele que está sentado à beira do leito depende do perdão de Deus tanto quanto o acamado.

b) **“E orai uns pelos outros”**: não devemos deixar os companheiros cristãos que sofrem (e tampouco os semelhantes em geral) tão sozinhos como ocorre com frequência, mas temos de visitar e apoiá-los por meio desse serviço sério de oração. – No presente versículo fica explícita a estreita ligação entre intercessão e arrependimento, ou confissão dos pecados. Nossos pequenos círculos de intercessão poderiam ser mais vigorosos e frutíferos se cada qual não tentasse preservar a imagem perante o outro. Na verdade não temos de fazer constantes confissões de toda a vida (basta que o

façamos uma vez – se Deus não lembra mais nossos pecados, tampouco nós temos de recordá-los). Mas é benéfico que no diálogo prévio ou na própria oração seja expresso o que não foi correto em nossa vida, talvez em relação ao assunto abordado nesta ou na última visita. Tiago escreve: “Todos falhamos em muitas coisas” (Tg 3.2).

6 – Uma frase genérica sobre a oração no presente contexto (v. 16).

“**A oração de um justo**”: Tiago não tem em mente a oração de quem defende a “justiça própria”, de quem pensa que pode produzir pessoalmente sua justiça (cf. Lc 18.11s). Ele diz: “Deus dá graça aos humildes” (Tg 4.6). E Paulo escreve: “Cristo foi feito pecado por nós, para que nele nos tornássemos a justiça de Deus” (2Co 5.21). Tiago tem em vista a justiça perante Deus, que nos foi conquistada e presenteada por Jesus. Em Jesus somos “justos”, direitos para Deus. – “**De muito é capaz, quando tornada eficaz, a súplica do justo**”: Como isso acontece?

a) Por parte do ser humano. No v. 17 afirma-se a respeito de Elias que ele orava “fervorosamente”. Muitas vezes oramos mais seriamente em causa própria do que na prece em favor de outros. Até mesmo em vista de nós mesmos às vezes temos de ser conduzidos para a mais grave aflição, até que um grito de oração autêntica saia de nosso coração.

b) Por parte de Deus. Nossa oração é “**tornada eficaz**” por intermédio do grande sumo sacerdote Jesus Cristo, que intervém em nosso favor (Rm 8.34; 1Jo 2.1; Hb 4.14; 7.25s; 8.1), e através do Espírito Santo, que nos “assiste em nossa fraqueza” e nos representa perante Deus “como lhe convém” (Rm 8.26s).

7 – Um exemplo de oração atendida da história do povo de Deus (v. 17s).

17s “**Elias era homem semelhante a nós.**” Apenas em uma coisa se diferenciava de muitos: “**Ele orava com instância.**” Aqui se afirma o que não é mencionado expressamente em 1Rs 17.1, que Elias também rogou pelo juízo. Sem dúvida não se tratava de oração para amaldiçoar: “Nada será suficientemente ruim para Acabe e o povo esquecido de Deus!” Mas percebeu que somente uma disciplina rigorosa é capaz de deter o povo diante do abismo, para que não perca totalmente sua característica de eleito, tornando-se apenas um povo “como os demais povos” (1Sm 8.5). Conseqüentemente, pais também podem interceder assim pelos filhos: “Ó Pai, conduze-os sempre em beatitude, ainda que por milagres.” Em seguida, porém, Elias orou – isso é relatado expressamente em 1Rs 18.42s – principalmente pela suspensão do juízo, pela chuva tão urgentemente necessária. Para ele vigorava (pelo menos em certas épocas – cf. também 1Rs 19.3) como para praticamente nenhum outro: “Perante humanos uma águia, perante Deus um verme.” Que atitude a dele sobre o monte Carmelo, contrariando o rei e o povo inconstante! E como se prostrou mais tarde em oração perante Deus (1Rs 18.21,42)! Como podemos ser gratos pelo fato de que ao lado das palavras sobre a fé a Escritura coloca os exemplos de pessoas reais que a vivenciaram! Dessa maneira a fé se torna mais concebível para nós em qualquer situação. Façamos nós também “com instância” a oração de que hoje, do ponto de vista espiritual, “**o céu dê chuva e cresçam frutos**”! Também a miséria material no mundo da discórdia, da injustiça e da pobreza, das dores e da morte constitui, quando somos habitados pela compaixão de Deus, uma aflição que comove nosso coração. Tanto mais se impõe a nossos lábios a súplica pelo socorro integral: “Vem logo, ó Jesus!” (cf. Ap 22.17,20).

III – A TAREFA JUNTO A IRMÃOS CRISTÃOS DESVIADOS – Tg 5.19s

1 – A situação (v. 19).

19 “**Alguém entre vós**”: nessa palavra não está em questão o serviço missionário a pessoas que jamais se defrontaram com o evangelho e o seguiram, mas a tarefa diante daqueles que deram o passo em direção a Jesus e sua igreja e que depois desertaram do grupo de seguidores de Jesus. Em uma época em que a grande “apostasia” (2Ts 2.3) se manifesta cada vez mais nitidamente, essa palavra da Escritura se reveste de singular atualidade.

“**Que se desviou da verdade**”: o próprio Jesus é essa “verdade” (Jo 14.6). Pode haver diversas razões por que alguém se separe de Jesus: a) a opinião e o espírito da época colocam trilhos que levam as pessoas para longe de Jesus; o indivíduo não reflete muito; há poderes ocultos que dirigem

as pessoas. b) A razão pode ser – agora de forma mais consciente para a respectiva pessoa – dúvidas intelectuais e o escândalo que se sente diante da demanda de Jesus: tolera-se alguém que se empenha em prol do bem das pessoas, porém rejeita-se aquele que reivindica vir da parte de Deus e representar a salvação do mundo. Tolera-se alguém que soluciona a “questão do pão”. Abandona-se alguém que reclama ser pessoalmente o “pão da vida” (Jo 6.48,66). c) Uma pessoa pode estar sendo atraída mais pelos prazeres sensuais, pelos bens e pelo poder do mundo que por Jesus: “Demas passou a amar o presente século” (2Tm 4.10). d) A pessoa simplesmente tenta manter a vida sob seu controle pessoal, ao invés de seguir a Jesus. Por exemplo, Deus declara sobre Saul: “Ele deixou de me seguir” (1Sm 15.11). – De todos os lados a apostasia se apresenta de forma atraente aos cristãos de hoje. É necessário que cerquemos particularmente as pessoas jovens com nossa intercessão.

“Desviar-se da verdade” também é possível por ocasião do anúncio da mensagem do evangelho, na doutrina: quando alguém fala como se Deus não fosse o Senhor pessoal, que criou e preserva o mundo e que nos coloca nesta vida, que governa sobre nós, que visa conduzir-nos à comunhão pessoal com ele, que um dia nos chamará para prestarmos contas e que consumará tudo gloriosamente; como se Jesus não tivesse vindo a nós da parte de Deus, não tivesse morrido por nosso pecado, não ressuscitado verdadeiramente e não estivesse conosco todos os dias e não retornasse; como se a Escritura não fosse para nós a palavra confiável e compromissiva de Deus; como se o ser humano não fosse corrompido pelo pecado e por isso pudesse e tivesse de criar pessoalmente sua salvação, o grande futuro e a consumação de tudo. Quando alguém não somente crê e vive equivocadamente, mas também ensina falsamente, isso tem conseqüências especialmente desastrosas: não apenas se desvia sozinho, mas também desencaminha a outros.

“Desviar-se da verdade” constitui uma aflição muito maior do que a enfermidade grave que acomete alguém (v. 14).

2 – O serviço (v. 19).

“**E alguém o converter**”: naturalmente também Tiago sabe que apenas Deus pode converter uma pessoa, i. é, levá-la a arrepender-se e retornar para casa. Contudo Deus precisa de instrumentos humanos. A “mão” do bom pastor que se estende aos perdidos tem “dedos” humanos. Jesus mostra em Mt 18.15-17 como esse serviço acontece.

De acordo com essa palavra é primordial e prioritariamente necessário falar com os desviados. Não gostamos de fazê-lo. Afinal, com isso não conquistamos amigos. Em nossas igrejas, congregações e grupos existe um certo acordo tácito: “Não digo nada incômodo a você, e você tampouco me diz algo incômodo.” Com essa atitude nós e os outros poderemos obter a perdição.

Tentamos justificar nosso silêncio. Por exemplo, quando se trata de verificar se o outro crê corretamente: afinal, não podemos ver seu íntimo. Mas Jesus declara: “Em seus frutos os conhecereis” (Mt 7.16; cf. também Tg 2.17; 3.12). – Em relação à doutrina falsa dizemos: não devemos ser “juiz da inquisição” nem realizar uma “aferição” dogmática. Afinal, já no NT nos deparamos com um pluralismo muito grande, com uma forte diversidade de opiniões entre as testemunhas. No entanto, todos eles tentam, em grande concórdia e completando-se um ao outro de forma recíproca, tornar importante e dileto para nós a Jesus, o eterno Filho de Deus que veio da parte de Deus, o Salvador do mundo. A configuração plural dos testemunhos bíblicos de forma alguma permite justificar a arbitrariedade doutrinária de hoje. – Em vista da vivência errada afirma-se: não nos cabe estabelecer preceitos morais para outros. No entanto a Escritura demanda enfaticamente a obediência de fé (Tg 2.14ss; Rm 1.5; 12.1ss; 16.26).

Portanto, persuadimo-nos de que temos o direito e o dever de nos calar, enquanto Paulo “exortava dia e noite com lágrimas” irmãos desviados, “para que permanecessem na fé” (At 14.22; 20.30s). Se nessa época de apostasia (2Ts 2.3) não quisermos nos tornar culpados coletivamente e um em relação ao outro, precisamos aprender de maneira nova a falar uns com os outros, a nos exortarmos e a lutar uns pelos outros, enfim, a exercer o aconselhamento espiritual. – Verdade é que de forma alguma podemos nos colocar como juizes sobre outros (Mt 7.1s; Tg 4.11s). Também nós estamos a caminho e ainda não chegamos ao alvo. “Quem pensa que está de pé, cuide para que não caia” (1Co 10.12). Os antigos afirmaram que um bom conselheiro pastoral precisa ser tão humilde que “ninguém possa colocar-se abaixo dele”.

3 – O efeito (v. 20).

20 **“Deve saber”**: é importante ponderar o que está em jogo nessa questão. A situação não é igual a, p.ex., um membro de um clube que decidiu se desligar e é convencido a ficar. É isso que o mundo descrente vê quando nos empenhamos para que alguém permaneça em nossa igreja, nossa comunhão, ou mais: junto de Jesus (nos próprios clubes há um esforço para manter membros que se tornaram indecisos).

“Quem converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados”. Trazer de volta a Jesus e ao discipulado decidido uma pessoa que se havia separado de Jesus e agora segue idéias e exemplos falsos, que vive como todo o mundo e ainda afasta outros do Cristo bíblico por meio de palavras ensinadas pelo espírito contemporâneo: isso significa resgatar uma pessoa da morte, da “segunda morte” (Ap 2.11; 20.6,14), da morte após o falecimento, da morte consciente, eterna e terrível, distante de Deus.

Em geral, as pessoas correm com todas as forças quando há risco de morte! Em um pronto-socorro, todos agem com rapidez e sensatez quando um acidentado grave é trazido! Todo o resto é deixado em segundo plano! Quanto mais nós cristãos temos de estar mobilizados, deixando todo o resto em segundo plano quando está em jogo a vida eterna de uma pessoa, talvez de alguém a que estamos afeiçoados de forma natural humana! Quando alguém deixa um acidentado grave abandonado na rua, poderá eventualmente ser levado ao tribunal por “omissão de socorro”. Quando não nos deixamos levar por nosso Senhor a um serviço desses, de resgatar as almas das pessoas, essa atitude um dia se transformará em acusação perante o tribunal eterno.

“E cobrirá multidão de pecados”. Ninguém precisa pensar: “O que passou, passou e persiste; pela vida toda terei de arcar com o fardo sombrio de meus erros.” Achejar-nos ao Senhor crucificado por nós e descobrir diante dele, arrependidos, nossa culpa, significa que ele a cobrirá para toda a eternidade (cf. Mq 7.18s; Is 38.17; Sl 32.2; Is 1.18b; 1Jo 1.7; Pv 28.13).

O texto original também pode ser entendido como segue: quem converte um pecador de seu descaminho há de salvar da morte sua própria alma e cobrir uma porção de seus próprios pecados. Em sua carta Tiago não deixou dúvidas de que aquilo que fazemos não nos faz merecer nossa bem-aventurança, nem mesmo nosso zelo missionário. Alcançamo-la unicamente por meio daquilo que nosso Senhor realiza e realizou. A pessoa que pensa unicamente em sua própria salvação, acreditando que não precisa ser “tutor de seu irmão” (Gn 4.9), quem nega a obediência da fé, perde novamente a salvação. Também nisso Tiago não nos deixa em dúvida (Tg 2.14ss; cf. também Mt 18.23-35). Somente conservamos para nós a misericórdia que passamos adiante. Somente perdão e paz que apresentamos a outros se desenvolvem e atuam plenamente em nossa vida. Somente quando estivermos a serviço de nosso Senhor continuamos como verdadeiros participantes do serviço dele. Quem se ocupa em resgatar outros do abismo, para que cheguem aos braços do Bom Pastor, permanece com isso pessoalmente nos braços dele. Quem ao lado de outros se humilha de coração em vista do pecado deles (e dessa maneira se conscientiza cada vez mais de seu próprio pecado), alcança tanto mais plenamente o perdão da própria culpa. Esforçar-nos, na época da grande apostasia, com coração, lábios e mãos para que outros não fiquem aquém das expectativas de Jesus faz com que nós mesmos não fiquemos aquém delas, mas superemos esse tempo repleto de tentações. É como quando alguém se agita em uma noite fria de inverno, na qual todos correm o risco de adormecer e congelar, visando mantê-los acordados; assim permanece pessoalmente acordado e é salvo. – Na verdade a carta não encerra com um voto de bênção, como outras cartas do NT, mas é com essa importante observação que Tiago conclui sua carta tão benéfica para nosso cotidiano como cristãos e particularmente para a multidão que corre em direção do alvo.

COMENTÁRIOS SOBRE A CARTA DE TIAGO

Comentários dos pais pietistas suábios:

- Johann Albrecht Bengel: “Gnomon”, revisão alemã por Robert Kübel, Tomo 6, Gotha 1894.
- Carl Heinrich Rieger: “Betrachtungen über das Neue Testament, zum Wachstum in der Gnade und Erkenntnis unseres Herrn und Heilandes Jesu Christi”, 4ª ed., Stuttgart 1857.

Comentários científicos:

- Adolf Schlatter: “Der Brief des Jakobus”, 2ª ed., Calwer Verlag, Stuttgart 1956.

- Martin Dibelius: “Der Brief des Jakobus” (in: “Kritisch-Exegetischer Kommentar über das Neue Testament”), 11ª ed., Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 1964.

Comentários de fácil compreensão:

- Adolf Schlatter: “Erläuterungen zum Neuen Testament”, Tomo 9, Calwer Vereinsbuchhandlung, Stuttgart 1938.
- Friedrich Hauck: “Die Kirchenbriefe” (vol. 10 de “Das Neue Testament Deutsch”), 5ª ed., Vandenhoeck & Ruprecht 1949.
- Johannes Schneider: “Die Kirchenbriefe” (vol. 10 de “Das Neue Testament Deutsch”), 10ª ed., Vandenhoeck & Ruprecht, 1967.
- Heinrich Rendtorff: “Hörer und Täter” (in: “Die urchristliche Botschaft”), Furche-Verlag, Hamburgo 1953.
- Eduard Thurneysen: “Der Brief des Jakobus”, Verlag Friedrich Reinhardt Basiléia, 3ª ed. 1959.
- Kurt Hennig: “Der Brief des Jakobus” (in: “Christus heute”), Kreuz-Verlag, Stuttgart 1956.

Estudos breves, porém úteis:

- Karl Hartenstein: “Sind wir wirklich Christen?” Evangelischer Missionsverlag, Stuttgart 1954.
- Walter Warth: “Der Brief des Jakobus” (in: “Stuttgarter Bibelhefte”), Quell-Verlag, Stuttgart 1959.

¹Grünzweig, F. (2008; 2008). *Comentário Esperança, Carta de Tiago; Comentário Esperança, Tiago* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.